

Pleasant programs!

"ONDAS MUSICAIS"

ON THE AIR
 every Tuesday, and on two Fridays each
 month from 1 to 2 o'clock p. m.
 55 minutes of musical entertainment
 and a few words on electricity.
 Complete programs are published in all
 the principal morning papers
 on the day of the broadcast.

LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE
 "SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"

Typ. Baptista de Souza — R. da Misericórdia 51

2\$ Mensageiro de N. S. Menina

Ano II

Setembro de 1941

Num. 17

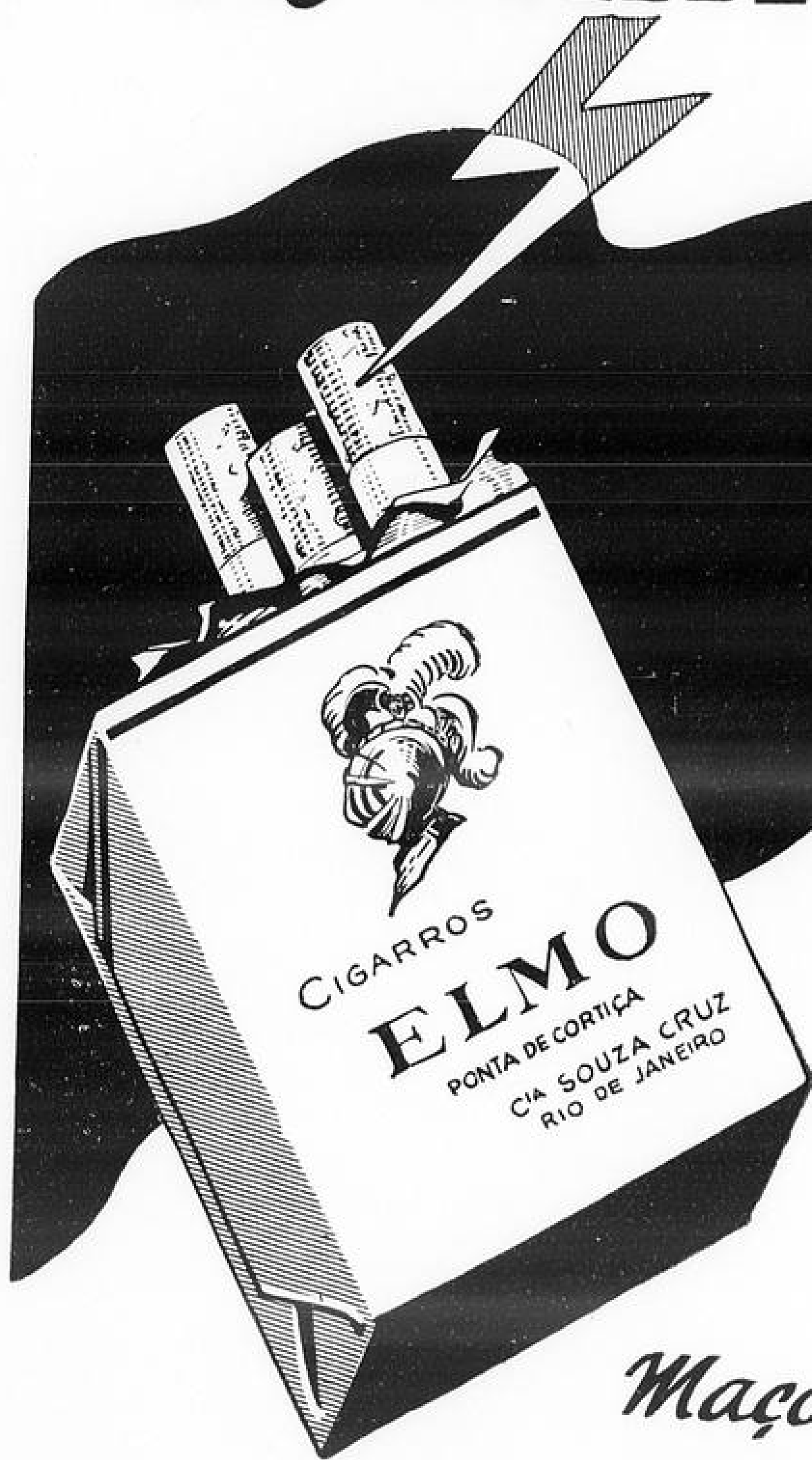
COGITATIONES CORDIS EJUS

Os pensamentos do seu Coração subsistem de geração em geração para livrar da morte as suas almas e para o sustentar na sua fome. E' o que S. E. Revma. o Sr. Cardial Guilherme O' Connell, Arcebispo de Boston, nos Estados Unidos, está conversando com Lord Halifax, no jardim da residência do grande apóstolo dos Estados Unidos, nos nossos dias, o Sr. Cardial O' Connell. Com efeito, podemos colocar nos seus lábios as palavras de S. Paulo Apóstolo aos Efésios: "A mim, o mínimo de todos os santos, foi dada esta graça de anunciar entre os gentios as riquezas incomensuráveis de Cristo. E de fazer sobressair para todos qual seja a economia do mistério escondido desde a origem dos séculos em Deus, que criou todas as coisas; para que os principados e as potestades nos céus conheçam pela Igreja a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio eterno, que fez em Jesus Cristo Nosso Senhor; em quem temos a liberdade e o acesso com confiança pela sua fé. Por esta causa dobro os meus joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome; para que vos conceda, segundo as riquezas da sua glória, que sejais poderosamente fortalecidos por seu Espírito no homem interior; que o Cristo habite pela fé em vossos corações arraigados e fundados na caridade; afim de que possais compreender com todos os santos qual seja a largura, e o cumprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que entendimento, para que de toda a plenitude de



BN
 3 339
 21

Com ponta
de CORTIÇA!



Maço 900ms.

CIA. SOUZA CRUZ

DELIO SA'

Mensageiro de N. S. Menina

ANO II

SETEMBRO DE 1940 — RIO DE JANEIRO

N. 17

Redação e Administração: Capela de N. S. Menina — RUA OTO DE ALENCAR, 20 — FONE 28-7823.

Escritório: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10-1.º and. — FONE 22-7368

DIRETOR: DOM CARLOS DUARTE COSTA (Bispo de Maura)

Coluna e fundamento da verdade

Jesús Cristo disse:

"Eu não trago a paz, mas a guerra. Eu vim separar o filho do pai, a filha da mãe, a nora do sogro, o espôso da espôsa porque acontece, bastantes vezes, que os familiares do homem são seus mais cruéis inimigos. Aquele que não aborrece seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs, e a sua própria vida, quando forem obstáculo à sua própria salvação, não pôde ser meu discípulo".

Não é tudo, repitamos ainda o terrível anátema tantas vezes esquecido: *"aquele que escandaliza o menor dos que crêm em mim, melhor lhe fôra que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho, e que o lançassem ao fundo do mar".*

Nas idades de fé, quando o catolicismo não era representado por espíritos comodistas, que procuram saber primeiro qual o pensamento dos que dominam para torcerem numa falsa prudência, toda humana, o senso cristão dos acontecimentos sociais, o grande grito era este:

"Cortai, queimai, ó meu Deus, neste mundo que passa, contanto que ponheis na eternidade Hic ure, hic secca, modo in aeternum parcas".

E note-se bem que não é só a Igreja católica, é o Evangelho, é Jesús Cristo, que nos impõem o dever sagrado de defender a fé e a fé dos outros a preço de todos os sacrifícios, si preciso fôr. Ninguém tem o direito de dizer que Jesús Cristo é doce,

que o Evangelho é bom, que só a Igreja foi cruel.

O dogma formidável que prescreve sacrificar sua própria vida, tudo o que há de mais excelente e precioso no mundo, com mais razão prescreve o sacrifício dos bens secundários, quando se tornam obstáculo à salvação.

Acceptai o cristianismo tal qual é, ou repeli-o sem mesmo o discutir. Para aqueles que não crêm na vida futura, no céu, no inferno, o cristianismo não tem alvo, não existe, nem pôde existir. Mas aqueles que crêm em Jesús Cristo, na imortalidade da alma, na eternidade feliz ou desgraçada, estariam em contradição aberta consigo mesmos e com a sua fé, si hesitasse em sacrificar a vida futura, quando é necessário, a vida presente com todos os seus bens, os direitos do homem, a liberdade, a fortuna e toda essa vida comodista dos falsos católicos, que têm a sua ação nos lábios, mas na hora fogem, trocando o bem estar de uma praia, de um cinema, de um passeio, de uma visita, pelo cumprimento dos seus deveres.

Nisto assenta toda a filosofia do cristianismo.

Si nos colocarmos neste ponto de vista, veremos desvanecerem-se todas as dificuldades. A separação da Igreja e do Estado, o estado ateu, a igualdade de todas as crenças perante a lei, a liberdade de cultos, a liberdade de pensar, o livre exame, a liberdade de consciência, a liberdade de imprensa, podem ser uma necessidade dos tempos, em razão do estado dos espíritos e das vontades; mas,



Veneza — Palácio dos "Doges" — Jesus no horto —
P. Veronese.

evidentemente, esta necessidade serve mal os interesses eternos dos povos.

Esta sêde de independência prova que a fé está enfraquecida e satisfazê-la é em realidade querer enfraquecê-la mais.

Poderia-se até dizer sem exageração que este estado dos espíritos é já o triunfo definitivo da vida presente sobre a futura, do tempo sobre a eternidade.

Querer forçar a fé a reconhecê-lo e a proclamá-lo como ordem normal e regular das sociedades cristãs, seria condená-la fatalmente a renegar-se e ao suicídio.

A Igreja católica, depositária e intérprete da fé, foi instituída por seu divino fundador neste escopo: *que seus fiéis discípulos encontrem por ela e em seu seio os meios conducentes ao céu*. Ela não existe, pois, senão em vista da salvação das almas e da eternidade. Tirai a eternidade, tirai a salvação das almas, e a Igreja não terá mais razão de ser! Como aceitaria, como havia de repelir com uma energia divina o que a fizesse mentir a seus celestes destinos, o que a colocasse na impossibili-

dade maior de salvar as almas que seu divino fundador lhe confiou? E note-se o que a Igreja não pôde aprovar, o que ela repele, não é o fato, mas o direito ou o princípio.

Que um governo, que se diz ainda cristão, decrete a separação absoluta da Igreja e do estado, a igualdade de todos os cultos perante a lei, o pleno exercício de todas as liberdades, eis o fato. Que a separação da Igreja e do estado, que a igualdade de todos os cultos perante a lei, o pleno exercício de todas as liberdades sejam um bem, e caracterizem um governo mais perfeito, porque dão satisfação às exigências dos povos e dos tempos, é a questão de direito ou de princípio. O fato, esse deixa a Igreja à responsabilidade dos governos, não sem os ter caridosamente advertido do perigo: aceita-o, quando é completo e consumado. Quanto ao direito ou ao princípio, esta emancipação absoluta do estado e dos indivíduos é fatal, e deve declará-lo altamente. Os adversários da Igreja são os primeiros a reconhecer que o direito novo lhe é hostil.

Não o reclamam em altos gritos, não se insurgem para o conquistar senão para chegarem a desembaraçar-se dela, e a fazer-lhe perder o império sobre os espíritos e os corações. Exigir que o aprove seria forçá-la a que apostatasse covardemente. Mais valerá mil vezes usar contra ela de todas as medidas de rigor. Pretender numa palavra que ela saia da questão de fato para que entre na questão de direito é praticar uma odiosa tirania, um atentado violento contra a liberdade de consciência e contra a fé.

Pôde acontecer que um governo liberal, ou mesmo revolucionário, seja uma das fatais necessidades de nossa época, porque a maioria dos indivíduos não quer ser governada de outra sorte. Constituindo designadamente para administrar os interesses materiais e morais, o poder civil é forçado por vezes a ceder às exigências que se não forem satisfeitas, o tornariam odioso e impossível.

Insurgir-se-á a Igreja contra essas concessões fatais? Acirrará seus filhos contra estes governos revolucionários? excomungá-los-á? dispensará na obediência que lhes é devida? recusar-lhes-á o juramento de fidelidade? Não!

Ela não cessará de ver nestes poderes revoltados os depositários da autoridade divina; dirá a seus filhos: Sede submissos às autoridades que vos governam, porque não há autoridade que não venha de Deus. Aquele que resiste aos poderes estabelecidos resiste à ordem de Deus e aquele que resiste à ordem de Deus, atrai sobre si a condenação. Submetei-vos não por temor, mas por consciência. Pagai-lhes o tributo, como ministros de Deus, porque o servem governando. Dai a cada

um o que lhe é devido: o imposto, a quem tem direito de o estabelecer; o tributo, a quem tem o direito de o perceber; o temor, a quem está em posição de o inspirar; a honra, a quem traz as insignias da autoridade. Enquanto os governos não exigirem coisa contrária à fé ou à salvação eterna, acharão nos seus súditos católicos os mais fiéis e submissos às leis. Si o que se lhes ordenar, for contrário à sua fé, recusarão fazê-lo, e renovarão esse grito sublime dos apóstolos: *Não podemos. É para nós um dever sagrado obedecer a Deus primeiro que aos homens*. Mas não se rebelarão, nem pegarão em armas; ao contrário, estenderão o pescoço ao cutelo, ainda quando formem uma legião, como a tebana ou fulminante.

Cedam embora os governos, si se crêm forçados, à fatalidade que os arrasta; constituam-se revolucionariamente, dêem largas aos direitos do homem em toda a sua plenitude e exageração; a Igreja não se armará de espada, nem mesmo da espiritual.

Si a liberdade se quiser intrometer nela, a Igreja ficará; ageitar-se-á quanto possível à nova ordem de coisas; ocupará um lugar tão apertado, quanto lho quiserem dar, feliz por se poder consagrar à maior glória de Deus, à salvação das almas, ao bem dos próprios governos.

Em resumo, a Igreja aceita resignada o fato, porque o fato deve tolerar-se, e sua divina missão basta para que procure a salvação das almas debaixo de todos os governos; fica, porém, inflexível nos princípios.

Dentro desta doutrina, é bem compreensível a condenação do "nazismo" como perversão das consciência na salvação eterna das almas. É a Igreja repetindo pela voz autorizada do imortal Pio XI: *"In his, quae Patris mei sunt, oportet me esse"*.

Já que, na medida da fé distribuída a cada um, como diz S. Paulo, as almas formam um só corpo com Cristo, compenetradas da sabedoria eterna, que não pôde conformar-se com as máximas do mundo, regulamos a nossa vida pelos ensinamentos deixados por Cristo e, por isso, abraçamos carinhosamente a nossa Mãe, a Santa Igreja, e repelimos a ousadia do Nazismo, querendo arrancar das almas a genuína fé na Igreja de Cristo:

"A fé em Jesus Cristo não permanecerá pura e incontaminada, si não for mantida e defendida na Igreja, coluna e fundamento da verdade (1 Tim. v. 3-15).

Cristo mesmo, Deus eternamente bendito, levantou esta coluna da fé: seu mandamento de ouvir a Igreja (Math. XVIII, 17) e de sentir, através de suas mesmas palavras e os seus mesmos



VENEZIA — Palácio dos "Doges".
— O "Doge" Grimani ajoelhado
diante da Cruz, símbolo da religião.

mandamentos (Luc. X, 16), vale para os homens de todos os tempos e de todas as regiões. A Igreja, fundada pelo Salvador, é única para todos os povos e todas as nações e, sob as suas abóbadas que se dobram, como o firmamento, sobre todo o universo, encontram lugar e asilo todos os povos e todas as línguas, e podem desenvolver-se todas as propriedades, qualidades, missões e tarefas que foram por Deus, criador e salvador, determinadas aos indivíduos e às sociedades humanas. O amor materno da Igreja é tão amplo que vê, no desenvolvimento conforme à vontade de Deus de tais peculiaridades e tarefas particulares, antes a riqueza da variedade do que o perigo das cisões; goza do elevado nível espiritual dos indivíduos e dos povos, avista com alegria e maternal altivez em suas genuínas atuações frutos de educação e de progresso, que abençoam e promovem todas as vezes que o pôde segundo a verdade. Mas sabe também que esta verdade são marcados limites pelo mandamento da majestade divina, que quis e fundou esta Igreja, como unidade inseparável em suas partes essenciais. Quem atenta contra esta unidade, arranca à esposa de Cristo um dos diademas com que Deus mesmo a coroou: submete o edifício divino, que assenta sobre fundamentos eternos, a novo exame e à transformação por parte de arquitetos, a quem o Pai celeste não concedeu poder algum.

A divina missão, que a Igreja desempenha entre os homens, e deve cumprir por meio de homens, pôde ser dolorosamente deslustrada pelo humano, muitas vezes demasiadamente humano que, em certos tempos, repulula quasi como eizânia no meio



do trigo do reino de Deus. Quem conhece a palavra do Salvador a respeito dos escândalos e aqueles que os perpetram, sabe como a Igreja e cada indivíduo deve julgar o que foi e é pecado. Mas quem, baseando-se sobre estes lastimáveis contrastes entre fé e vida, entre palavra e ação, entre atitude exterior e o sentimento interior de alguns — e fossem muitos — okida ou conscientemente silenciosa, o imenso cabedal de genuíno esforço pela virtude, o espírito de sacrifício, o amor fraterno, o heroísmo de santidade em tantos membros da Igreja, manifesta uma cegueira injusta e reprovável. E quando se vê em seguida que aquela rígida medida, com a qual julga a detestada Igreja, é posta de lado quando se trata de sociedades outras, dele próximas por sentimentos ou interesse, torna-se então evidente que, mostrando-se ferido no seu presumido senso de pureza, patenteia-se semelhante aqueles que, conforme a palavra cortante do Salvador, enxergam o argueiro no olho do irmão, mas não têm a trave no seu próprio. Menos pura igualmente é a intenção daqueles que põem como fim de sua vocação mesmo aquilo que de humano se acha na Igreja, por vezes fazendo disso um duro negócio, e embora o poder daquele que é condecorado com a dignidade eclesiástica, repousando em Deus não dependa da sua elevação humana e moral, não há época alguma, porém, nem indivi-

duo, nem sociedade, que se não deva examinar honestamente a consciência, purificar-se inexoravelmente, renovar-se profundamente no sentir e no operar. Em Nossa Encíclica sobre o "Sacerdócio" e "Ação Católica", com súplice insistência chamamos a atenção de todos os que pertencem à Igreja e, sobretudo, dos Eclesiásticos, dos Religiosos, e dos leigos, que colaboram no apostolado, sobre o sagrado dever de pôr fé e obras naquela harmonia exigida pela lei de Deus e requerida pela Igreja com tão incansável insistência. Hoje também repetimos com gravidade profunda: não basta sejam incluídos na Igreja de Cristo, é necessário que sejam membros vivos dessa Igreja, em espírito e verdade. E esses são somente aqueles que estão na graça do Senhor e continuamente andam à presença dEle, quer na inocência, quer na penitência sincera e operosa. Si o Apóstolo das gentes "o vaso de eleição" mantinha seu corpo sob o látigo da mortificação, afim de que, depois de ter pregado aos outros, não fosse ele mesmo reprovado, poderá admitir-se porventura que aqueles, em cujas mãos estão colocados a guarda e o incremento do reino de Deus, sigam caminho diferentes da íntima união do apostolado e da própria santificação? Assim somente patentear-se-á aos homens de hoje e em primeira linha aos opositores da Igreja, que o sal da terra com o fermento do Cristianismo, não se tornou ineficaz, mas é poderoso e preparado para trazer a renovação espiritual e o rejuvenescimento áqueles que laboram em dúvida e erro, na indiferença e na perturbação do espírito, no relaxamento da fé e no afastamento de Deus, de quem eles creiam nEle ou não-têm mais necessidade do que nunca. Uma Cristandade, em que todos os membros sejam vigilantes sobre si mesmos, que expile toda tendência para o que é puramente exterior e mundano, e se atenha seriamente aos mandamentos de Deus e da Igreja e, consequentemente, se conserve no amor de Deus e na caridade industriosa para com o próximo, poderá e deverá ser exemplo e guia para o mundo profundamente enfermo, que procura amparo e direção, si não quer que sobrevenha um imenso desastre ou indescrevível decaimento.

Toda reforma genuína ou duradoura tem sua origem no santuário, em homens inflamados e movidos pelo amor de Deus e do próximo; os quais pela sua grande generosidade em corresponder a todo apelo de Deus e em aplicá-lo antes de tudo a si mesmos, crescidos em humildade e com a segurança de que se sente chamado por Deus, iluminaram e renovaram seus tempos. Onde o zelo de reforma não promanou da pura fonte da integridade pessoal, mas foi consequência da explosão de impulsos passionais, em vez de iluminar, ofuscou, em vez de construir, destruiu, e foi frequentemente

te ponto de partida de erros ainda mais funestos do que os prejuízos, a que se quis ou se pretendia remediar. De certo, o espírito de Deus sopra onde quer (Jo. III, 8); das pedras pôde suscitar os executores de seus designios (Math. III, 9; Luc. III, 8), e escolhe os instrumentos da sua vontade segundo os seus planos, não segundo os dos homens. Mas Ele fundou a Igreja e lhe deu vida no dia de Pentecostes, não espedacou a estrutura fundamental da salutar instituição, por Ele mesmo querida. Quem está impulsionado pelo espírito de Deus, guarda por isso mesmo uma atitude exterior e interior respeitosa para com a Igreja, nobre fruto da árvore da Cruz do Espírito no Pentecostes, ao mundo necessitado de guia.

Nas vossas regiões, Veneráveis Irmãos, vozes se elevam em coro cada vez mais forte, que concitam a sair da Igreja e surgem pregadores que, por sua posição oficial, procuram despertar a impressão que tal afastamento da Igreja e, consequentemente, a infidelidade para com Cristo Rei, seja um testemunho particularmente convincente e meritório de sua fidelidade ao atual regime. Com pressões ocultas e patentes, com intimidações, com perspectivas de vantagens econômicas, profissionais, cívicas e outras, o apego à fé dos católicos e, especialmente, de algumas classes de funcionários católicos, é submetido a uma violência tanto ilegal como inhumana. Com emoção paterna Nós sentimos e sofremos profundamente com aqueles que pagaram com tão caro preço sua fidelidade a Cristo e à Igreja; mas, enfim, chegou a tal ponto que está em jogo o fim último e mais elevado, a salvação ou a perdição e, portanto, único caminho de salvação para o crente não fica outro senão o de um generoso heroísmo.

Quando o tentador e o opressor dEle se aproximam com as traiçoeiras insinuações de sair da Igreja — então ele não poderá senão contrapor-lhe, mesmo a preço dos mais graves sacrifícios terrenos a palavra do Salvador: Vai-te, Satanaz, porque está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e a Ele só servirás (Math. II, 10; Luc. II, 8); ao contrário se dirigirá à Igreja com estas palavras: "O' tu, que és minha Mãe, desde os dias da minha primeira infância, meu conforto na vida, minha advogada na morte, pegue-se minha língua ao meu paladar, si eu, cedendo a lisonjas terrenas ou a ameaças, fosse posto na condição de trair minha promessa baptismal. Aqueles, pois, que se lisonjeiam de poder conciliar com o abandono externo da Igreja a fidelidade anterior à mesma, sirva de severa admoestação a palavra do Salvador: "aquele que me negar diante dos homens, será negado diante de meu Pai, que está nos Céus" (Luc. XII, 9)".



O sangue de Jesus

Grande era a devoção de S. Filipe Neri ao Sangue preciosíssimo de Jesus Cristo.

Era seu costume encher bem de vinho o cálice na santa missa, para que as sagradas espécies permanecessem no seu coração mais tempo.

Os fiéis observaram que, depois da consagração na missa, o cálice ficava cheio de puro Sangue, de maneira que não se admiravam que, na hora da comunhão, ele absorvesse com tanta força que o cálice chegava a perder não somente o dourado, como o próprio prateado e comungava com tanto afeto e devoção, que o seu rosto empalidecia de tal maneira que parecia mais morto do que vivo, arrancando as lágrimas dos que assistiam a santa missa.

E pedia a Nosso Senhor que, não podendo derramar o seu sangue por Ele, ao menos fizesse que da sua boca e do seu nariz jorrasse sangue, afim de pagar sangue com sangue. E foi atendido nesse seu santo desejo, perdendo muitas vezes tanto sangue, que chegava a desaparecer o brilho dos seus olhos e a ficar sem pulso.

Que grande valor tem o santo sacrifício da missa!

Ali está presente o mesmo Jesus, que derramou todo o seu preciosíssimo sangue na cruz para a salvação de nossas almas.

O Mensageiro de N.S. Menina



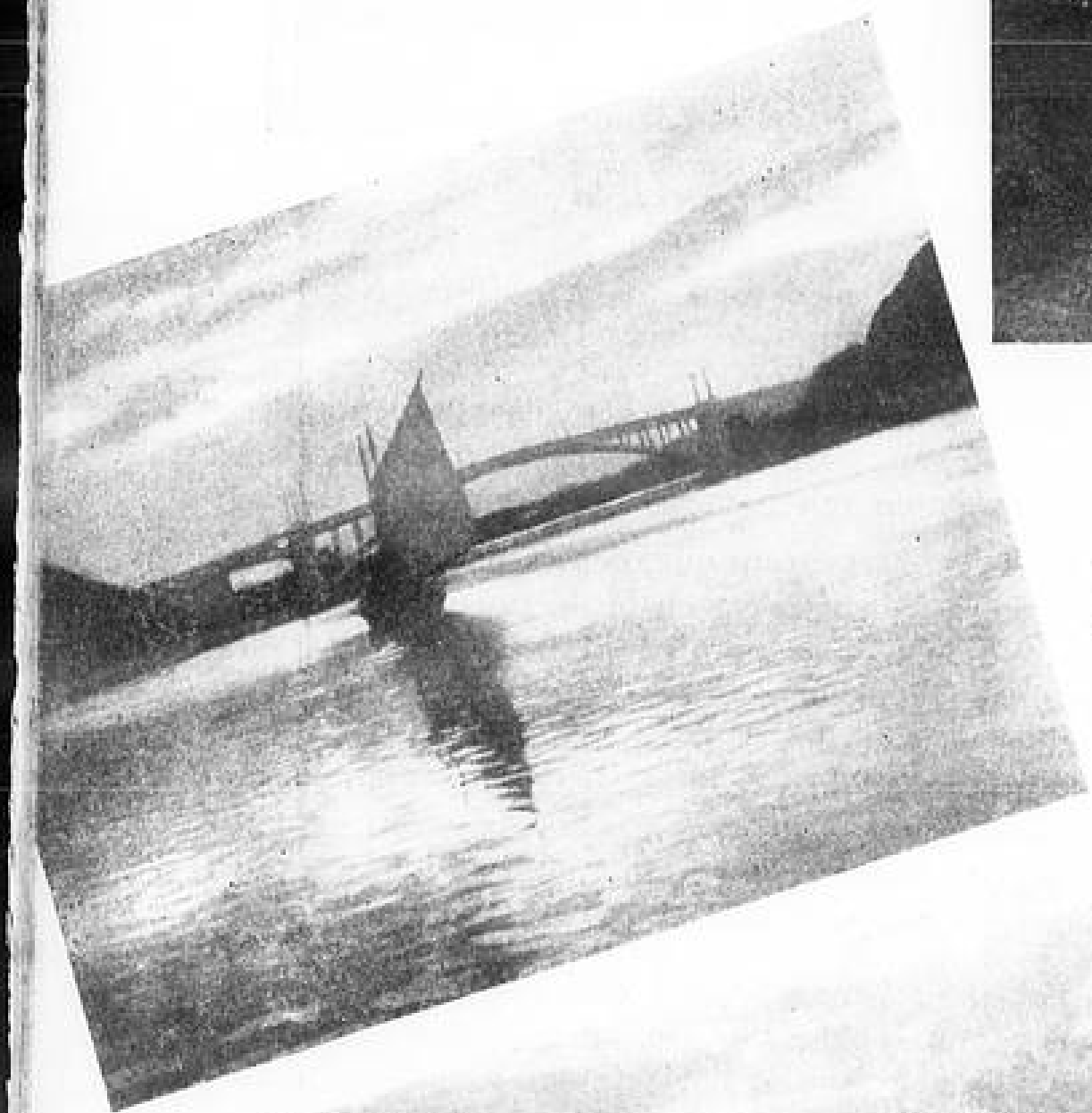
Senhor Morto.

EM

Adail Bento Costa, diplomado pela Escola de Belas Artes, de Porto Alegre, restaurando a Arte Sacra, em Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro.



CABO FRIO



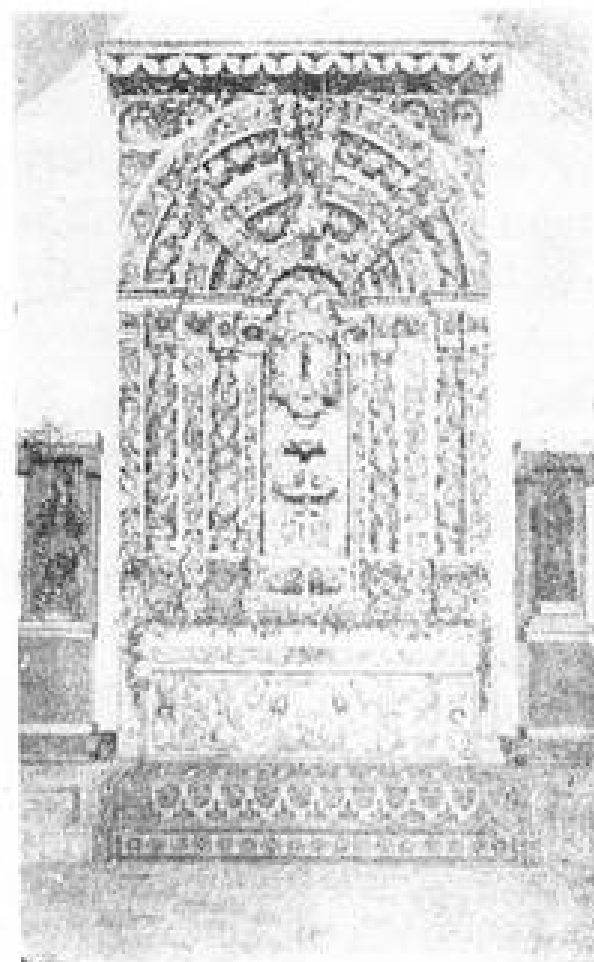
N. S. Aparecida.
A ponte, magnífico trabalho da Engenharia Brasileira.



N. S. Aparecida.



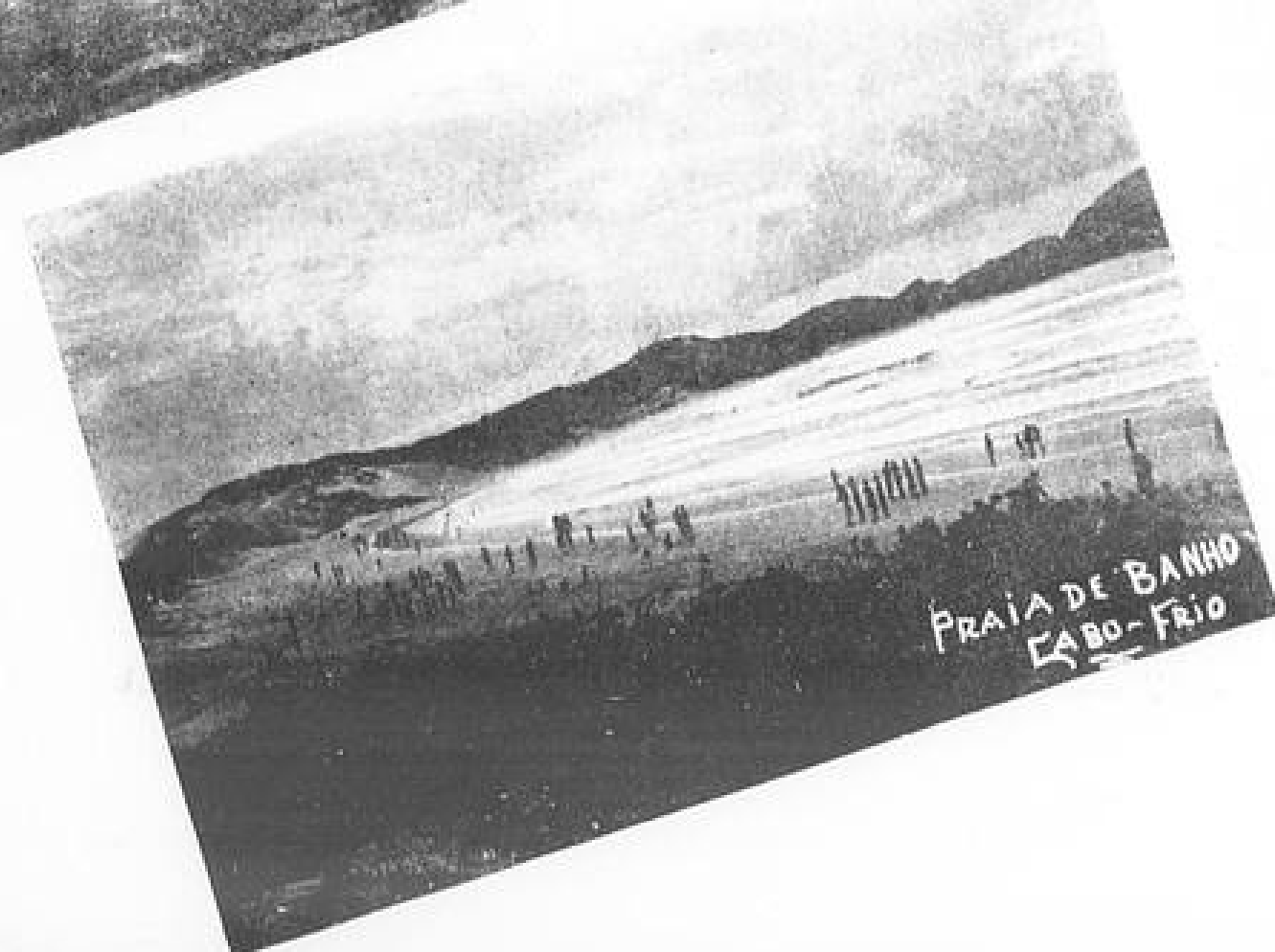
Parde central da Sacristia



Riquíssimo Altar, verdadeira obra de arte



Recanto da Sacristia.



PRAIA DE BANHO
CABO-FRIO

Para que todo o Brasil Saiba...

Resenha dos fatos mais importantes — NOSSO COMENTÁRIO

O Dia da

Pátria



Ao Marechal Duque de Caxias, glória do Exército e da Pátria, nossas homenagens, na semana que a Pátria lhe consagra

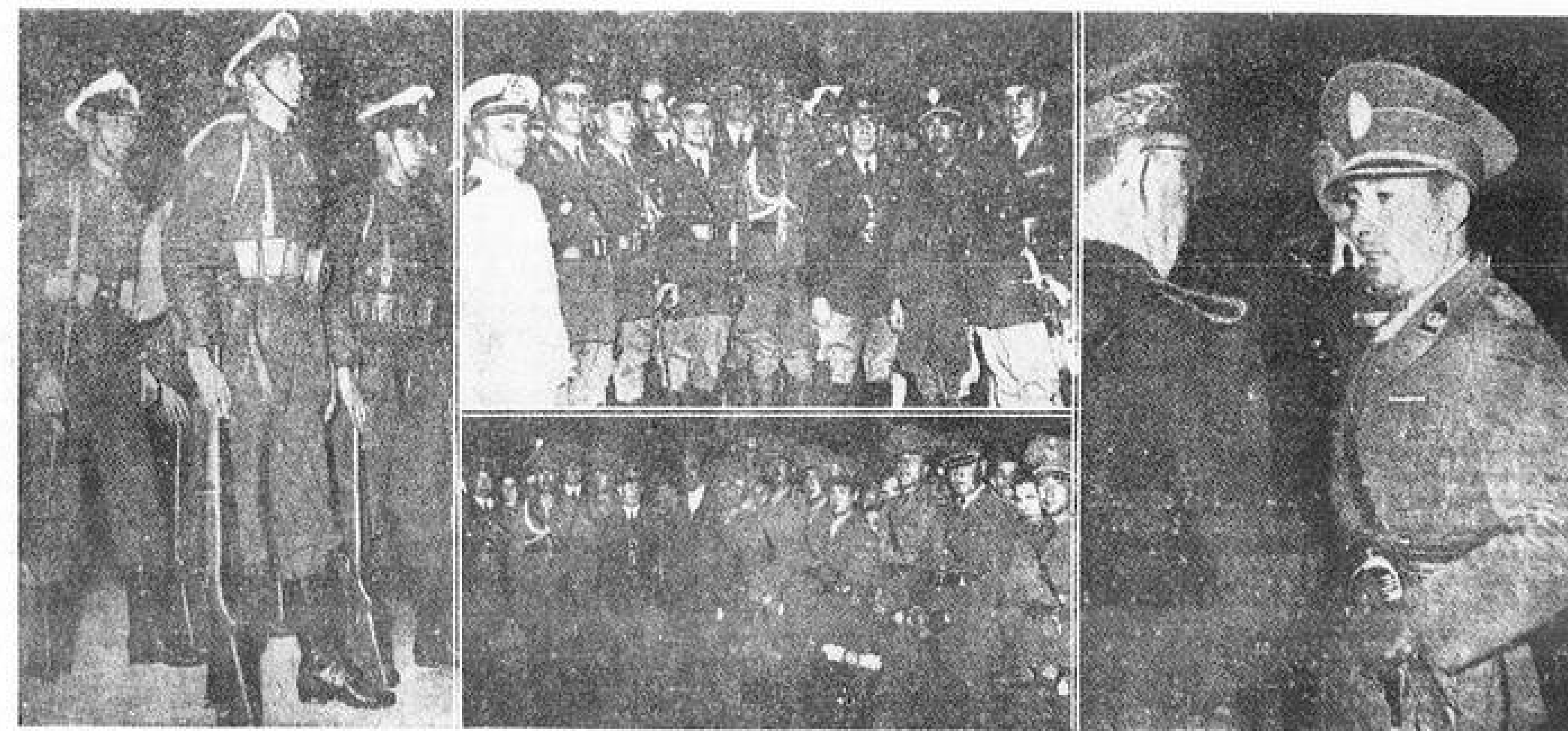
Na hora da Independência, assinou a Pátria o Presidente Getúlio Vargas.

Brasilenses!
"Conforta o coração de quantos nasceram ou vivem nesta fecunda e hospitaleira terra, apreciar, em dia como este, o entusiasmo viril do nosso povo, visto integrado nas demonstrações de júbilo cívico da mocidade e dos nossos soldados, aplaudindo-os e comemorando os feitos dos nossos heróis, na firme disposição de lutar, se as circunstâncias assim o exigirem."

Vejo com grande alegria tão vigoroso renascimento da consciência nacional. O povo brasileiro, de Norte a Sul, em todos os quadrantes, nas mais distantes cidades, nos povoados mais longínquos, reverenciando a memória dos seus pró-homens, mobilizado, unido e pronto a tudo empreender pelo engrandecimento da Pátria. As festividades que outrora tinham o cunho formalístico das comemorações puramente convencionais, assumem, hoje, caráter amplo e sugestivo de

verdadeiras consagrações coletivas. Todos participam do regozijo nacional. Todos os espíritos bem formados transparecem o orgulho de ser brasileiro e trabalhar pelo progresso comum. Felizmente não chegou o momento de pôr à prova as nossas reservas de energia moral e ação patriótica. Ainda gozamos de tranquilidade para trabalhar e produzir e, neste centésimo décimo nono aniversário do grito da Independência, a família brasileira pôde reunir-se e celebrar a data magna da nacionalidade sem lutos e sem agitações. O panorama da vida de outras nações, em outros continentes, é, entretanto, diferente e constrangedor. O povo e o Governo do Brasil têm sabido, na difícil emergência que atravessamos, conservar a equanimidade, guardando serenamente, evitar os perigosos choques de forças que tantas desgraças e tristezas vêm causando à humanidade.

Somos uma Nação pacífica e o nosso maior empenho consiste em permanecer afastados das terríveis



Flagrante da chegada dos cadetes paraguaios a esta Capital. À esquerda, grupo de alunos da Escola Militar de Assunção, logo após seu desembarque na Estação D. Pedro II. Ao centro, na superior, autoridades do Exército e da Marinha do Brasil, recepcionando os representantes das Forças Armadas do Paraguai. Ao centro, em baixo, um grupo de oficiais da nação irmã, entre os generais Góes Monteiro, Silva Júnior e Francisco José Pinto. À direita, o coronel Andrés Aguilera, em palestra com o general Valentim Benício.

contingências da guerra. Não damos nem alimentamos motivos para vinditas ou desagravos de outros povos. Não podemos, porém prever como se desenrolarão os acontecimentos, em que condições seremos chamados a participar dos mesmos e qual o quinhão de esforço que exigirá de nós a reforma do mundo civilizado. Não nos ficamos, por consequência, ilusões otimistas e preparamo-nos para enfrentar as piores eventualidades. É preciso manter alertados os espíritos, é preciso que o patriotismo exalte os nossos sentimentos e a disciplina das nossas atividades se torne cada vez mais estreita e mais firme. Só assim estaremos em condições de mobilizar, a qualquer momento, os nossos recursos materiais e valores morais a serviço da própria defesa ou em função dos nossos compromissos na obra de cooperação panamericana. O imperativo da união nacional continua sendo a nossa palavra de ordem. Não há, na conjuntura difícil da nossa época, lugar para as salvação individuais, para os privilégios de poucos, para as vantagens de grupos ou facções. Os interesses da coletividade sobrepõem-se aos interesses pessoais. Quando existe a iminência de perigo não é possível atender reivindicações particulares, nem admitir situações excepcionais edificadas à custa do sacrifício da maioria da população. Não devemos esquecer a lição recente dos acontecimentos: — ou se salvam todos os perigos todos. A Nação compreende e aplaude a atitude mantida até agora pelo Governo. A mesma serenidade deve ser observada daqui por diante, nesta verdadeira vigília de armas a que se submetem os povos que querem sobreviver livres e soberanos. Tudo empunharemos para que a tranquilidade dos lares, a ordem no trabalho, o constante esforço para progredir não sejam perturbados. Estas palavras de confiança e de firmeza dirigidas aos brasileiros creio que também podem ser ouvidas pelos demais povos irmãos da América. A união nacional é uma premissa da união continental. Para que possamos guardar o nosso estilo de vida, as características profundas herdadas dos nossos maiores, a forma essencial da nossa civilização, impõe-se suprimir as possibilidades de querê-la, apagar os ressentimentos e desfazer os recelos impróprios de vizinhos que se estimam. As nossas armas nunca deverão voltar-se contra irmãos; a preparação bélica dos povos americanos é defensiva e, propriamente, não pertence somente à Nação que a detém — pertence a todos e constitui o arsenal do Continente. Não está no espírito, como não está na linha política da América, agredir nenhum povo ou violar o direito de outrem. O que existe, entretanto, arraigado no coração de todos, das praias do Atlântico às do Pacífico, é o sentimento da inviolabilidade do patrimônio continental. Qualquer agressão, venha de onde vier, há de encontrar-nos formando o bloco mais numeroso da nacionalidade que já constituiu uma aliança defensiva, Brasileiros! — A presença das brilhantes delegações de povos vizinhos e as mensagens calorosas recebidas de todas as nações deste Hemisfério demonstram uma perfeita compreensão dos nossos objetivos de progresso e da sinceridade da nossa conduta política. As representações da Argentina e do Paraguai — a primeira chefiada pelo seu ilustre Ministro da Guerra e ambas trazendo o escalão da sua juventude militar — mostram, ainda, a edificante confraternização das nossas armas. Neste glorioso 7 de Setembro cheio de vibração cívica, conceito o povo brasileiro a continuar disciplinado e coeso, laborioso e confiante, porque, mesmo através de riscos e provações, saberemos manter bem alta e inviolável a dignidade da Pátria.

É a palavra prudente, sensata, apontando o rumo que a nação deve seguir numa hora cheia de apreensões, como a presente, enfim é o Presidente, penetrando das grandes responsabilidades do Chefe de Estado.

Não somente o povo brasileiro, mas a comunidade das nações amigas, sobretudo da América, demonstra a alegria de que se acha possuído pelo transcurso de efeméride máxima da Pátria, que lembra a entrada do nosso país para a sociedade das nações livres da terra.

Quando examinamos a obra realizada nestes cento e dezesseis anos, temos justos motivos de orgulho.

Construímos nesse espaço de tempo, muito breve na vida dos povos, um imenso país de sólida estrutura, uno e em pleno vigor e desenvolvimento.

Cerca de quarenta e cinco milhões de seres aqui vivem, associados nacionais e estrangeiros, no espírito de pacífica e fraternal colaboração, e juntos, desde os primeiros dias da Independência, se entregaram à obra de construção que prossegue em ritmo cada vez mais célere.

Dezenas de grandes cidades modernas, caminhos de ferro e rodovias cortando as vastidões do território, portos e canais, imensas zonas saneadas, universidades e escolas, cultura e civilização unidas a um constante progresso, representam o patrimônio que oferecemos ao mundo como contribuição do nosso

trabalho e justo título à grande terra que possuímos, por herança dos nossos maiores.

Em esplêndido livro, "O País do Futuro", o grande escritor Stephen Zweig fez o retrato material e moral do Brasil. Mostrou o sentido da nossa formação racial, a bondade inata da gente, o exemplo raro da nossa convivência social, a educação e a decência, essas virtudes que não diminuem a energia, nem prejudicam o poder da criação e constituem, no entanto, um elemento singular de beleza, retidão nacional e bom senso coletivo.

Conseguimos vencer obstáculos sem conta para construir a obra que hoje celebramos. Não é preciso enumerar quais foram as dificuldades transpostas pelo povo brasileiro nestes quase cento e vinte anos de independência. Basta considerar que a nossa civilização se desenvolve num clima tropical e não há exemplo de outra que, nestas condições, tenha atingido a tais alturas e se vote a tão grandes promessas.

Nenhum país da terra, das proporções territoriais do nosso apresenta tal unidade, que se estende a todos os fatores da vida coletiva: a religião, a língua, a cultura o sentimento democrático e esse desejo de viver juntos, que fala do verdadeiro fundamento da união nacional.

Festejamos a nossa festa máxima numa hora de arribulações e amargores. Mas é também uma satisfação verificar que o fazemos num continente ainda pacífico e unido e que os nossos grandes e bons vizinhos vieram, por importantes e ilustres delegações civis e militares, dividir as nossas alegrias e sentir junto de nós o quanto o amamos. Neste dia da Pátria, todas as forças vivas do Brasil reafirmaram o princípio da unidade nacional, de independência e da soberania, como asseguram de novo a sua fé democrática e a sua solidariedade continental como base da política externa.

Queremos viver em paz, como até aqui temos vivido, com todos os povos, cuidando do nosso trabalho, sob a égide dos princípios que nortearam os nossos maiores estadistas e soldados, que fundaram a nacionalidade e a conservaram pelo ideal e pelo trabalho.

Ao mesmo tempo repetimos a promessa da nossa comunidade com a América, dispostos a defendê-la, para honra das atuais gerações americanas e benefício de toda a humanidade.

Brilhantes estiveram todas as festas:

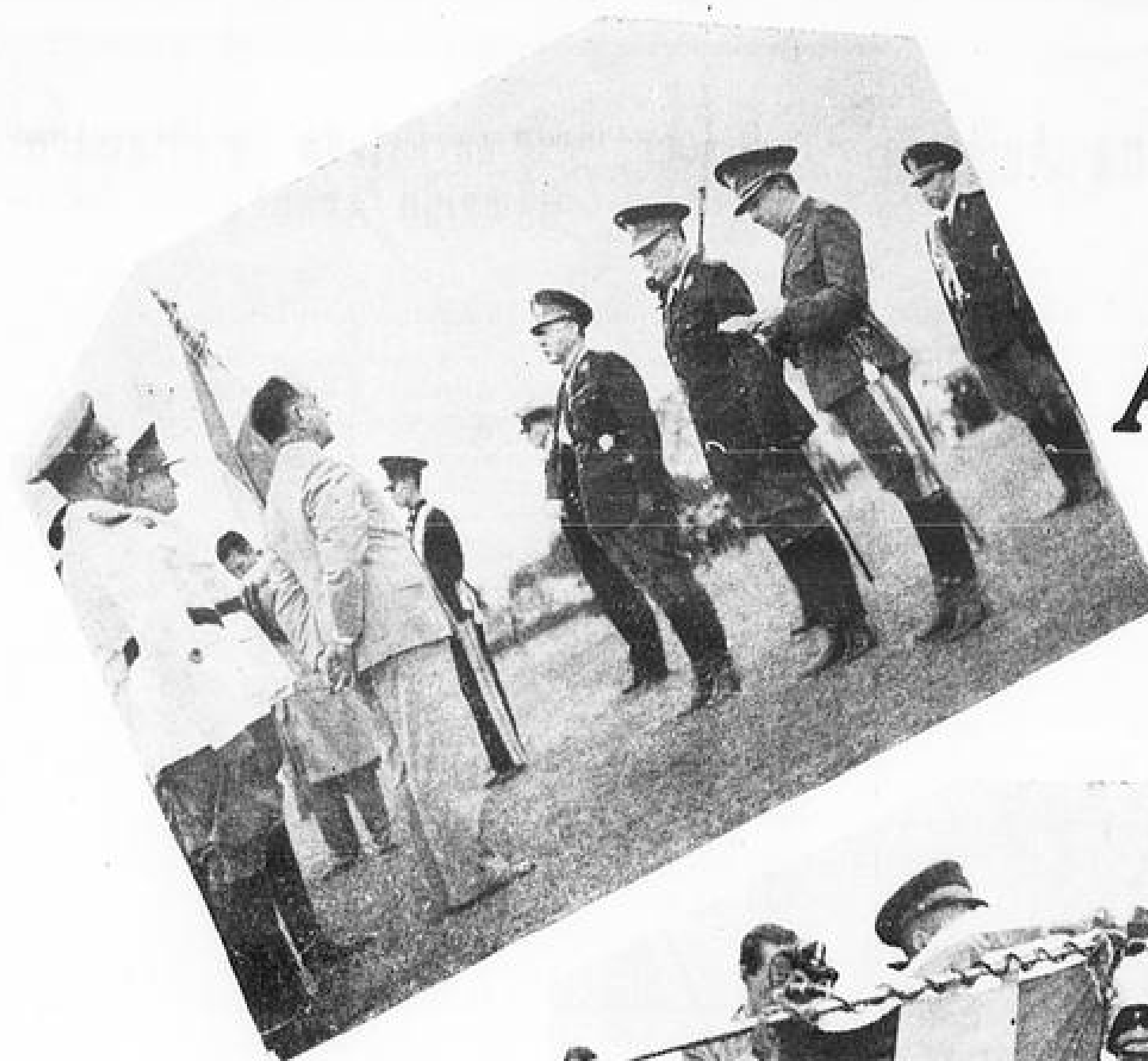
O desfile da juventude foi um espetáculo de beleza cívica, constituindo uma verdadeira parada, na qual trinta e cinco mil escolares e atletas desfilaram, perante incalculável multidão, em homenagem ao Chefe de Estado, ladeado das altas autoridades e delegações estrangeiras, atraindo a simpatia geral os generais Tomazzi e Pierrosegui, e ainda mais os cadetes paraguaios e argentinos. A parada militar foi a mais bela, desfilando as tropas garbosamente, tendo à frente o general Silva Júnior, comandante em chefe das forças em formação. A proporção que as tropas vão passando diante da tribuna presidencial, o povo aplaude. A gloriosa marinha nacional lá estava representada por dois batalhões do "Minas Gerais" e do "São Paulo". O grupamento das forças escolares vinha comandado pelo Inspetor do Ensino do Exército, general Isauro Reguera, encabeçado pelos garbosos cadetes argentinos e paraguaios, e nossos cadetes e aspirantes navais. Os cadetes do Realengo, como também a juventude militar dos dois países amigos, arrancam palmas entusiasmadas da multidão, com o espetáculo lindíssimo da exibição de todas as bandeiras do Brasil, desde o descobrimento. Encerrava esse grupamento o conjunto do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.

Imponente foi o espetáculo cívico da "Hora da Independência", com a concentração de 35.000 crianças no Estádio do Vasco da Gama. O brilho dessa festa excedeu toda expectativa. Foi uma solenidade grandiosa e empolgante. O Estádio ficou literalmente repleto, estendendo-se a multidão pelas ruas adjacentes. Lá estava todo o Ministério, o Corpo Diplomático, as missões militares argentina e paraguaia. Às 16 horas, sob aclamações populares, chega o Exmo. Sr. Presidente da República e as crianças agitam as suas bandeirinhas. Era o Brasil vivo, vívido no entusiasmo de seus filhos, que se esforçam por um Brasil ainda maior no concerto das nações.

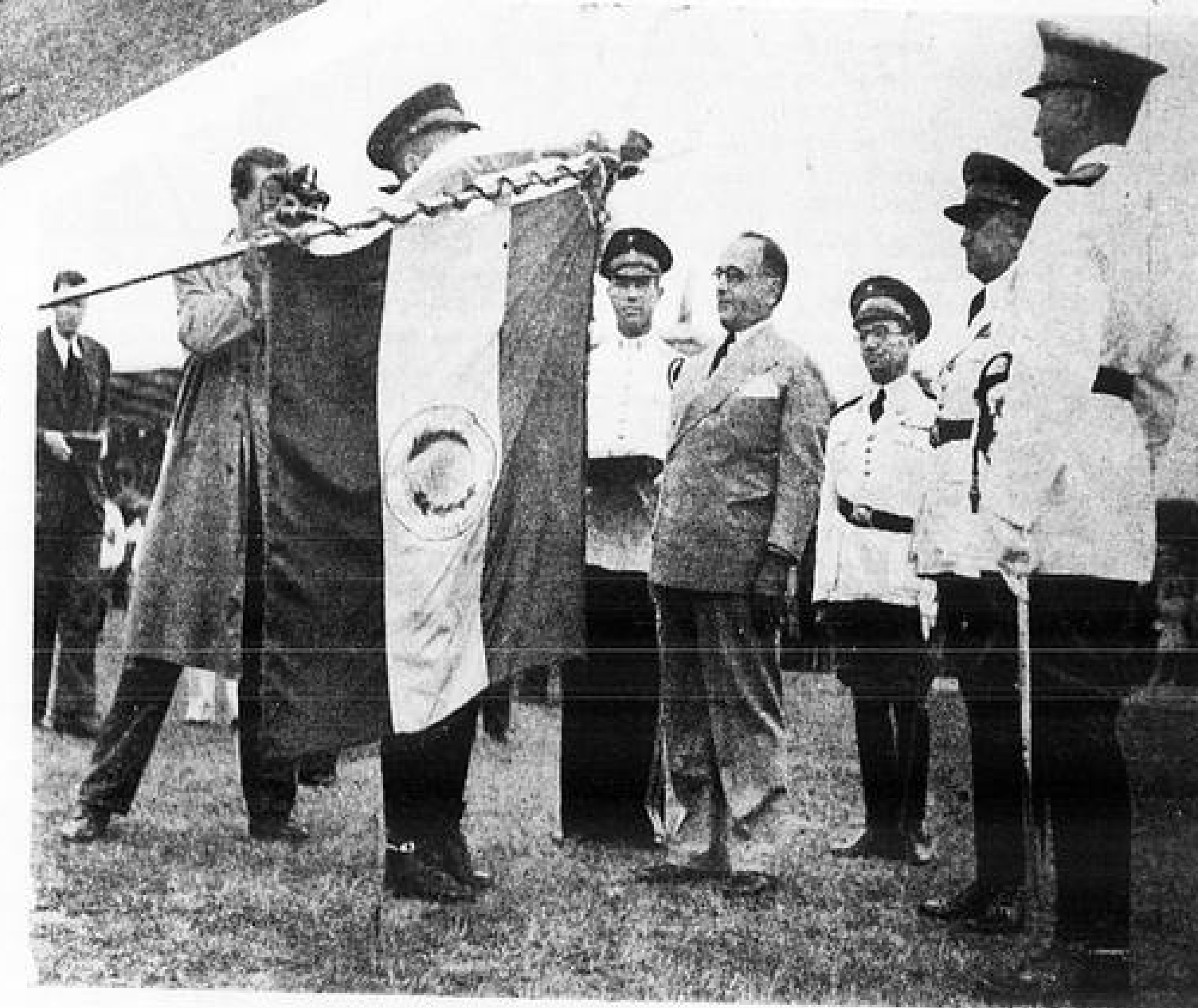
DR. SANTOS LIMA

MÉDICO E DENTISTA

Muitas doenças dependem exclusivamente do mau estado de sua boca, consulte o especialista Dr. SANTOS LIMA — Rua S. José, 85 Sala 210 — Tel. 42-2179



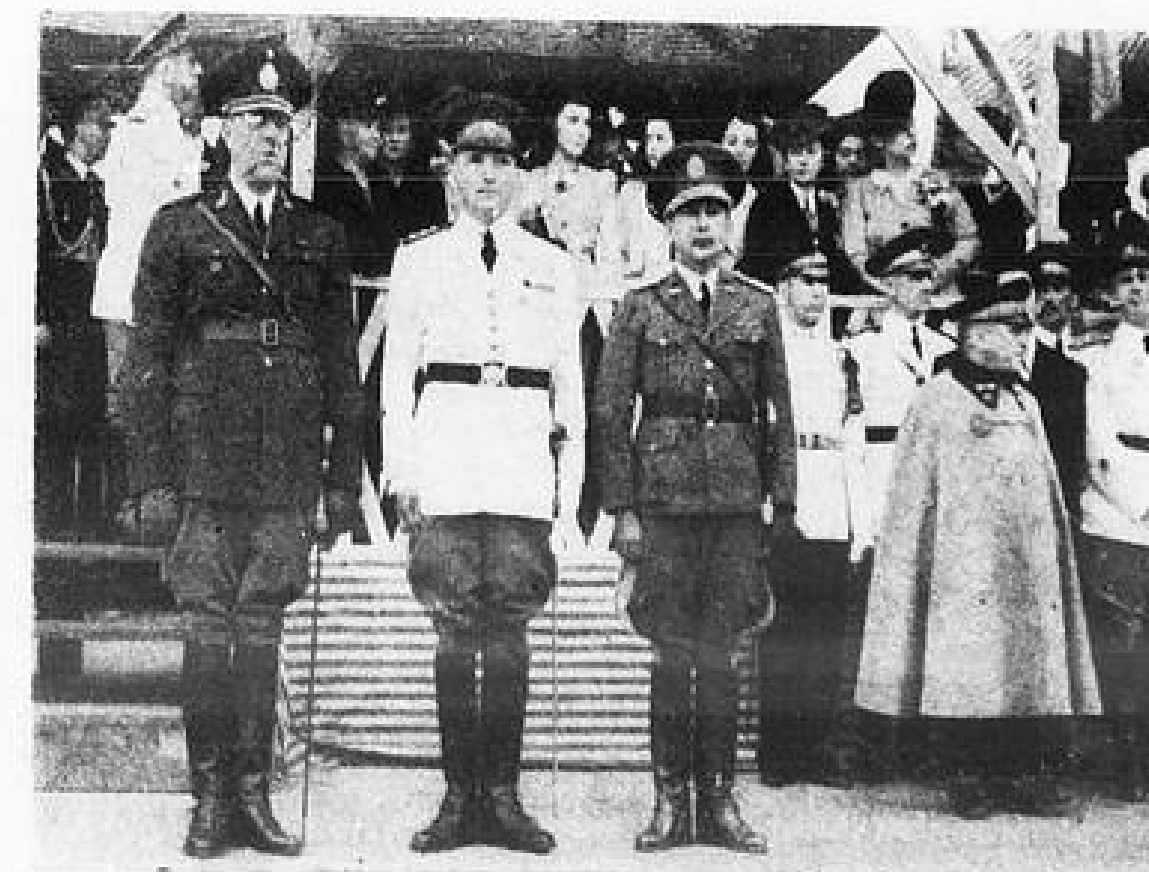
O coronel Andrés Aguilera discursando durante a cerimônia realizada na Escola Militar.



O presidente Getúlio Vargas assiste à cerimônia da condecoração do Estandarte da Escola Militar do Paraguai



Palácio da Guerra, orgulho da engenharia militar brasileira.



Fotografia histórica: O coronel Emilio Daul, comandante da Escola Militar de Buenos Aires; coronel Alcio Souto, comandante da Escola Militar do Rio de Janeiro; e coronel Andrés Aguilera, comandante da Escola Militar de Assunción.

Homenagens ao Brasil na América

Em toda a América a nossa data máxima foi festejada. As comemorações transcorreram com o maior brilhantismo. Dos Estados Unidos da América, através das significativas mensagens do presidente Roosevelt e do nosso embaixador em Washington, sr. Carlos Martins Pereira de Souza, vieram palavras que, juntas dão-nos o conceito — confortador e orgulhoso ao mesmo tempo — em que somos tidos pela grande democracia do norte.

O presidente Roosevelt rendeu tributo ao espírito de independência do Brasil e à sua adesão e solidariedade que tão estreitamente liga os dois países.

E' o seguinte o texto da mensagem dirigida pelo presidente Roosevelt ao Brasil e irradiada em português, espanhol e inglês por uma vasta rede de emissoras:

"Nesta data memorável, nós nos Estados Unidos, estamos convosco — governo e povo do Brasil — na comemoração do 'Grito do Ipiranga', essa retumbante afirmação da independência brasileira, tão eloquentemente proclamada por D. Pedro. Esse espírito de independência nos inspira, a nós que sabemos compreender, apreciar e respeitar os sentimentos respectivos e os motivos principais de ação. Os outros laços que nos unem, em amizade e nos interesses mútuos, são numerosos e fortes. São igualmente amigos e resistentes. O Brasil demonstrou contínua dedicação ao sentimento de fraternidade em relação a todas as nações irmãs das Américas, tanto nos atos como nas palavras. O Brasil prestou serviços de relevo à causa da arbitragem pacífica. O Brasil não mantém desígnios agressivos contra nenhuma nação. A política brasileira sempre se baseou na amizade e solidariedade continentais. Os Estados Unidos estão de acordo com o Brasil sobre esses princípios e continuarão a apoiá-los com todos os seus recursos morais e materiais. Em virtude dessa simpatia fundamental de espírito e de objetivos, a recente saudação do presidente Getúlio Vargas, por ocasião do nosso Dia da Independência, foi particularmente grata aos ouvidos do povo norte-americano. E por isso me é profundamente grato retribuir aquela saudação em nome do povo do meu país, no aniversário do advento do Brasil como força independente, consagrada aos princípios de justiça e de fraternidade entre as nações independentes — advento que, o sentimos com orgulho, fomos os primeiros a reconhecer. A agressão e a conquista estão presentemente reduzindo grandes, felizes e pacíficas nações à miséria e à pobreza mais abjetas. Nenhum país está a salvo delas, e nunca o mundo tanto necessitou do restabelecimento dos ideais de paz e de justiça que o Brasil tão constantemente apoiou. Sei que esses ideais serão incessantemente mantidos por um Brasil em crescente prosperidade e prestígio".

O embaixador Pereira de Souza leu, então sua mensagem, analisando em todos os seus principais fatos a significação histórica do 7 de setembro para o Brasil e para o continente americano — que foi das maiores, pois nessa data encerrou-se o ciclo de libertação das nações americanas, e, dois anos após, deu-se a célebre declaração do presidente Monroe da inviolabilidade do continente emancipado. Ao terminar, dirigiu algumas palavras de saudação aos dois países.

A N.B.C. irradiou um programa dedicado ao Brasil e do qual participou Bidú Saia.

Além da mensagem presidencial ao povo do Brasil, lida pelo rádio, em nome do presidente Roosevelt, pelo embaixador Carlos Martins, em comemoração do 119.º aniversário da Independência do Brasil, — o presidente Roosevelt enviou ao presidente Getúlio Vargas, do Brasil, o seguinte telegrama:

"Tenho o maior prazer em cumprimentar v. excia. e em lhe enviar as minhas cordiais congratulações e sinceros votos pelo bem-estar pessoal de v. excia. e pela crescente felicidade e prosperidade do povo do Brasil, neste aniversário da Independência brasileira.

"Constitui profundo estímulo para mim, como deve constituir para v. excia., encontrar, nas fecundas e cordiais relações que prevaleceram entre os nossos povos desde o dia que hoje comemoramos, uma demonstração e uma reafirmação dos princípios sobre os quais o mundo do futuro se deve basear e em cuja preservação os nossos povos, em comum com os das outras Repúblicas americanas, estão empenhados.

Sinto-me especialmente feliz por esta oportunidade de exprimir a minha gratidão pelo espírito de harmonia e de cooperação com que v. excia. e os distintos membros do seu governo inspiraram todas as discussões de assuntos de interesse mútuo para as nossas nações".

O secretário de Estado ao Ministro Oswaldo Aranha

O sr. Cordell Hull, secretário de Estado, enviou, ao senhor Oswaldo Aranha, a seguinte mensagem:

"Nesta data memorável na História do Brasil e do Novo Mundo, tenho a maior satisfação, depois de um ano em que as relações entre os nossos governos se fizeram mais estreitas do que nunca, de enviar a v. excia. os meus cumprimentos mais cordiais e de exprimir a v. excia. o meu profundo apreço pela sua amável e constante cooperação durante o ano que passou.

As Repúblicas americanas, que enfrentam a ameaça dessas forças de agressão e de conquista que se abateram sobre o mundo necessitam, mais do que nunca, a firme adesão que v. excia. demonstrou aos princípios da solidariedade americana para a defesa continental.

Queira v. excia. aceitar os meus melhores votos pela sua felicidade e saúde pessoais".

Argentina — Em Buenos Aires e outras cidades argentinas, foram realizadas cerimônias comemorativas da data brasileira.

Organizada pelo Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura houve uma sessão cívica, na qual o presidente do Instituto, dr. Cesar Viale, falou pelo rádio, pronunciando calorosa oração em homenagem ao Brasil. Discursaram igualmente o embaixador Rodrigues Alves, e o dr. Martin Duclou.

A direção do Colégio Nacional de Buenos Aires determinou que os seus professores de história argentina e americana fizessem conferências alusivas à grande data nacional brasileira.

No Patronato Nacional de Cegos, foi realizada uma audição especial de rádio, destinada aos Institutos congêneres do Brasil.

A noite, no Círculo da Confraternidade Inter-Americana um banquete que a direção do mesmo ofereceu aos seus membros com a participação do embaixador do Brasil, e outras personalidades brasileiras e argentinas.

Durante o almoço foram distribuídos os títulos aos novos membros honorários do Círculo, entre os quais está o embaixador Rodrigues Alves.

Na cidade de Rosário, houve um almoço de confraternização em que tomaram parte as autoridades locais, o pessoal superior do consulado e membros do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura.

Colômbia — A Independência brasileira foi comemorada em Bogotá com uma recepção na embaixada do Brasil, e uma sessão especial no Instituto San Martiniano, na qual usaram da palavra o sr. Domingo Escurra, membro daquela entidade, e o encarregado dos negócios brasileiros sr. George Latour.

Chile — A embaixada brasileira, em Santiago, ofereceu uma recepção oficial em seus salões às personalidades do governo e da sociedade.

Ecuador — Toda a imprensa equatoriana dedicou páginas especiais ao aniversário da Independência do Brasil. O presidente Arroyo e o chanceler Tobar Donoso enviaram cabogramas de felicitações ao presidente Getúlio Vargas e ao ministro do Exterior brasileiro, dr. Oswaldo Aranha.

México — No México o aniversário da Independência do Brasil foi comemorado com uma recepção na embaixada brasileira.

A noite, o governo mexicano efetuou uma irradiação especial em homenagem ao Brasil, no decorrer da "Hora Nacional", em que todas as emissoras mexicanas transmitiram o mesmo programa, patrocinado pelo governo.

O embaixador brasileiro, sr. Carlos de Lima Cavalcanti, falou nessa irradiação. O sr. Alfonso Reyes, antigo embaixador no Rio de Janeiro, falando em homenagem ao Brasil durante a emissão da "Hora Nacional", organizada pelo governo do México por ocasião do aniversário da Independência brasileira, declarou o seguinte:

"O povo brasileiro sabe ser forte sem crueldade, digno sem perder a sua simplicidade, aliado a firmeza ao sorriso, á coragem á doçura, a cultura local e concebe a pátria na harmonia entre todas as nações.

Que vá hoje o grito do México saudar, por ocasião do aniversário da sua Independência, o povo e o Estado brasileiro, a fantasia da sua natureza, sua inteligência e ética, e a sua história, os claros horizontes do seu futuro".

Foram executados vários números de música brasileira e mexicana, cantando o sr. Alfonso Ortiz Tirado e a senhorita Mappy Cortes.

Comemorações do dia 7 de Setembro



O presidente Getúlio Vargas proferindo seu célebre discurso, que ecoou tão bem nos meios internacionais.

As missões militares Argentina e Paraguai, cercadas dos oficiais brasileiros.

Vários aspectos do desfile

Guatemala — Pela primeira vez na Guatemala o hino nacional brasileiro foi cantado em português, na escola pública guatemalteca que traz o nome do nosso país. O aniversário da independência foi comemorado na legação brasileira, numa série de cerimônias presididas pelo ministro Manuel Cesar de Góes Monteiro, com a presença do ministro norte-americano, e altas autoridades guatemaltecas.

Perú — A imprensa de Lima assinala com destaque, nos seus editoriais, o transcurso da data da independência brasileira. "El Comercio" declarou que "as relações peruano-brasileiras têm-se mantido sempre dentro de uma sincera amizade e harmoniosa cooperação, presididas por um anelo comum de fortalecer os vínculos de um desinteressado panamericanismo — por isso, a data que hoje se comemora encontra entre nós as mais gratas ressonâncias".

O embaixador brasileiro, e a sra. Pedro de Moraes Barros não forneceram a sua costumeira recepção, por estar de luto pessoal.

A Rádio Nacional do Perú deu uma audição especialmente consagrada ao Brasil, homenagem que constituiu uma vibrante demonstração de afeto e simpatia da nação peruana.

Paraguai — Comemorando a data do centenário da independência do seu país, o ministro do Brasil em Assunção, senhor Protásio Gonçalves, ofereceu uma recepção à qual estiveram presentes o presidente da República, senhor Morínigo, os ministros, os membros do corpo diplomático e várias personalidades brasileiras.

Uruguai — Em Montevideo, no Liceu Militar, efetuou-se uma solenidade. O general Roletti, ministro da Defesa, proferiu uma conferência alusiva ao Brasil.

O embaixador Batista Luzardo ofereceu na sede da Embaixada concorrida recepção, que constituiu grande acontecimento social. Compareceram as altas autoridades uruguiaias, o corpo diplomático e os membros da colônia brasileira.

Todas as estações de rádio de Montevideo fizeram irradiações especiais em homenagem ao Brasil. O grupo América levou a efeito uma cerimônia irradiada. Foram executados os hinos uruguiaio e brasileiro. Pronunciaram discursos o presidente da referida entidade, coronel Edgardo Ubaldo, Geneta, o declamador Luis Alberto Paz, o poeta José Alub Munzor, que fez uma síntese dos aspectos mais destacados do Brasil, e o dr. Eduardo Coutoure, que, em nome do Instituto Cultural Uruguiaio-Brasileiro, ressaltou os laços de amizade entre o Brasil e Uruguai.

O embaixador Batista Luzardo agradeceu a homenagem ao seu país.

Os jornais de Montevideo dedicaram extensos artigos à data nacional brasileira.

Homenagens ao Brasil no Velho Mundo

Londres — Embora recebido muito tarde para aparecer nos matutinos, o discurso pronunciado pelo presidente Getúlio Vargas na data da independência do Brasil causou profunda emoção nos círculos autorizados. O primeiro conhecimento que o público em geral teve da alocução, foi pela sua transmissão no programa de 8 horas (GMT) da British Broadcasting Corporation. Os vespertinos, mais tarde, fizeram referências a ela.

Comentando o discurso do presidente Vargas, certa autoridade britânica observou: "Nós, que estamos ligados ao Brasil por tão longos laços de amizade, compreendemos cordialmente a satisfação manifestada pelo seu presidente de que "o povo e o governo brasileiros têm sabido evitar os perigosos choques das forças" ameaçadoras que estão afogando a humanidade de sangue. Notamos, com satisfação, a determinação do Brasil de permanecer alerta e preparado para enfrentar as piores eventualidades".

Um outro comentarista traçou um paralelo entre a famosa declaração feita pelo sr. Churchill, da técnica de agressão alemã que consiste em atacar as nações uma depois da outra, e a observação do presidente Vargas de que "não devemos esquecer a lição recente dos acontecimentos; ou se salvam todos ou perecem todos". A afirmação presidencial segundo a qual "a união nacional é uma premissa da união continental" produziu igualmente a mais favorável reação, acentuando-se que a Inglaterra está também combatendo, nesta guerra desesperada, para a obtenção dos objetivos do presidente Vargas, quando afirma: "Para que possamos guardar o nosso estilo de vida, as características profundas herdadas dos nossos maiores, a forma essencial da nossa civilização, impõe-se suprimir as possibilidades

de querê-la, apagar os ressentimentos e desfazer os recelos improprios de vizinhos que se estimam".

Opina-se geralmente que declarações como as contidas no discurso do presidente Vargas não somente representam uma importante confirmação de solidariedade entre todas as nações americanas, como ainda seriam animadoras para todos os países combatentes. Foi especialmente salientada a observação do chefe de Estado brasileiro de que "qualquer agressão, venha de onde vier, nos encontrará como um bloco unido composto do maior número de nacionalidades de que jamais se constituiu uma aliança defensiva".

Portugal — Os jornais dedicaram largo espaço a artigos sobre o 119º aniversário da Independência do Brasil, acentuando os estreitos laços de afeto e interesses que sempre uniram e unem a antiga colônia portuguesa à Mãe Pátria.

O embaixador Araújo Jorge deu uma recepção na embaixada do Brasil, tendo recebido alas personalidades do governo português, a colônia brasileira e numerosas pessoas de destaque nesta capital.

O consul brasileiro no Porto, sr. Otávio Nascimento Brito, mandou celebrar uma missa em regozijo pela passagem de mais um aniversário da Independência do Brasil e depositou uma coroa de flores no sarcófago do Imperador D. Pedro I.

Inglaterra — O "Dia da Independência do Brasil" foi celebrado em Londres com uma recepção oferecida pelo embaixador Moniz de Aragão e senhora aos membros da colônia brasileira e às legações e embaixadas latino-americanas em Londres.

A recepção teve lugar na bela residência de campo do embaixador em Ascot, nas proximidades de Londres. Entre os convidados contavam-se o embaixador chileno sr. Bianchi; o embaixador espanhol, Duque de Alba; o encarregado de Negócios da Argentina, sr. Siri; o ministro uruguiaio, sr. Castellanos; o encarregado de Negócios da Bolívia, sr. Penaranda; o ministro equatoriano sr. Arosemena; o encarregado de Negócios do Perú, sr. Althaur; o ministro da Guatemala, professor Saurat e o diretor do Instituto Francês em Londres, juntamente com suas esposas e numerosos membros das legações e embaixadas latino-americanas. Ao champagne foi brindada a saúde do presidente Vargas e a prosperidade do Brasil.

A B. B. C. irradiou um programa especial, às 21.30 horas na sua emissão destinada à América Latina.

Como parte desse programa especial, o embaixador Moniz Aragão dirigiu a seguinte mensagem ao povo brasileiro:

"Prevalecendo-me da gentileza da B. B. C., dirijo-vos algumas palavras neste grande dia em que comemoramos mais um aniversário de nossa independência, com os mesmos sentimentos de patriotismo e inspirados pela fé, inabalável nos destinos de nossa pátria, guiada pela orientação firme de um governo, que só visa a grandeza e a prosperidade do país.

Nestes momentos tormentosos que atravessamos, nós que vivemos no teatro da guerra, por assim dizer na linha de frente, avaliamos mais do que nunca o dever de todos os brasileiros de apoiar e manter uma perfeita união em torno do chefe de Estado, para que sejam mais úteis os seus esforços visando a proteção de uma nacionalidade, com o aumento incessante de nossas forças produtivas e da defesa nacional.

Devemos conservar a mesma atitude serena, que tem caracterizado a conduta de nosso governo em face de tão graves acontecimentos, não cessando de cuidar de nossa tradicional política continental de confiança, que sempre foi uma norma para nós, em perfeita colaboração com todos os povos americanos, sem idéias de hegemonia.

A esse respeito, como disse há tempos o presidente Getúlio Vargas em relação aos países do nosso continente, a nossa conduta tem sido de absoluta lealdade, jamais faltando aos compromissos de solidariedade continental, e neste momento de agressões e incertezas, a segurança da soberania das nações americanas exige que essa solidariedade seja cada vez mais íntima e respeitada, pois a verdadeira política de concórdia internacional deve não somente evitar conflitos armados, mas principalmente preveni-los, eliminando as suas causas.

Nós temos orgulho de poder declarar que em muita coisa podemos servir de exemplo, mormente na atual situação mundial, que daqui melhor posso apreciar, e assim cada vez mais afirmamos perante as nações civilizadas com atos indiscutíveis, que nem a situação geográfica, nem as riquezas, nem tão pouco as crenças religiosas podem exercer influência decisiva na constituição das soberanias, nem estabelecer hierarquias ou superioridades entre as personalidades jurídicas internacionais.

Pelo nosso trabalho, nossos sentimentos liberais, nosso respeito aos tratados, nossas iniciativas humanitárias, e pelas nossas

(Continua na página 26)

De um mês a outro

Resenha da guerra e dos acontecimentos internacionais

Não erravamos, quando no "Mensageiro" de Agosto, afirmávamos que S. Santidade o Papa Pio XII teria assento no Congresso ou Conferência da Paz, procedendo de modo muito diferente os atuais dirigentes do mundo dos que encabeçaram a Paz de Versalhes, início da atual hecatombe.

Com efeito, já se transportou para o Vaticano o Sr. Myron Taylor, representante pessoal do presidente Roosevelt. Recebido por S. Santidade, imediatamente, Myron Taylor tem estado em contato com S. Em. Revma. o Senhor Cardinal Maglione, Secretário de Estado.

Está visto que não passam de palpites o que transmittem as agências telegráficas, mas uma coisa podemos assegurar é que os princípios elaborados, em conjunto, por Roosevelt e Churchill, serão enquadados na Paz de Pio XII, que, pela sinceridade de solidariedade jurídica e econômica, e pela franca colaboração, de acordo com a Lei Divina, assegurará a autonomia e independência dos povos, tornando-se assim a Paz da Justiça na Verdade, que é a Paz de Cristo no reino de Cristo.

O que hoje divide os povos é o ódio. Daí a necessidade da renúncia dos sistemas e práticas que alimentam e sustentam o ódio.

Repressão a desconfiança e desânimo, que deprimem o Direito internacional e tornam impossível todo e qualquer acordo sincero.

Reviver no mundo o respeito às leis internacionais e liquidar com o direito a força sobre a força.

O equilíbrio da moeda para que seja padrão de vida a todas as classes sociais.

Guerra sem cessar ao egoísmo, para a restauração do amor ao próximo.

Dentro destes princípios, é evidente que cada povo tem a liberdade de escolher como quer ser dirigido, atuando a Igreja em todos pelos ideais cristãos e preocupando-se a Igreja com a salvação das almas, sempre vigilante como guarda que é, entre os povos, da Fé e da Moral.

Esta é a Paz que, de vez, cessará com a corrida dos armamentos, tão prejudicial como estamos vendo nos nossos dias, trazendo a restauração da ordem social, tão desejada por todos, ficando o Estado dentro do Estado, e as diversas classes sociais todas regidas por esses princípios emanados por quem, na terra, representa o próprio Cristo.

O grande erro do passado foi a exclusão de Bento XV do tratado da Paz, porque, embora a missão da igreja seja a de encaminhar os homens à conquista de felicidade eterna, todavia, sendo o homem um composto de espírito e matéria, a Igreja não deve intrinsecamente sem motivo nos negócios terrenos, interpondo sua autoridade não em assuntos técnicos, para os quais lhe faltam competência, mas em tudo o que se refere ao bem do indivíduo e da sociedade, para que haja o equilíbrio entre o espírito e a matéria, isto é, o bem moral. E como diz o sábio Pio XI, de saudosa memória, "dentro deste campo, o depósito da verdade que Deus Nos confiou e o gravíssimo encargo de divulgar toda a lei moral, interpretá-la e argir o seu cumprimento oportuna e inoportunamente, sujeitam ao Nosso juízo a ordem social e as mesmas questões econômicas", é vão querer uma Paz justa e verdadeira. E prossegue o grande Pontífice:

"Pois ainda que a economia e a moral se regulem, cada uma no seu âmbito, por princípios próprios, é erro julgar a ordem econômica e a moral tão encontradas e alheias entre si, que de modo nenhum aquela dependa desta. Com efeito, as chamadas leis econômicas, deduzidas da própria natureza das coisas e da índole do corpo e da alma, determinam os fins que a atividade humana se não pode escapar, e as que podem procurar com todos os meios no campo econômico; e a razão mostra claramente, da mesma natureza das coisas e da natureza individual e social do homem, o fim imposto pelo Criador a toda a ordem econômica.

Por sua parte a lei moral manda-nos prosseguir tanto no fim supremo e último em todo o exercício da nossa atividade,



S. Magestade a Rainha Mary

como aos diferentes domínios por onde ela se reparte, os fins particulares impostos pela natureza, ou melhor, por Deus autor da mesma; subordinando sempre estes fins àquele, como pede a boa ordem. Se seguirmos fielmente esta regra, sucederá que os fins particulares da economia, sejam eles individuais ou sociais, se inserirão facilmente na ordem geral dos fins, e nós sabendo por eles, como por uma escada, chegaremos ao fim último de todos os seres, que é Deus, bem supremo e inextinguível para si e para nós."

Exposta esta doutrina, vemos como andou acertadamente o presidente Roosevelt, ordenando seguisse para o Vaticano o seu emissário Sr. Myron Taylor. Quanto bem recadará sobre a humanidade dessas conferências, rico como é o coração do Sumo Pontífice de Paz, haurida na oração e na penitência.

Caminho, porém, para a Paz é evitar a desordem dentro da própria casa e é o passo que acaba de dar o presidente Roosevelt, no seu discurso de 11 do corrente, em que diz:

"E" agora bem claro para todos os americanos que chegam a hora em que as Américas devem defender-se a si mesmas, o prosseguimento dos ataques em nossas próprias águas que podem ser utilizadas para novos e mais rigorosos ataques contra nós, enfraquecerá, inevitavelmente, as possibilidades de repulsa ao hitlerismo nas Américas. Não sejamos demasiado meticalosos. Não vamos agora perguntar a nós mesmos si as

América deve começar a defender-se depois do quinto ataque, ou do décimo ou do vigésimo.

A ocasião da defesa ativa é esta agora. Não vamos ser demasiado metódicos, repito. Não vamos chegar a dizer: — se trataremos de nos defender, se os torpedos chegarem a atingir os alvos e as tripulações e passageiros forem mortos.

Agora é a hora da prevenção de novos ataques.



Ocupação militar de Palmira, na Síria

Se os submarinos ou corsários estão atacando em águas longínquas, também poderão fazê-lo à vista de nossas costas. A simples presença deles em quaisquer águas que a América considere vital para a sua defesa já constitui por si só, um ataque. Nas águas que julgamos necessárias à nossa defesa, os navios de guerra americanos não esperarão mais que os submarinos do Eixo surjam debaixo da água, nem que os corsários do Eixo, na superfície do mar, nessas águas, desfilarem primeiro os seus tiros marciais.

Sobre as nossas patrulhas navais e aéreas atualmente operando em grande número numa vasta extensão do Oceano Atlântico — recai o dever de manter, no momento, a política americana de liberdade dos mares, isso significa, muito simplesmente, que os nossos aviões e navios de patrulhamento protegerão todos os navios mercantes — não somente os da bandeira americana, mas os de qualquer bandeira — que estejam ocupados no comércio marítimo dentro das nossas águas defensivas. Eles os protegerão também contra os corsários de superfície.

Essa situação não é nova. O segundo presidente dos Estados Unidos, John Adams, ordenou à Marinha americana que fizesse as águas das Antilhas e da América do Sul dos navios de guerra europeus que as infestavam, destruindo o comércio americano.

O terceiro presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, determinou à marinha americana que pusesse fim aos ataques que estavam sendo realizados contra navios americanos por corsários de nações do Norte da África.

O meu compromisso como presidente é histórico; é claro; é inevitável.

Não é um ato de guerra da nossa parte decidirmos proteger os mares considerados vitais à defesa americana. A necessidade não é nossa. Apenas nos defendemos.

Que o aviso fique bem claro. De agora em diante, se navios de guerra alemães ou italianos penetrarem nas águas cuja proteção é necessária à defesa americana, eles o farão por sua própria conta.

As ordens que dei, como Comandante em Chefe do Exército e da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, são no sentido de ser adotada essa atitude defensiva — e imediatamente.

A única responsabilidade recai sobre a Alemanha.

Não haverá tiros, se a Alemanha não continuar a procurar-las. E' esse o meu dever óbvio, nesta crise. E' esse o direito nítido desta nação soberana. E' essa a única providência possível, se quisermos manter inviolada a muralha de defesa que nos comprometemos a manter em torno deste hemisfério ocidental.

Não alimento a menor ilusão quanto à gravidade dessa iniciativa. Não tomei às pressas, nem levemente. Ela resulta

de meses e meses de constante meditação, de ansiedade e preocupação. Ela não podia ser evitada, para a proteção de nossa nação e da minha.

O povo americano já teve que enfrentar outras crises graves em sua história, e o fez com coragem americana e com a firmeza americana. Ele não o fará menos desta vez, no dia de hoje.

Ele sabe da realidade desses ataques contra nós. Ele sabe que os tempos exigem medidas esclarecidas e corações destemidos.

E com força íntima que vem de um povo livre e consciente do seu dever e da retidão do que está fazendo, — com a certeza e a guia de Deus — ele saberá mantê-la contra esse último ataque à sua Democracia, à sua soberania e à sua Liberdade.

A frente ocidental está preocupando seriamente o nazismo, tanto é assim que Hitler pediu novos sacrifícios ao povo alemão e prepara-se para a campanha do inverno que, segundo os telegramas procedentes da Finlândia, vai ser duro. A Rússia, aí uma verdadeira surpresa para o mundo inteiro e está sendo um fantasma para Hitler. E grande vai ser a transformação da Rússia sob o ponto de vista social. Breve, muito breve, nós vamos vê-la passar do comunismo para o socialismo milgado, um passo para se realizar o que almeja: O sangue dos mártires foi de grande utilidade para a volta dessa nação nos princípios do bom senso, caminho para maiores transformações ainda, num futuro bem próximo. Conceda-nos a Virgem Santíssima esta graça! Já na Rússia, a única Igreja Católica de Moscou esteve repleta de fé! Ades os desígnios de Deus!

Tenhamos nesta hora de tantas tristezas uma palavra de conforto para a Rainha Guilhermina, da Holanda, e outra para a jovem Rei Pedro, da Jugoslávia, e suamos as nossas preces ao trono de Deus, pedindo para que, breve, muito breve, voltem a tomar a direção de seus povos, para fazê-los felizes, mesmo no meio de tanta infelicidade.

E lá estão todos os povos oprimidos em luta contra os invasores, a Noruega, a Bélgica, a Holanda, a Jugoslávia, a França, nações que aguardam o dia da redenção! Quando chegará esse dia?

No Iran as tropas de ocupação estão fazendo o governo não em prática os termos de armistício.

E seja-me permitido encerrar estes comentários com o belíssimo discurso do primeiro ministro inglês, Winston Churchill, dando conhecimento ao mundo do seu encontro com o presidente Roosevelt, a bordo da *Totomac*. E a palavra quente, sensata, prudente de quem, hoje, é estimado e respeitado no mundo inteiro, por conduzir o povo do seu país para a vitória das grandes ideais da humanidade!



Ocupação militar de Palmira, na Síria

"Julguei que teríeis satisfação em ouvir-me contar-vos alguma coisa sobre a viagem que fiz através do oceano para encontrar-me com o nosso grande amigo — o presidente dos Estados Unidos.

O ponto exato onde nos avistamos deve permanecer em segredo. Todavia, não será indiscreto revelar-vos que o mesmo ocorreu "alhures no Atlântico". Foi numa espaçosa baía fechada, que me lembrou o litoral ocidental da Escócia que poderosos vasos de guerra norte-americanos protegidos por importantes flotilhas de destróyers e de aviões de longo raio de ação aguar-

davam a nossa chegada como se fossem não estendida para nos ajudar a ancorar.

A nossa comitiva chegou em meio a uma escolta dos mais modernos contra-torpedeiros ingleses e canadenses. E ali durante três dias, passei todo o meu tempo em companhia — penso poder dizer, — em perfeita camaradagem com o presidente Roosevelt, enquanto os chefes dos estados maiores navais e militares, tanto da Grã Bretanha, como dos Estados Unidos, mantiveram-se em conferência contínua.

O sr. Roosevelt é o chefe, escolhido pela terceira vez da mais poderosa comunidade política do mundo. Sou um servo do rei e do Parlamento Britânico, encarregado da direção dos nossos negócios nestes tempos sombrios; assim, é do meu dever, assegurar-vos, tal como já o fiz, de que tudo quanto digo ou faço no exercício dos meus deveres, é aprovado e apoiado por todas as nações da comunidade britânica. Esse encontro estava destinado a ser importante em virtude das enormes forças, ora apenas parcialmente mobilizadas, mas que estão firmemente se mobilizando, e que se acham à disposição dos dois maiores grupos da família humana — a Grã Bretanha e os Estados Unidos, os quais, felizmente para o progresso da humanidade, falam a mesma língua e pensam amplamente da mesma maneira ou, pelo menos, têm grande número de pensamentos comuns. O encontro consequentemente, era simbólico. Reside aí a sua importância primordial. Simbolizava, da maneira que todos podem compreender em todas as terras e em todos os climas, as profundas uniões latentes que animam e, nos momentos decisivos, governam os povos de língua inglesa no mundo todo.

Não com preensão de minha parte dizer que esse encontro simbolizou qualquer coisa ainda mais majestosa, isto é a reunião das forças mundiais do bem contra as forças do mal, atualmente tão formidáveis e triunfantes e que espalham as suas sombras sobre toda a Europa e uma grande parte da Ásia. Foi um encontro que marca para sempre, nas páginas da História, o compromisso assumido pelas nações da língua inglesa, em meio aos perigos, à confusão e ao tumulto dos dias que correm, de orientar os destinos das grandes massas labutantes que vivem em todos os continentes, unindo os nossos esforços, leais e sem nenhum ponto de interesse egoísta, para tirá-las da labirinto de misérias a que foram lançadas e encaminhá-las para a ampla estrada da Liberdade e da Justiça.

Essa é a mais alta honra e a mais gloriosa oportunidade jamais alcançada por qualquer povo da raça humana. Quando alguém observa quantas correntes de extraordinários e terríveis acontecimentos, rolaram juntas para criar



Durante a visita que fez ao Comando Salino, o Sr. Churchill assiste a um combate simulado, utilizando-se do binóculo do Almirante Sims, comandante da esquadra americana na guerra de 1914.



O Sr. Churchill, acompanhado de Harry Hopkins, Archibald Sinclair e o Coronel Moore Brabazon, ministro da produção aeronáutica

essa harmonia, mesmo a pessoa mais cética deve sentir que todos nós temos uma oportunidade para desempenhar a nossa parte e cumprir com o nosso dever em algum grande desígnio, cujo fim nenhum mortal pôde prever.

Coisas terríveis e desoladas estão acontecendo nestes dias. Toda a Europa foi talhada e subjugada pelas armas mecanizadas e pela fúria barbara dos germanos. Os mais mortíferos instrumentos da guerra-ciência uniram-se nos requintes extremos da traição e das mais brutais exhibições da crueldade, formando assim, um aparelho de agressão como nunca se viu igual, diante do qual, os direitos, as tradições, as características e a estrutura de muitos velhos e honrados Estados e povos fazem prostrados, e são enterrados sob o tacão e o terror do monstro.

Austriacos, checos, poloneses, noruegueses, dinamarqueses, belgas, holandeses, gregos, croatas, sérvios, e acima de todos a grande nação francesa foram atordados e algemados. A Itália, a Hungria, a Rumania e a Bulgária, compraram uma dilatação vergonhosa, transferindo-se em cadeias do tigre. Mas a verdadeira situação em que se encontram, é na realidade, muito pouco diferente, e, neste momento, indistinguível, da de suas vítimas.

A Suécia, a Espanha e a Turquia, permaneceram atemorizadas, procurando descobrir qual delas será a primeira vítima. E temos então esse vasto abismo a que foi lançada a maioria dos mais famosos Estados e raças da Europa, e de onde, sem auxílio nunca poderão emergir. Mas, tudo isso ainda não sacou Adolf Hitler. Este assinou um pacto de não-agressão com a Rússia — tal como fez com a Turquia — com o intuito de tranquilizá-la até que estivesse em condições de atacá-la e, assim, há nove semanas, sem nenhuma sombra de provocação, atirou milhões de soldados, com todo o seu equipamento contra o vizinho que chamara de amigo, com o objetivo manifesto de destruir a Rússia e reduzi-la a pedaços.

Essa criminoso empresa desenrola-se agora, dia a dia, ante os nossos olhos. E está aí um demônio que, num simples espasmo do seu orgulho e da sua avidez de domínio, é capaz de condenar dois ou três milhões ou talvez muitos milhões de seres humanos, a uma morte rápida e violenta.

"Que a Rússia seja destruída! Que ela seja riscada do mapa! Ordem de avançar nos nossos exércitos!" — tais foram os seus decretos.

E, consoante esses decretos do Oceano Ártico ao Mar Negro, seis ou sete milhões de soldados estão agora empenhados numa luta de morte.

Ah! mas, desta vez, as coisas não foram assim tão fáceis — desta vez, não foi como das vezes anteriores. Os exércitos russos e todos os povos das Repúblicas Russas, reuniram-se para a defesa das suas terras e dos seus lares. Pela primeira vez, o sangue alemão jorrou em torrentes. Talvez um milhão e meio, talvez dois milhões de soldados alemães, carne para canhão, tenham morrido e pó das intermináveis planícies russas. Uma tremenda batalha está sendo travada ao longo de uma frente de quase 2.000 milhas.

Os russos lutam com um magnífico espírito de sacrifício; mas não é tudo. Os nossos generais que visitaram a frente russa, informam, com admiração, da eficiência da sua organização militar e da excelência do seu

equipamento. O agressor também está surpreso, amedrontado, vacilante. Pela primeira vez nas suas empresas, o assassinato em massa tornou-se improficuo. E procura exercer repressalias com a mais terrível crueldade. A' proporção em que avançam os seus exércitos, distritos inteiros vão sendo exterminados. Dezenas de milhares — realmente dezenas de milhares — de execuções a sangue frio têm sido perpetradas pela polícia secreta alemã — tropas lançadas contra os patriotas russos que defendem a sua terra natal.



Entrada das tropas e do comando inglês em Beirout. O general Wilson agradece da sacada do palácio do governo.

Desde as invasões mongólicas da Europa, em pleno século XVI, nunca se registrou uma carnificina impiedosa em tão larga escala. E isso é apenas o princípio. A fome e a peste devem ainda acompanhar o sulco sangrento dos tanques de Hitler. Estamos em presença de um crime inominável. Mas a Europa não é o único continente a ser atormentado e devastado pela agressão. Durante cinco longos anos, as forças militares japonesas, procurando imitar Hitler e Mussolini, adotando os seus postulados como se fossem novas revelações europeias, vêm invadindo e saqueando um país de 500 milhões de habitantes — a China. Os exércitos japoneses têm-se espalhado por toda essa vasta extensão de terra numa excursão inútil, levando consigo a carnagem, a ruína e a corrupção, e chamando a isso o "incidente chinês". Agora espalham as guerras sobre os mares ao sul da China e arrelataram a Indochina ao desgracado governo de Vichy, ameaçando com os seus movimentos o Sião, Singapura — o traço de união com a Austrália — e até as Ilhas Filipinas, colocadas sob a proteção dos Estados Unidos. E' certo que tudo isso tem de cessar. Todos os esforços serão feitos com o fim de conseguir uma solução pacífica. Os Estados Unidos estão agindo com uma paciência infinita para chegarem a um entendimento leal e amistoso, que dará ao Japão as maiores garantias relativamente aos seus legítimos interesses. Esperamos vivamente que essas negociações sejam bem sucedidas. Mas — e sou obrigado a afirmá-lo — se fracassarem essas esperanças, nós nos alinharemos, sem a menor hesitação, no lado dos Estados Unidos.

E, assim, voltamos àquela baía calma, "calhures, no Atlântico", onde um crepúsculo enevoado se esbatia sobre as poderosas unidades que arvoravam o pavilhão branco e a bandeira das estrelas e das riscas. Quando ali nos encontramos ambos pensamos — o presidente e eu — que, sem tentar elaborar os objetivos finais da paz e da guerra, era preciso transmitir a todos os povos, especialmente aos povos oprimidos e vencidos, uma simples declaração sobre a meta para a qual avançam a Comunidade Britânica e os Estados Unidos, abrindo, assim, o caminho para ser palmilhado pelas demais nações, um caminho que certamente será doloroso e longo.

Existem, entretanto, duas grandes diferenças com a atitude adotada pelos aliados durante a última parte da Grande Guerra, que ninguém deveria desprezar.

Uma é que os Estados Unidos e a Grã Bretanha não assumem o compromisso de garantir que não haverá outra guerra. Pelo contrário pretendemos adotar as maiores precauções tendentes a impedir o renascimento das guerras em qualquer tempo que possamos antecipar, pelo desarmamento eficiente das nações

culpadas ao passo que continuaremos a nos manter razoavelmente protegidos.

A segunda diferença é a seguinte: — Ao invés de tentar arruinar o comércio alemão com a ereção de barreiras comerciais de toda a sorte, tal como foi feito em 1917, adotamos definitivamente o princípio de que não é do interesse mundial nem dos nossos dois países, que qualquer grande nação seja impedida de prosperar ou que se lhe retirem os meios de ganhar uma vida decente, tanto para si como para o seu povo, com as suas realizações industriais. São essas as grandes modificações nos princípios sobre os quais os nossos países devem refletir. Sobretudo, é necessário transmitir a esperança na certeza da vitória final, aos muitos milhões de homens e mulheres que se batem pela vida e pela liberdade, em que já caíram sob o jugo alemão.

Tanto Hitler como os seus assessores, de certo tempo a esta parte, vêm concitando e amedrontando as populações que prejudicaram e injuriaram, para que se curvem ao destino imposto, e se resignem à servidão, em troca de algumas mitigações e de algumas indulgências, à elaboração — é esse o termo — no que é chamado "nova ordem" da Europa.

Que nova ordem é essa, que pretende impôr principalmente à Europa, e si possível — pois as suas ambições são ilimitadas — a todos os continentes do globo?

E' o domínio dos "senhores" — a raça superior — destinada a acabar de vez com a democracia e os parlamentos, com as liberdades fundamentais, com a decência humana, com os históricos direitos de todas as nações, dando-lhes em troca a lei férrea do "passo de guiso" prussiano, estendida a todo o Universo, a estrita e eficiente disciplina imposta às classes trabalhadoras pela polícia-política alemã, com os seus campos de concentração e os pelotões de fuzilamento, hoje tão atarefada em dezenas de terras e sempre alerta por detrás dos bastidores.

Houve uma varredura dos obsoletos sistemas feudais e dos privilégios aristocráticos: a terra para o povo, um novo código de leis. E, no entanto, o Império de Napoleão desapareceu-se como um sonho.

Mas Hitler não tem lena alguma e, sim, a marinha do apetite e da exploração. Possui, porém, armas e máquinas para moer e manter na submissão os países conquistados, máquinas e armas que são o produto — um produto tristemente pervertido — da ciência moderna.

Napoleão, com o seu genio militar, estendeu consideravelmente as fronteiras do seu Império. Houve uma época em que apenas as neves da Rússia e os rochedos esbranquiçados de Dover com as suas esquadras guardiãs, se erguiam entre ele e o domínio de mundo. Os exércitos de Napoleão possuíam, um lema, nascido das vagas de entusiasmo da Revolução Francesa: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade".



Churchill fiscalizando as defesas costeiras de Londres.

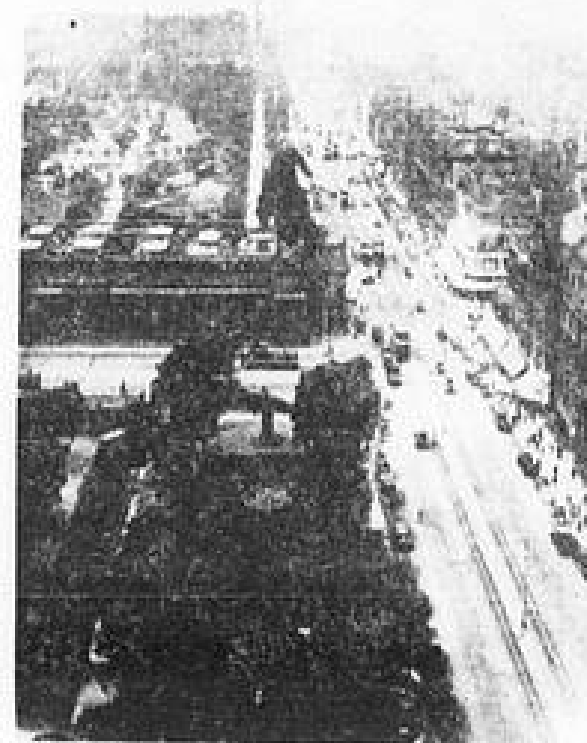
As prozações dos povos conquistados serão, portanto, árduas. Devemos dar-lhes a esperança. Devemos fornecer-lhes a convicção de que seus sofrimentos e sua resistência não serão inúteis. Um túnel pode ser extenso e sombrio mas há sempre a luz no seu fim.

E' esse o simbolismo e a significação da mensagem surgida da entrevista do Atlântico.

Não desesperéis, valentes noruegueses, pois a vossa terra será libertada não apenas do invasor, mas também dos "quilsings", que são seus instrumentos!

Permaneçam seguros de vós mesmos, tchecos, que a vossa independência será restaurada!

A Rua da Princesa, na cidade de Edinburg, Inglaterra



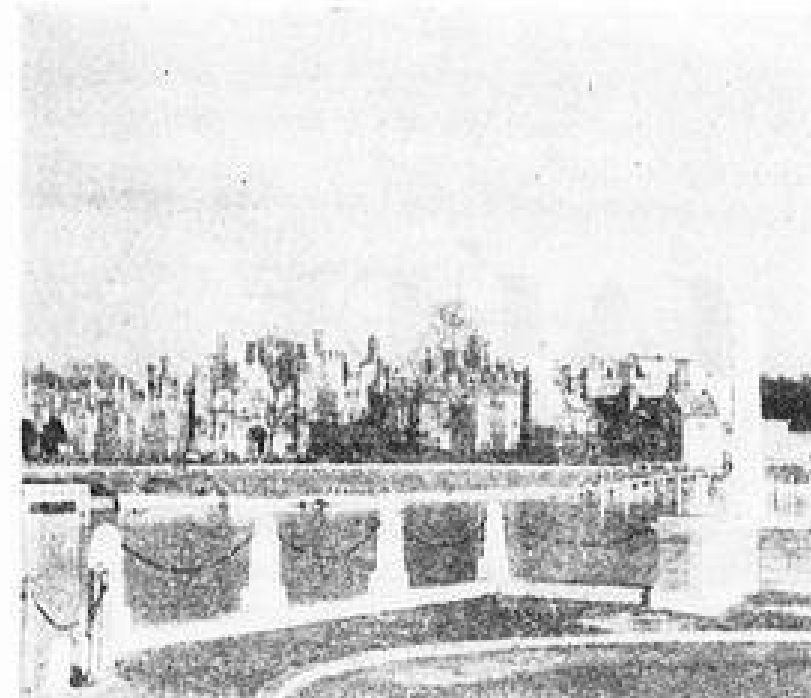
Polonenses! O heroísmo do vosso povo, enfrentando cruéis opressores a coragem dos vossos soldados, de vossos marinheiros e de vossos aviadores não será jamais esquecida. Vosso país renascerá e tomará a sua marcha.

Levantai a cabeça intrépidos franceses! Nem todas as infâncias de Dacian e Laval se antepõem ao restabelecimento dos vossos direitos seculares!

Rijos e valorosos holandeses, belgas e luxemburgueses fugosivos maltratados atormentados e banidos! Grécia gloriosa, ora submetida ao supremo insulto de se ver dominada por Italianos valiosos: — não cedais uma polegada que seja! Conservai as vossas almas puras de todo contato com os nazistas. Fazei com que eles sintam — mesmo na hora fugaz do seu triunfo brutal — que nada mais são do que desclassificados anormais do gênero humano!

O auxílio está próximo; forças poderosas estão se armando para correr em vosso auxílio. Tende fé, tende esperança — a libertação é certa!

Acendemos por sobre as águas um sinal luminoso. E se ele alcançar os corações daqueles aos quais foi dirigido, eles suportarão com alma forte e tenaz as suas misérias presentes, movidos pela fé inabalável de que também estão servindo à



A Ponte do Palácio de Hampton

causa comum e de que os seus esforços não serão vão.

Talvez tenham observado que o presidente dos Estados Unidos e os representantes britânicos, ao redigirem aquilo que está sendo adequadamente chamado de "Carta do Atlântico", reuniram os seus países num compromisso conjunto para a destruição final da tirania alemã.

Essa é uma promessa tão grave quão solene — uma promessa que deve ser realizada; que será realizada.

Naturalmente, várias medidas de caráter prático — para o cumprimento dessa promessa — foram e estão sendo coordenadas e postas em execução. Tem preocupado saber a que distância se encontram os Estados Unidos da guerra. Um homem apenas pôde conhecer a resposta a essa pergunta: — Hitler!

Si Hitler, até este momento, não declarou guerra aos Estados Unidos com toda a certeza esse fato não se deve ao seu pavor

pelas instituições norte-americanas. Nem, certamente, porque não encontrasse pretexto. Por muito menos, assassinou meia dúzia de países.

O receio de duplicar imediatamente as tremendas energias que ora estão sendo empregadas contra ele, é, sem dúvida, um freio. Mas o verdadeiro motivo — estou certo — pôde ser encontrado no método a que, até agora, tão fielmente aderiu e que tantas vantagens lhe trouxe. Que método será esse? "Um Após Um" — tal é o plano, a máxima capital, o estrategema mediante o qual já escravizou uma parte tão grande do mundo. Ha três anos e meio concitei os meus concidadãos a que tomassem a iniciativa da organização de uma união defensiva, dentro dos postulados da Sociedade das Nações, de todos os países que se sentiam ante um perigo sempre crescente. Ninguém, entretanto, me quis ouvir. Todos permaneciam inativos enquanto os alemães se rearmavam.



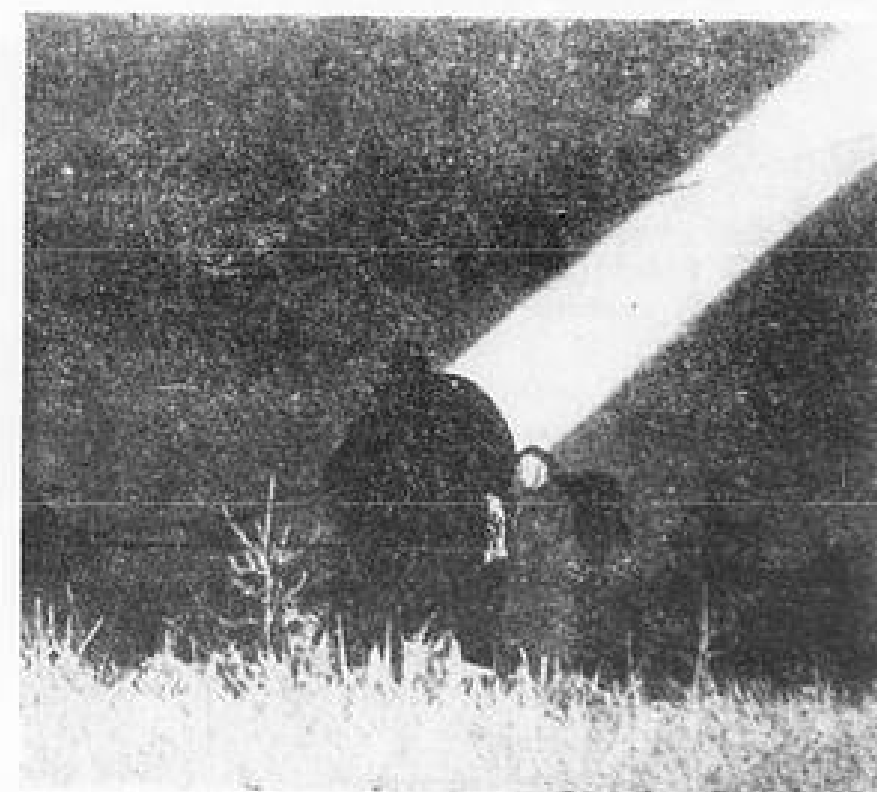
O Rio Tamisa, a Ponte de Westminster e o "Big Ben"

A Tchecoslováquia foi subjugada; o governo francês abandonou a sua fiel aliada e quebrou a palavra empenhada, numa hora de necessidade para a mesma. A Rússia foi afagada e mergulhada numa espécie de neutralidade ou coparticipação, enquanto o exército francês era aniquilado.

Se tivessem agido de acordo com a França e a Grã Bretanha, a Holanda e os países escandinavos em tempo oportuno ou mesmo depois de iniciada a guerra, poderiam ter alterado o curso desta e, em qualquer caso, teriam tido ensaio de lutar. Os países bálticos nada mais tinham senão manter-se unidos para se salvar da ruína na qual estão, agora, submersos.

Um a um, porém, foram solapados, subjugados. Jámais uma carreira criminoso foi trilhada tão suavemente.

Agora, Hitler ataca a Rússia com toda a força de seu poder, conhecendo de sobejo as dificuldades que a geografia ergue entre ela e o auxílio que as democracias ocidentais tratam de lhe levar. Não pouparemos, entretanto, esforços para vencer todas as dificuldades e fazer chegar o nosso esforço até a Rússia. Concordamos com a realização de uma conferência em Moscou, entre representantes dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e da Rússia, destinado a estabelecer todo um plano.



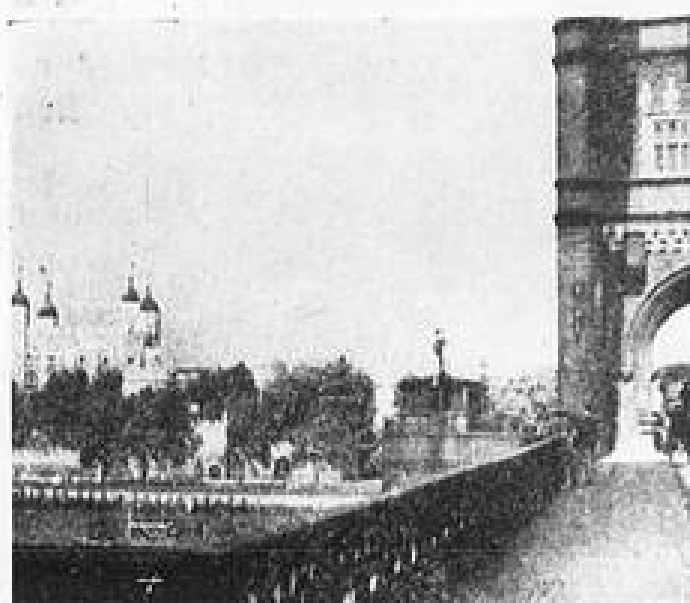
Possante olofote iluminando os céus na defesa de Londres.

Nenhuma barreira poderá erguer-se no nosso caminho. Por que motivo teria Hitler atacado a Rússia? Infringindo e sofrendo ele mesmo, isto é fazendo sofrer a seus soldados com essa tremenda carnificina? Apenas com a finalidade de de-

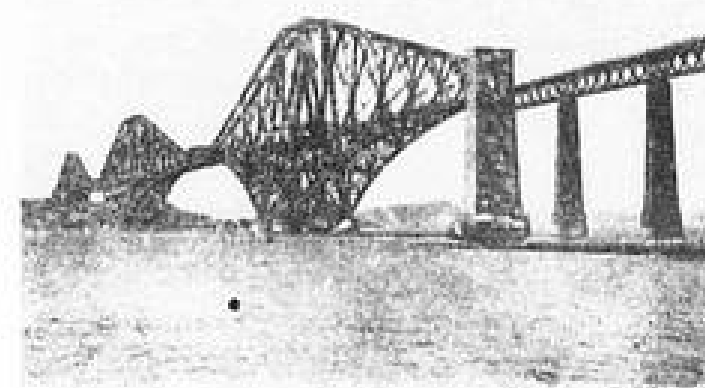
rada de voltar depois, todas as suas forças contra a Grã Bretanha. E se conseguisse privar-nos das forças vitais que nos animam — o que não é tão fácil — teria, então, chegado o momento da sua liquidação de contas — contas que aumentam sempre de volume — com o povo dos Estados Unidos e, em geral, com o Hemisfério Ocidental.

"Um após um" — eis o processo, eis o plano simples e lógico que tão bem tem servido a Hitler. Precisa esse processo de uma aplicação final, apenas, para transformá-lo em senhor do mundo. Sinto-me agradecido pelo fato de, pelo menos, alguns olhos terem-se abertos inteiramente à evidência, quando ainda é tempo. Regozijo-me por constatar que o presidente pode ver, em sua verdadeira luz, os perigos extremos que ora cercam tanto o povo norte-americano como o britânico. E foi, realmente, pela graça de Deus que, há oito anos, ele iniciou o resurgimento do poderio naval norte-americano, sem o qual o Novo Mundo teria que obedecer às ordens que lhe fossem transmitidas pelos ditadores europeus. Devido a esse resurgimento, os Estados Unidos ainda conservam o poder de dispor de uma força gigantesca e, salvando-se a si próprios, prestam um incomparável serviço à Humanidade.

Na nossa baía do Atlântico tivemos



Panorama de Londres e vista da Torre do relógio, vendo-se ao fundo a Catedral de S. Paulo



Ponte de Iork

Torre de Londres e Ponte da Torre

ensejo de assistir a uma cerimônia religiosa. O presidente veio ao tombadilho do "Prince of Wales", onde confraternizaram várias centenas de marinheiros norte-americanos e britânicos. O sol brilhava esplendorosamente enquanto todos nós entoávamos os velhos hinos que constituem uma herança comum e que, de meninos, todos aprenderamos em nossos lares. Cantamos um hino baseado no Salmo entoado pelos soldados de John Hampden ao carregarem o seu corpo para o túmulo e no qual o breve e precário sopro da vida contrasta com a imutabilidade daquele para o qual milhares de séculos são como o dia de ontem ou como um simples relance de olhos na escuridão da noite.

Cantamos o hino dos marinheiros "para os que se encontram em perigo no mar e que, na verdade, são muitos". Então...

mos igualmente o "Avante Soldados Cristãos" e, em realidade, me dei conta de que não era uma vã presunção mas que tínhamos o direito de sentir que servíamos a uma causa justa —

Olhamos a compacta multidão de lutadores da mesma língua da mesma fé, das mesmas leis fundamentais, dos mesmos ideais e, agora, em grande parte dos mesmos interesses e, certamente, embora em graus diferentes, defrontando os mesmos perigos. E apoderou-se de mim a idéia de que existe a esperança — mas uma firme esperança — de salvar a Humanidade da incalculável degradação e, assim, empreendemos o regresso através do Oceano, reanimados de espírito e fortificados na nossa resolução.

Alguns contra-torpedeiros norte-americanos que transportavam a correspondência para os marujos destacados na Islândia passaram, então, próximos a nós; assim, resolvemos fazer-nos companhia recíproca em alto mar. Quando ainda nos achávamos a meio-caminho, certa tarde, um espetáculo comovedor deparou-se à nossa vista. Tínhamos alcançado um dos comboios que transportavam munições e suprimentos do Novo Mundo para auxiliar os cam-

peões da liberdade no velho Continente. Todo o horizonte parecia cheio de navios. Setenta ou oitenta unidades, de toda espécie e de todos os tamanhos, alinhadas em quatorze filas, cada uma das quais podia ser medida com uma régua, sem a mais leve nuvem de fumaça e sem que nenhuma delas estivesse desgarrada mas erigidas de canhões e de outras precauções em cuja descrição não me quero deter, cercadas das escoltas britânicas, enquanto sobre as nossas cabeças rondavam os aviões "Catalina", de longo raio de ação, águilas vigilantes e protetoras nos céus.

E então senti que, por mais árdua, terrível e prolongada que seja esta luta, não nos será negada a força para cumprirmos o nosso dever até o fim".

CAMPANHA DA SAÚDE

Foi em 1932, no Palácio S. José, em Botucatu, no Estado de S. Paulo, que tive o prazer de conhecer D. Alice Tibiriçá e, em 1935, tinha a grande consolação de colocar a pedra fundamental da Capela do leprosário de Baurá, deixando aí fundadas várias associações religiosas para os doentes.

D. Alice Tibiriçá percorreu todo o Estado de São Paulo, numa verdadeira "Campanha da Saúde", sofrendo decepções aqui e alentando-se ali com o alívio que dava aos enfermos, e dessas almas grandes que tudo fazem para o engrandecimento da Pátria, preocupada com o bem estar dos pequenos e dos grandes, para que o Brasil tenha filhos sadios trabalhando pelo seu progresso.

D. Alice Tibiriçá é, hoje, presidente da Instituição Carlos Chagas, com a finalidade de promover a defesa nacional



D. Alice Tibiriçá

contra endemias e outros males sociais, e trabalha ativamente para a criação do Instituto Preventivo de Roentgenfotografia, de combate às doenças no período inaparente, sob a competente direção do Dr. Manuel de Abreu, nome bem conhecido do público brasileiro.

A "Campanha da Saúde" é dessas que perduram na alma dos bons brasileiros, preocupados com os grandes flagelos da tuberculose, sífilis, câncer, lepra, que procuram aniquilar a raça.

Digna de meditação a conferência de D. Alice Tibiriçá na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres sobre "O Brasil e seus problemas de assistência, educação e saúde".

E' de se esperar que a "Campanha da Saúde" encontre aberta todas as portas, para que, breve, veja realizado todo o seu programa de ação social.

As irmãs do Hotel dos Estrangeiros

(Árvores amigas)

Edgar Câmara
Rio, 12-9-941



Jesus no horlo — Gruta no jardim dos S. S. João e Paulo, em Roma, Convento dos P. P. Passionistas

Eram cinco, cada qual mais formosa e hoje são quatro a pagar a Dôr o seu tributo... porque a da extremidade direita, em setembro do ano findo, foi violentamente raptada pelo destino... que, pela sua formosura, se apaixonou loucamente.

De sua beleza e mocidade diz a poetisa Sra. Odette São Felix Simonsen.

De seus sentimentos piedosos e de fraternidade fala o poeta.

Edgar Câmara

Rio, 2 de Outubro de 1940

Odette de São Felix Simonsen
Setembro de 1940

São cinco irmãs,
Cada qual mais formosa
Todas vestidas de marron.
Desde muito novas
Moram ali naquela praça
Ninguém saberá talvez
A idade que elas têm
Seja á tardinha, alta noite ou de manhã
Não há quem ao passar
Não as veja paradas á beira da calçada
Parecendo sempre bem!
E tudo que ocorre pela redondeza
Elas comentam baixinho
Com tal doçura na voz, tanta subtileza
Que mesmo estando bem pertinho
E' difícil saber si o que elas dizem,
E' dito com maldade ou com carinho!
São cinco irmãs, de corpos magníficos
E na idade não há outras rivais,
Encobrimdo com seus cabelos verdes
— Que não foram cortados —
A fachada sombria
De uma casa grande que era triste
E que agora sorri bonita e transformada
Mas sempre protegida no presente
Como o foi no passado,
Pelas cinco árvores amigas,
Pelos cinco árvores irmãs
Cujas cabeças cheias de alegria,
O sol enfeita apaixonadamente
Com diademas de ouro e pedrarias!

Das cinco que constituíam a irmandade formosa
Restam, agora, quatro irmãs a pagar á Dôr o seu tributo,

Cada qual mais pesarosa,
Todas cobertas de luto
Desde a manhã desventurosa;
Não mudaram a moradia,
E não se sabe ainda que idade têm,
Seja cedo ou seja tarde, todavia,
Quem ali, por qualquer motivo, se alem
Logo as vê, em fila, á beira da calçada,
Não já com tanta beleza,
Ante á emoção imprevista da rajada;
Por tudo que ocorre pela redondeza
Mostram-se indiferentes,
Mas, na verdade, comentam bem baixinho...
E se apresentam mui doentes,
Nem mesmo estando pertinho
Consegue-se ouvir sua fala,
Mostrando os cabelos verdes em desalinho
E os seus colarinhos de pala,
Serão expressões de mágoa profunda?
Cochichos ou protestos em verso?
Consternação dalma oriunda?
Sim! E' que o Destino lhes foi adverso;
Passando por ali rumo ao mar,
Enamorou-se loucamente pela que estava á

extremidade.
Alegando razões do coração e o seu direito de amar
Suscitou, subitamente, aquela tempestade
Raptando-a, com violência, ao convívio fraterno
Das outras quatro árvores desditosas,
Estas, num frêmito, segredaram-lhe o adeus eterno
E, ao Destino, perdoaram, infinitamente piedosas!



Sacrais

Este mês de Setembro é consagrado à Infância da Virgem Santíssima e a uma Santinha que viveu sempre da Infância da Virgem, para nos deixar este tesouro preciosíssimo que é um verdadeiro tratado teológico — A Infância espiritual — Refiro-me à florzinha de Lisieux — Santa Teresinha do Menino Jesus. Nesta coluna das famílias, como leitura espiritual, deixo este ano o Sorriso da Virgem à Santa Teresinha, para que todos tenham certeza da assistência da Virgem Santíssima a tudo quanto se passa no lar cristão.

Um domingo, durante a novena, Maria foi ao jardim, deixando-me com a Leonia que se pusera a ler ao pé da janela. Dai a momentos, chamei em voz quasi sumida: Maria! Maria! Por estar acostumada a ouvir-me gemer assim, Leonia não me prestou atenção gritei então com mais força e Maria acudiu imediatamente. Vi-a perfeitamente entrar, mas aí! pela primeira vez não a reconheci. Procurava a roda de mão, sondava ansiosamente o jardim com o olhar e tornava a chamar: Maria! Maria!

Esta luta forçada e inexplicável era tormento indizível para mim, e Maria penava talvez ainda mais do que a sua pobre Teresa! Enfim, vendo que lidava em vão por se fazer reconhecer, virou-se para Leonia, disse-lhe umas palavras em voz baixa, trêmula e pálida saiu.

Minha Leoniazita levou-me pouco depois para perto da janela, de onde avistei Maria, sem reconhecer ainda, a passear devagarinho no jardim, estendendo os braços para mim, sorrindo e chamando-me com voz repassada de meiguice:

“Teresa! minha Teresinha!” Como esta última tentativa não surtisse melhor resultado, minha irmã querida ajoelhou-se a chorar à beira do meu leito e, voltada para a Virgem bendita, invocou-a com fervor de mãe que suplica, que quer a vida de sua filha. Leonia e Celina fizeram o mesmo, e foi esse grilo de fé que forçou as portas do céu.

MESSAGEIRO N. S. MENINA

Não encontrando já nenhum socorro neste mundo, eu também, quasi a morrer de dor, voltava-me para a minha Mãe celeste, suplicando-lhe com tôdas as veias do coração tivesse enfim compaixão da sua filhinha.

Aninhou-se de súbito a estátua! A Virgem Maria tomou um aspecto tão belo, que nunca encontrei expressão assaz apropriada para descrever essa formosura divina. Res-sumbavam no seu semblante uma doçura, uma bondade e uma ternura inefáveis; mas o que se me gravou nas profundas da alma foi o sorriso arrebatador! Desvaneceram-se então as minhas mágoas, brotaram-me dos olhos duas grossas lágrimas, que me rolaram silenciosamente pelas faces...

Ah! eram lágrimas de alegria celeste e sem mistura! A Virgem Santíssima adeantou-se para mim! sorriu-me... Que ventura é a minha! refletia eu, mas não contarei a ninguém, para não se desfazer a minha felicidade. E logo, sem esforço, abaixei os olhos e reconheci a minha querida Maria, que olhava para mim com amor e muito comovida, parecendo-me até suspeitar que eu acabava de receber insigne favor do céu.

ANIVERSÁRIOS

Setembro.

1 — Geraldo Regis de Alencastro Matos, cresça conservando sempre os sorrisos de Maria Santíssima!

3 — Endóxia Bitencourt de Andrade, esposa do coronel Luiz Mariano Pereira de Andrade, colha muitos anos e do coraçãozinho da Virgem retire as bênçãos para a felicidade de sua família.

6 — Vitor de Melo e Alvim, na Virgem Santíssima depouha toda a sua confiança nas maiores aflições.

8 — Coronel Carlos Autran Dourado, desde o dia do seu nascimento trouxe estampado no seu coração o sorriso que a tôdas as almas traz o nascimento da Virgem Santíssima.

— Maria da Glória Caldas, vive sempre feliz, mas dessa felicidade que reflete nas almas o hercinho de Nossa Senhora.

10 — Dr. Fernando Lavrador, da devoção à Nossa Senhora retirou a bondade do seu grande coração.

16 — Aurora Souza Costa, é mesmo uma aurora porque vive sempre dentro do Coração da Aurora da Vida da graça.

— Carlota Pagani, esposa do Dr. André Pagani, do jardim ameno que é o Coraçãozinho de Nossa Senhora, retire as virtudes para repartir com todos no seu lar.

— Tenente Hésio de Melo e Alvim, reproduza em todos aquilo que é o orgulho da sua família — a fé viva, que abre a porta de tôdas as virtudes.

— Edith Gebara, esposa do Sr. Emilio Gebara, reciba do Coraçãozinho Imaculado da Virgem Santíssima os tesouros para felicidade de todos os seus.

20 — Rosa Ramos, esposa do Sr. Carlos Ramos, do comércio desta praça, viva sempre dentro da piedade da alma de Maria.

24 — Adília de Freitas Ramalho Anachoreta, esposa do Sr. Manuel José Anachoreta, retire do Coraçãozinho Imaculado da Virgem Santíssima as graças necessárias para a sua e a felicidade de todos os seus.

25 — Justina Nascimento, estampa no rosto a felicidade que recebe da devoção à Nossa Senhora, que a faz tão caridosa.

26 — Elisa de Castilho Freire, esposa do coronel Augusto Freire da Silva Sobrinho, como ela é boa e está dito tudo!

— Sinval Ferreira Pinto, da fé viva alimenta a sua alma nos tesouros riquíssimos do Coração Imaculado de Maria.

29 — Oscar Franco, quem não vê como ele é bom? A bênção de Nossa Senhora seja o seu conforto.

(Cont na pág. 24)

A FESTA DE N. S. MENINA

Diloso aquele dia, em que Maria nasce para a felicidade da humanidade, para a consolação e amparo de filhos de um pai prevaricador! No nascimento de Maria está a esperança da humanidade!

Nos desígnios de Deus havia chegado a hora em que o pecado tinha que ser resgatado com o sangue preciosíssimo do próprio Deus feito carne no seio de uma Virgem e esta Virgem, nascendo, torna-se a Aurora da vida da graça!

E o que quer isto dizer?

Através dos séculos, Ela contem a destruição dos povos, sustando, pelo seu poder suplicante, as próprias leis da natureza, evitando os efeitos de temores de terra; protegendo contra as ondas enraivecidas pobres naufragos; curando enfermos; aplacando tempestades morais e espirituais; cumulando o mundo de bênçãos. E com verdadeiro entusiasmo o Cristianismo celebra e canta as glórias de Maria, bendizendo a Deus o dia do nascimento daquela que tornar-se-ia Mãe de Deus, porque *Omnia bona venerunt pariter cum illa!* Ela é a Mensageira de todos os bens celestiais! E no auge de sua grandeza, sente-se feliz em repartir conosco a felicidade de todo o gênero.



Imagem de N. S. Menina, da Matriz de Copacabana

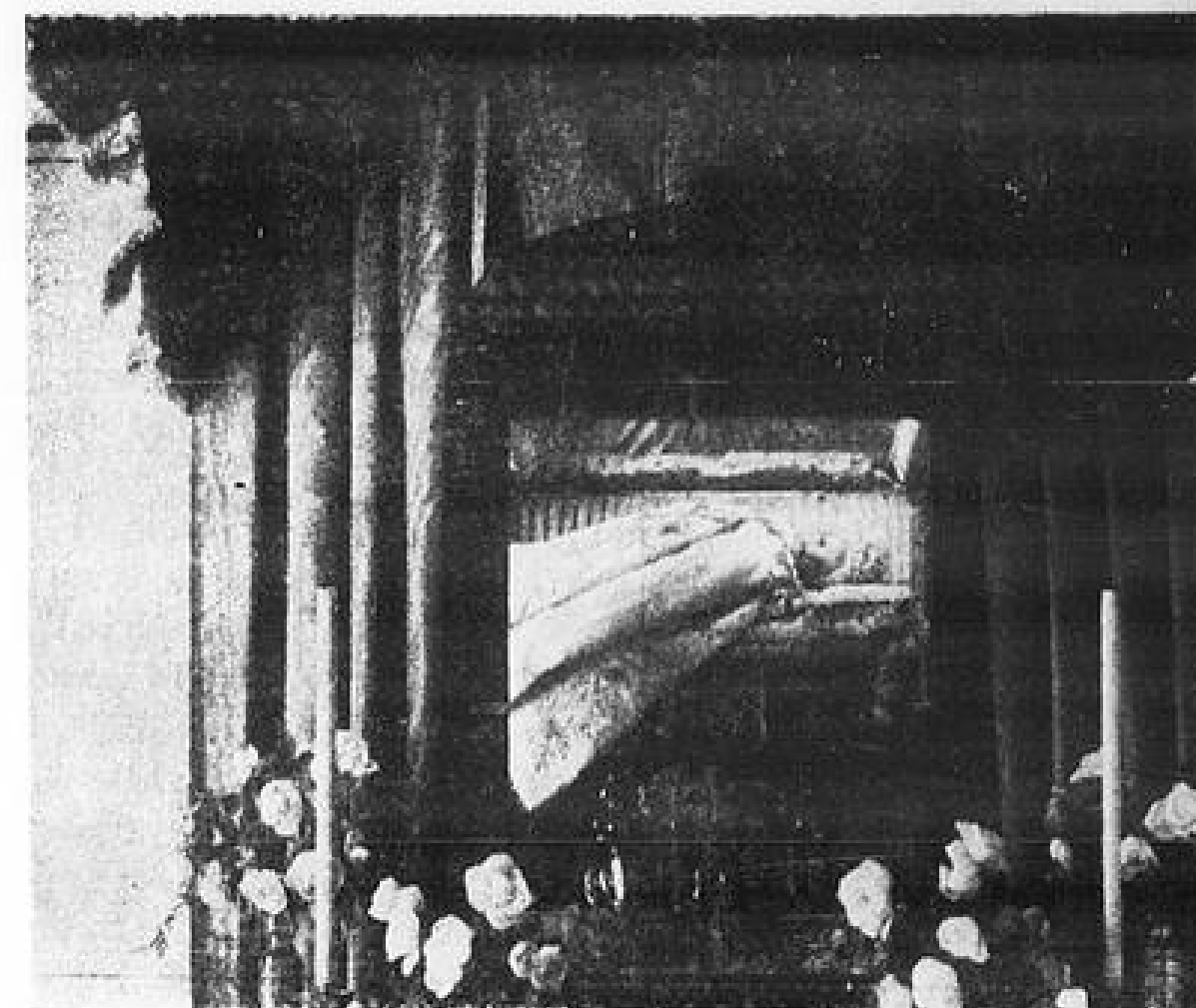


Imagem milagrosa de N. S. Menina

na ordem material, moral e espiritual. E assim tinha que ser e assim o é.

Como cerrar os seus ouvidos às nossas súplicas?

Como abandonar-nos nas nossas aflições, quando somos herança deixada por seu Divino Filho em seu último testamento?

Maria, é o veio aberto por Deus, por onde nos vêm as mais abundantes torrentes da misericórdia divina.

Rodeiam-nos mil perigos; para qualquer parte que volvamos nossos olhos, não vemos senão escolhos e precipícios; o inimigo de nossas almas anda em derredor, procurando ocasião de nos arruinar; a quem recorreremos?

Quem nos livrará de tantos inimigos? Quem nos estenderá mão amiga que, tirando deste mar de angústias, nos conduzirá ao porto da salvação?

Quem?

O Bercinho de Maria, no qual encontramos toda a esperança toda a graça. Aquele que acha Maria, acha a vida e consegue do Senhor a salvação. (Prov. VIII, 35).

Certos disso, os devotos do Bercinho de Nossa Senhora prepararam-se com todo fervor para a festa de Nossa Senhora Menina, que é o dia 8 de Setembro. Foram dias de céu os vívidos junto do Bercinho de Nossa Senhora! Foram dias eucarísticos, porque onde se encontra a verdadeira eucaristia é em Maria, onde tiveram origem as carnes do Verbo do Deus, onde começou a palpitar o Coração do Deus feito homem para a nossa salvação. De onde é fácil se inserir que não pôde haver alma eucarística, que não seja antes alma mariana, principiando os triunfos eucarísticos nos triunfos marianos! Maria é o caminho para o Coração Eucarístico de Jesus! Nada adiantam as cruzeiras peitorais eucarísticas, si não tiverem passado pelo crisol de Maria, crisol bendito, por onde quis passar o próprio Cristo, fazendo de Maria, não somente o seu templo, mas almofada onde reclinou a sua cruz! E como torna-se suave o sofrimento em Maria!

No dia da festa, tivemos o prazer de ver tomar assento na mesa eucarística elevado número de devo-



Sociais

Este mês de Setembro é consagrado à Infância da Virgem Santíssima e a uma Santinha que viveu sempre da Infância da Virgem, para nos deixar este tesouro preciosíssimo que é um verdadeiro tratado teológico — A Infância espiritual — Refiro-me à florzinha de Lisieux — Santa Teresinha do Menino Jesus. Nesta coluna das famílias, como leitura espiritual, deixo este ano o Sorriso da Virgem à Santa Teresinha, para que todos tenham certeza da assistência da Virgem Santíssima a tudo quanto se passa no lar cristão.

“Um domingo, durante a novena, Maria foi ao jardim, deixando-me com a Leonia que se pusera a ler ao pé da janela. Dai a momentos, chamei em voz quasi sumida: Maria! Maria! Por estar acostumada a ouvir-me gemer assim, Leonia não me prestou atenção gritei então com mais força e Maria acudiu imediatamente. Vi-a perfeitamente entrar, mas aí! pela primeira vez não a reconheci. Procurava a roda de mim, sondava ansiosamente o jardim com o olhar e tornava a chamar: Maria! Maria!

Esta luta forçada e inexplicável era tormento indizível para mim, e Maria parecia talvez ainda mais do que a sua pobre Teresa! Enfim, vendo que lidava em vão por se fazer reconhecer, virou-se para Leonia, disse-lhe umas palavras em voz baixa, trêmula e pálida saiu.

Minha Leoniazita levou-me pouco depois para perto da janela, de onde avistei Maria, sem reconhecer ainda, a passear devagarinho no jardim, estendendo os braços para mim, sorrindo e chamando-me com voz repassada de meiguice:

“Teresa! minha Teresinha!” Como esta última tentativa não surtisse melhor resultado, minha irmã querida ajoelhou-se a chorar á beira do meu leito e, voltada para a Virgem bendita, invocou-a com fervor de mãe que suplica, que quer a vida de sua filha. Leonia e Celina fizeram o mesmo, e foi esse grito de fé que forçou as portas do céu.

Não encontrando já nenhum socorro neste mundo, eu também, quasi a morrer de dor, voltara-me para a minha Mãe celeste, suplicando-lhe com tôdas as veias do coração tivesse enfim compaixão da sua filhinha.

Animou-se de subito a estátua! A Virgem Maria tomou um aspecto tão belo, que nunca encontrei expressão assaz apropriada para descrever essa formosura divina. Resumiram-se no seu semblante uma doçura, uma bondade e uma ternura inefáveis; mas o que se me gravou nas profundezas da alma foi o sorriso arrebatador! Desvaneceram-se então as minhas mágoas, brotaram-me dos olhos duas grossas lágrimas, que me rolaram silenciosamente pelas faces...

Ah! eram lágrimas de alegria celeste e sem mistura! A Virgem Santíssima adeantou-se para mim! sorriu-me... Que ventura é a minha! refletia eu, mas não contarei a ninguém, para não se desfazer a minha felicidade. E logo, sem esforço, abaixei os olhos e reconheci a minha querida Maria, que olhava para mim com amor e muito comovida, parecendo-me até suspeitar que eu acabava de receber insigne favor do céu”

ANIVERSÁRIOS

Setembro.

1 — Geraldo Regis de Alencastro Matos, cresça conservando sempre os sorrisos de Maria Santíssima!

3 — Eudóxia Bitencourt de Andrade, esposa do coronel Luiz Mariano Pereira de Andrade, colha muitos anos e do coraçãozinho da Virgem retire as bênçãos para a felicidade de sua família.

6 — Vitor de Melo e Alvim, na Virgem Santíssima deponha toda a sua confiança nas maiores aflições.

8 — Coronel Carlos Autran Dourado, desde o dia do seu nascimento trouxe estampado no seu coração o sorriso que a tôdas as almas traz o nascimento da Virgem Santíssima.

— Maria da Glória Caldas, vive sempre feliz, mas dessa felicidade que reflete nas almas o bercinho de Nossa Senhora.

10 — Dr. Fernando Lavrador, da devoção à Nossa Senhora retirou a bondade do seu grande coração.

16 — Aurora Souza Costa, é mesmo uma aurora porque vive sempre dentro do Coração da Aurora da Vida da graça.

— Carlota Pagani, esposa do Dr. André Pagani, do jardim ameno que é o Coraçãozinho de Nossa Senhora, retire as virtudes para repartir com todos no seu lar.

— Tenente Hésio de Melo e Alvim, reproduza em todos aquilo que é o orgulho da sua família — a fé viva, que abre a porta de tôdas as virtudes.

— Edith Gebara, esposa do Sr. Emilio Gebara, receba do Coraçãozinho Imaculado da Virgem Santíssima os tesouros para felicidade de todos os seus.

20 — Rosa Ramos, esposa do Sr. Carlos Ramos, do comércio desta praça, viva sempre dentro da piedade da alma de Maria.

24 — Adília de Freitas Ramalho Anachoreta, esposa do Sr. Manuel José Anachoreta, retire do Coraçãozinho Imaculado da Virgem Santíssima as graças necessárias para a sua e a felicidade de todos os seus.

25 — Justina Nascimento, estampa no rosto a felicidade que recebe da devoção à Nossa Senhora, que a faz tão caridosa.

26 — Elisa de Castilho Freire, esposa do coronel Augusto Freire da Silva Sobrinho, como ela é boa e está dito tudo!

— Sinval Ferreira Pinto, da fé viva alimenta a sua alma nos tesouros riquíssimos do Coração Imaculado de Maria.

29 — Oscar Franco, quem não vê como ele é bom? A bênção de Nossa Senhora seja o seu conforto.

(Cont. na pág. 24)

A FESTA DE N. S. MENINA

Ditoso aquele dia, em que Maria nasce para a felicidade da humanidade, para a consolação e amparo de filhos de um pai prevaricador! No nascimento de Maria está a esperança da humanidade!

Nos designios de Deus havia chegado a hora em que o pecado tinha que ser resgatado com o sangue preciosíssimo do próprio Deus feito carne no seio de uma Virgem e esta Virgem, nascendo, torna-se a Aurora da vida da graça!

E o que quer isto dizer?

Através dos séculos, Ela contem a destruição dos povos, sustando, pelo seu poder suplicante, as próprias leis da natureza, evitando os efeitos de temores de terra; protegendo contra as ondas enraivecidas pobres naufragos; curando enfermos; aplacando tempestades morais e espirituais; cumulando o mundo de bênçãos. E com verdadeiro entusiasmo o Cristianismo celebra e canta as glórias de Maria, bendizendo a Deus o dia do nascimento daquela que tornar-se-ia Mãe de Deus, porque *Omnia bona venerunt pariter cum illa!* Ela é a Mensageira de todos os bens celestiais! E no auge de sua grandeza, sente-se feliz em repartir conosco a felicidade de todo o gênero.



Imagem de N. S. Menina, da Matriz de Copacabana

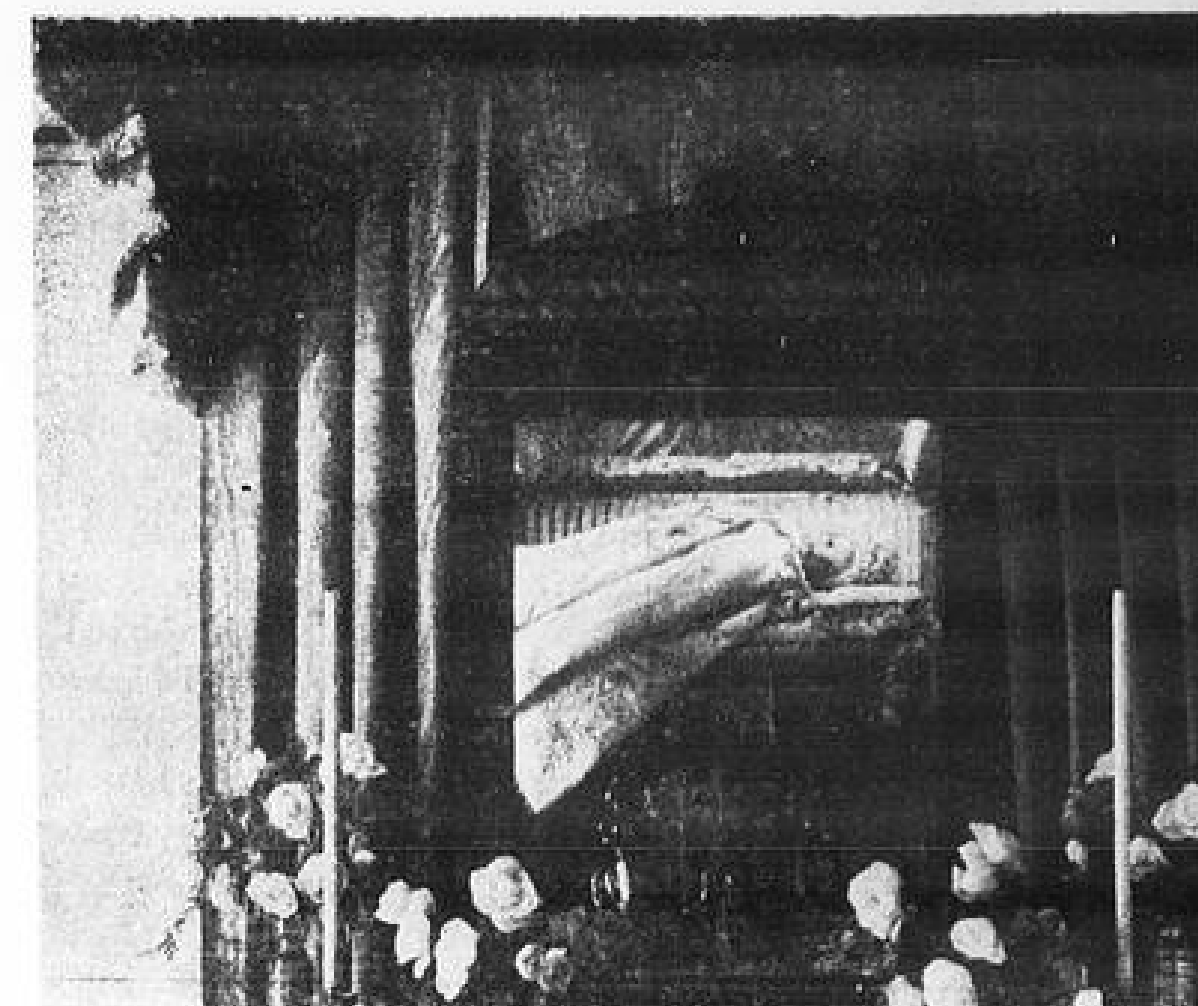


Imagem milagrosa de N. S. Menina

na ordem material, moral e espiritual. E assim tinha que ser e assim o é.

Como cerrar os seus ouvidos às nossas súplicas?

Como abandonar-nos nas nossas aflições, quando somos herança deixada por seu Divino Filho em seu último testamento?

Maria, é o veio aberto por Deus, por onde nos vêm as mais abundantes torrentes da misericórdia divina.

Rodeiam-nos mil perigos; para qualquer parte que volvamos nossos olhos, não vemos senão escolhos e precipícios; o inimigo de nossas almas anda em derredor, procurando ocasião de nos arruinar; a quem recorreremos?

Quem nos livrará de tantos inimigos? Quem nos estenderá mão amiga que, tirando deste mar de angústias, nos conduzirá ao porto da salvação?

Quem?

O Bercinho de Maria, no qual encontramos toda a esperança toda a graça. Aquele que acha Maria, acha a vida e consegue do Senhor a salvação. (Prov. VIII, 35).

Certos disso, os devotos do Bercinho de Nossa Senhora prepararam-se com todo fervor para a festa de Nossa Senhora Menina, que é o dia 8 de Setembro. Foram dias de céu os vividos junto do Bercinho de Nossa Senhora! Foram dias eucarísticos, porque onde se encontra a verdadeira eucaristia é em Maria, onde tiveram origem as carnes do Verbo do Deus, onde começou a palpitar o Coração do Deus feito homem para a nossa salvação. De onde é fácil se inserir que não pôde haver alma eucarística, que não seja antes alma mariana, principiando os triunfos eucarísticos nos triunfos marianos! Maria é o caminho para o Coração Eucarístico de Jesus! Nada adiantam as cruzeiras peitorais eucarísticas, si não tiverem passado pelo crisol de Maria, crisol bendito, por onde quis passar o próprio Cristo, fazendo de Maria, não somente o seu templo, mas almofada onde reclinou a sua cruz! E como torna-se suave o sofrimento em Maria!

No dia da festa, tivemos o prazer de ver tomar assento na mesa eucarística elevado número de devo-

los de Nossa Senhora Menina, num ambiente de muita piedade.

Celebrou a missa S. Ex. Rvma. o Snr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura, acompanhada por harmônio, violino e cânticos.

Sendo a Capela pequena, os fiéis estendiam-se pelo corredor e jardim. Durante o dia, foi grande o número de visitantes, não tendo Nossa Senhora ficado sosinha nem um minuto sequer. Passaram diante da Imagem Milagrosa mais de duas mil pessoas.

Às nove e meia, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa foi benzer uma Imagem de Nossa Senhora Menina na Igreja Matriz de Copacabana, a convite do Ilmo. e Revmo. Sr. Padre Castelo Branco, Vigário de Copacabana. A imagem foi dada a Igreja Matriz pela Exma. Sra. D. Carmen Carneiro, esposa do Comandante Olávio da Silveira Carneiro. Numa casa de tantos berços não podia faltar o hercinho de Nossa Senhora Menina!

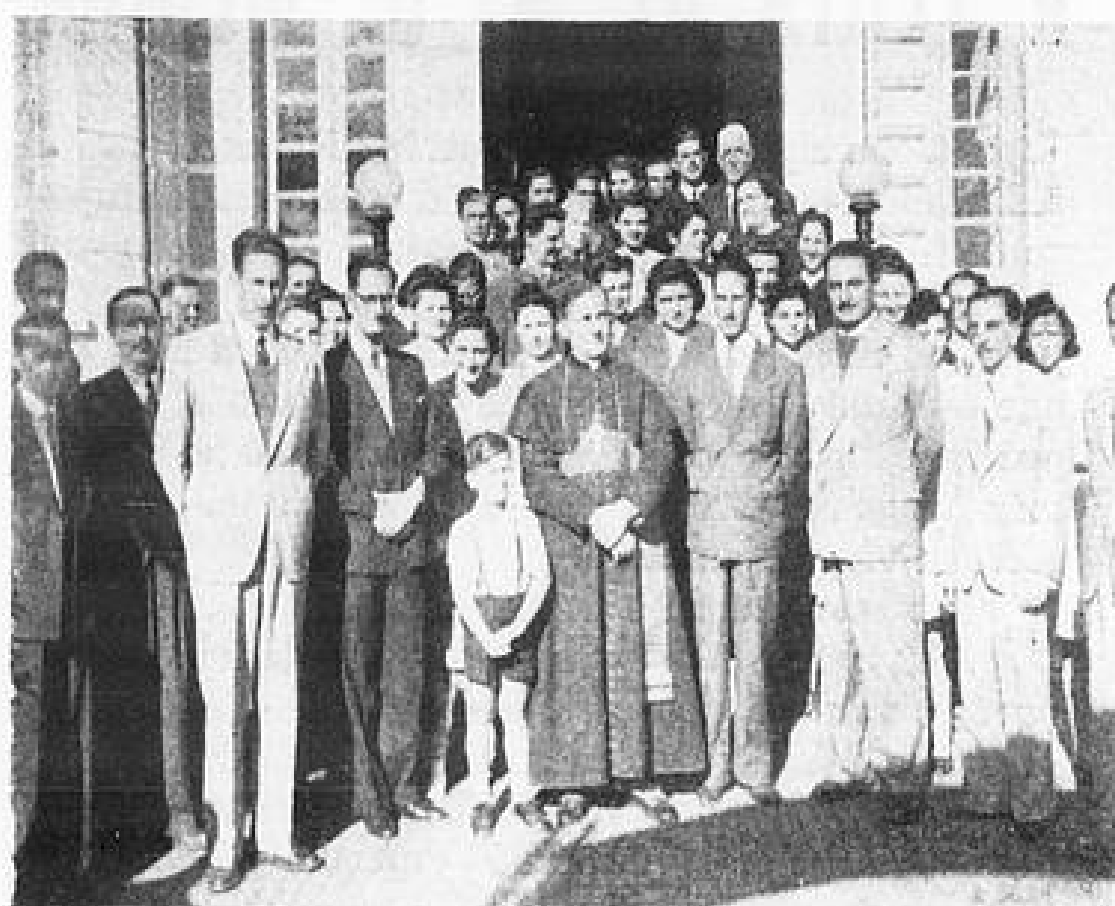
Às 17 horas, na Capela de sua residência, S. Ex. Revma. começou a cerimônia da consagração das crianças à Nossa Senhora, em grupos, perfazendo o total de 200.

Às 20 horas, foram encerradas as solenidades com a bênção do Santíssimo e, em seguida, a bênção de Nossa Senhora.

Lembrou Dom Carlos o fato extraordinário sucedido há um ano, em Petrópolis, quando uma senhora, perturbada das faculdades mentais, recuperou a saúde e, em seguida a casa que havia sido vendida, afim de auferir recursos para tratamento da saúde. Em sonho, vira um clarão que se projetava de uma árvore, onde estava Nossa Senhora. Quando se acorda, estava curada! Dias depois, a própria senhora que havia comprado a casa, lhe faz uma visita e lhe propõe a venda da casa que fôra dela!

Na noite das trevas do pecado, da dor, dos sofrimentos, Maria surge para atender a nossa prece, qual Aurora da vida da graça e causa da nossa alegria!

Esteve Nossa Senhora num verdadeiro jardim florido, simbolizando o jardim das nossas almas!



Bênção da "Casa de Saúde N. S. Menina", em Botucatu. S. Ex. Revma. o Sr. Dom Fr. Luiz Maria de Sant'Ana, entre o corpo clínico, vendo-se o Diretor Dr. Humberto Giannella.

Ainda, no dia 8 de Setembro, foi inaugurada a Casa de Saúde Nossa Senhora Menina, em Botucatu. Nada mais justo, pois Botucatu é berço do Bercinho de Nossa Senhora Menina, em todo o Brasil!

SOCIAIS

(Cont. da pág. 22)

ANIVERSÁRIOS DE CASAMENTO:

Setembro.

24 — Dr. Djalma Gaudio e Laura Gaudio — uma bênção da Santíssima Virgem para que vivam cada vez mais felizes.

— Tenente Hésio e Iná de Melo e Alvim — a Virgem Santíssima os acompanhe e os assista em todos os dias da sua vida.

NASCIMENTOS:

Agosto.

17 — Murilo, filhinho de Justino e Ondina Richulino, é uma riqueza que todos os tesouros da terra juntos, nunca poderão adquirir.

19 — Luiz Antônio, filhinho do Sr. Antônio Machado da Silva, do comércio desta praça, e de D. Maria de Lourdes Sarmento Machado da Silva, seja um anjo de inocência e um serafim de amor.

Setembro.

8 — Vera Lúcia, primogênita do Dr. Walter de Almeida e de D. Mirian de Almeida, que felicidade para a Vera Lúcia e seus pais ter nascido no dia do nascimento da Santíssima Virgem Maria. Bênção grande, que só pôde ser superada por aqueles que nascem no dia de Natal. A Virgem Santíssima abençoe a Vera Lúcia agora e sempre!

9 — Emília, filhinha do Dr. Raul Cunha Ribeiro e de D. Maria Emília Santos Ribeiro, é mais uma flor no jardim de um lar que vive sempre florido das virtudes do Bercinho de Nossa Senhora.

BATIZADOS.

Setembro.

10 — Na Matriz de S. Francisco Xavier, foi batizada a interessante menina Teresa Cristina, filhinha do Dr. Fernando Lavrador e de D. Odette Bastos Lavrador. Cresça sob a proteção da Santíssima Virgem.



Os sorrisos de N. S. Menina

Todos os santos são modelos acabados da vida para que foram chamados. Todos imitaram a Jesus, cada um segundo a sua natureza, segundo o seu temperamento moral particular. Mas acima de todos está Nossa Senhora, que é a Rainha de todos aqueles que pertencem a seu Filho; que foi elevada e está imediatamente depois da divindade, cujo trono está colocado ao lado de seu Filho. Maria é na verdade o espelho sem mancha, o Espelho da Justiça eterna, de Jesus. Imitar Maria é reproduzir a Jesus.

Quem há que dentre os mortais tenha atingido, como aquela que foi concebida sem pecado, os mais altos cumes da vida? A quem foi jamais concedido juntar as alegrias da Maternidade com as honras da Virgindade? Quem realizou a tranquilidade da ordem, tão perfeitamente como aquela que, numa incessante dependência de amor, amou durante a sua vida inteira ao Fiat da Encarnação e da Redenção? Quem há como Ela tenha vivido num recolhimento assim tão íntimo com Jesus "in omnibus requiem quiesivi et in hereditate Domini morabor", numa vida toda de fé e de amor, ardente e tranquila ao mesmo tempo, associada à morte de Jesus e à sua ressurreição?

E desta união tão perfeita com Jesus, recebemos os seus sorrisos, nas nossas necessidades materiais, morais e espirituais. Eis, pois, Maria sorrindo aos devotos da sua Infância, aos devotos do seu Bercinho:

RIO DE JANEIRO — Isaura Radick agradece à Nossa Senhora Menina uma graça alcançada por sua intercessão.

RIO DE JANEIRO — Graciliano Fontoura, casado, residente à Rua N. S. de Copacabana, 6, agradece à Nossa Senhora Menina sua cura milagrosa,

fazendo o mesmo suas filhas Maria e Adalgiza.

RIO DE JANEIRO — Esmeralda Ribeiro, viúva, residente à Rua Carolina Meyer, 25, agradece à N. S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Eraldo Braga, residente à Rua Paganha da Silva, agradece à N. S. Menina uma graça alcançada.

Parma, Itália — A condessinha M. G. M., do Instituto das Ursulinas de Parma, narra assim a sua cura de uma grave doença: "Em Abril de 1886, comeci a sentir dores em todo o corpo, continuando assim até Julho, quando sobrevieram acessos de convulsões violentíssimas. A conselho médico, fui tomar ares de campo, na esperança de conseguir melhoras. Mas, pelo contrário, mais frequentes e mais fortes se tornaram as convulsões, pelo que voltei para a cidade sem melhora alguma. Pouco depois, além das convulsões, perdi quasi por completo o uso das pernas e por vezes até a fala. Os cuidados amorosos e incessantes das minhas ótimas irmãs, e todos os remédios que experimentava, Deus não queria que me servissem. Várias novenas, tríduos e outras súplicas que minhas caridosas Superiores mandavam fazer por mim nada conseguiam. Conhecendo-se depois porque era que a graça de minha cura estava reservada à Menina Maria. Eis como aconteceu. Depois de ter passado um ano assim tão doente, fui levada a Milão, afim de visitar a Milagrosa Imagem de Maria Menina. Chegando lá, perguntaram-me si queria que rezassem por mim. Eu que havia perdido a fala, pedi por sinais à Imagem Milagrosa a minha cura. Tenho a dizer que ao ver a Imagem me enchi de muita consolação. No último dia do mês de Julho, fui levada ao Santuário de Nossa Senhora Menina. Coisa verdadeiramente admirável! Entrar no recinto santo e me sentir fisicamente melhorada foi uma coisa rápida. O semblante da Santa Menina, pareceu-me sorrir à vivíssima espe-

rança que ali me havia levado. Meu coração sentiu a força dulcíssima daquele sorriso e eu já estava certa da graça. E, na verdade, a recebi. Aquela primeira e sensível melhora foi aumentando cada vez mais e dentro em breve estava completamente curada e já é este o nono ano que rendo graças à minha amabilíssima libertadora. Era o ano de 1889.



JABOTICABAL, Est. de S. Paulo — À N. S. Menina, Conceição de Torres Assunção e sua filhinha de criação Ana, oferecem seus retratos, em agradecimento, por uma graça alcançada no desastre em que foi vítima a pequena Ana.



Bênção da Imagem de N. S. Menina, dada à Igreja Matriz de Copacabana pelo Comandante Olávio da Silveira Carneiro, ao lado do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Carlos, vendo-se ainda o Vigário, Padre Castelo Branco, e Padre Carneiro



A primeira comunhão no Instituto de S. Francisco de Sales, dos Padres Salesianos, no Riachuelo, no dia 15 de Agosto.

Histórico da devoção de Nossa Senhora Menina

A DEVOÇÃO DE N. S. MENINA NÃO É TÃO RECENTE, COMO A MUITOS PARECE



Milagrosa Imagem de N. S. Aparecida, cercada pelos escudos dos países Estados do Brasil.

Quando crianças, com que prazer ouviamos falar de Maria, na nossa simplicidade, quantas benções atraímos para os nossos pais e nossos irmãos!

mãozinhos! Foi junto da Imagem de Nossa Senhora que aprendemos a jogar beijos a Jesus! Si Maria é a poesia do cristianismo, é porque Ela enche os nossos lares dos perfumes das virtudes cristãs. E si a riqueza de uma família é o berço, em todas as casas deve existir o berçinho de Nossa Senhora! Quando crescidos, já adultos, será esse berçinho que nos salvará dos horrores das tempestades e mesmo de um naufrágio na fé. Maria nos trará luz, esperança, força, consolação e paz. Na verdadeira devoção à Maria Santíssima, encontramos todos os mistérios da nossa fé.

Falemos de Maria aos sábios e aos simples, aos que têm fome de justiça e sede da verdade; falemos de Maria na cabeceira dos enfermos e moribundos, à alma das crianças no lar doméstico, na catequese. E a nossa vida em união com Maria seja tão íntima que Ela viva nas nossas palavras, nas nossas obras, na nossa oração, sobretudo nessa tão rica — O Rosário — onde está a salvação do mundo. Falemos de Maria aos pobres, aos aflitos, aos que sofrem, aos que desanimam e desesperam, às vítimas do erro, da dúvida e da indiferença religiosa.

Como é triste contemplar os homens mergulhados nas brumas espessas do erro e perdidos no turbilhão revolto das grandes convulsões sociais! Não haverá um raio de meiga luz que, rasgando as trevas, caia benigna nas inteligências para mostrar a verdade salvadora? Não haverá mão amiga que, num impulso de generosidade, arranque as multidões do abismo onde submergem? Sim, em Maria a salvação!

Oh! vinde e vede:

Vinde todos os que andais sequiosos da verdade; vinde todos os que sois vítima de paixões humanas e de onde a paz fugiu; vinde todos! Almas puras ou corações entorpecidos, consciências relas ou vontades pervertidas, vinde e vede: Olhai para o alto! Contemplai um astro de luz sorridente, que dirige os navegantes da vida na direção da eternidade! Vede mão amiga a estender-se forte e suave aos naufragos deste mundo. Não vos amedronte o esplendor da sua majestade, não vos detenham hesitações de desconfiança ou preconceitos. A visão celeste tem fulgurações de verdade que se impõe a todas as inteligências, ternuras de bondade acolhendo todos os infelizes, e atrativos de beleza que a todos arrebatam. O seu nome encerra as magnificências da maior grandeza criada e a sua missão, sendo a mais alta em dignidade, é a mais simples no carinho e na doçura. Vinde e vede: Nos traços traz o Salvador do mundo, o Caminho, a Verdade, a Vida. A sua história é a história da humanidade redimida. Foi Maria o ponto imaculado da criação, por onde a Verdade, a Vida e a Salvação entraram no mundo. Foi o hortelão fechado, o jardim de delícias e a porta imaculada, por onde Deus desceu do Céu à terra e apareceu entre nós. O mundo estava perdido e por Maria veio-lhe a Salvação.

O berço de Maria é a chave de todas as riquezas do cristianismo!

O berço de Maria é o presépio antecipado, onde encontramos as ânsias do puríssimo amor divino.

Santiago de Chile



Plaza de armas

CAMINHOS

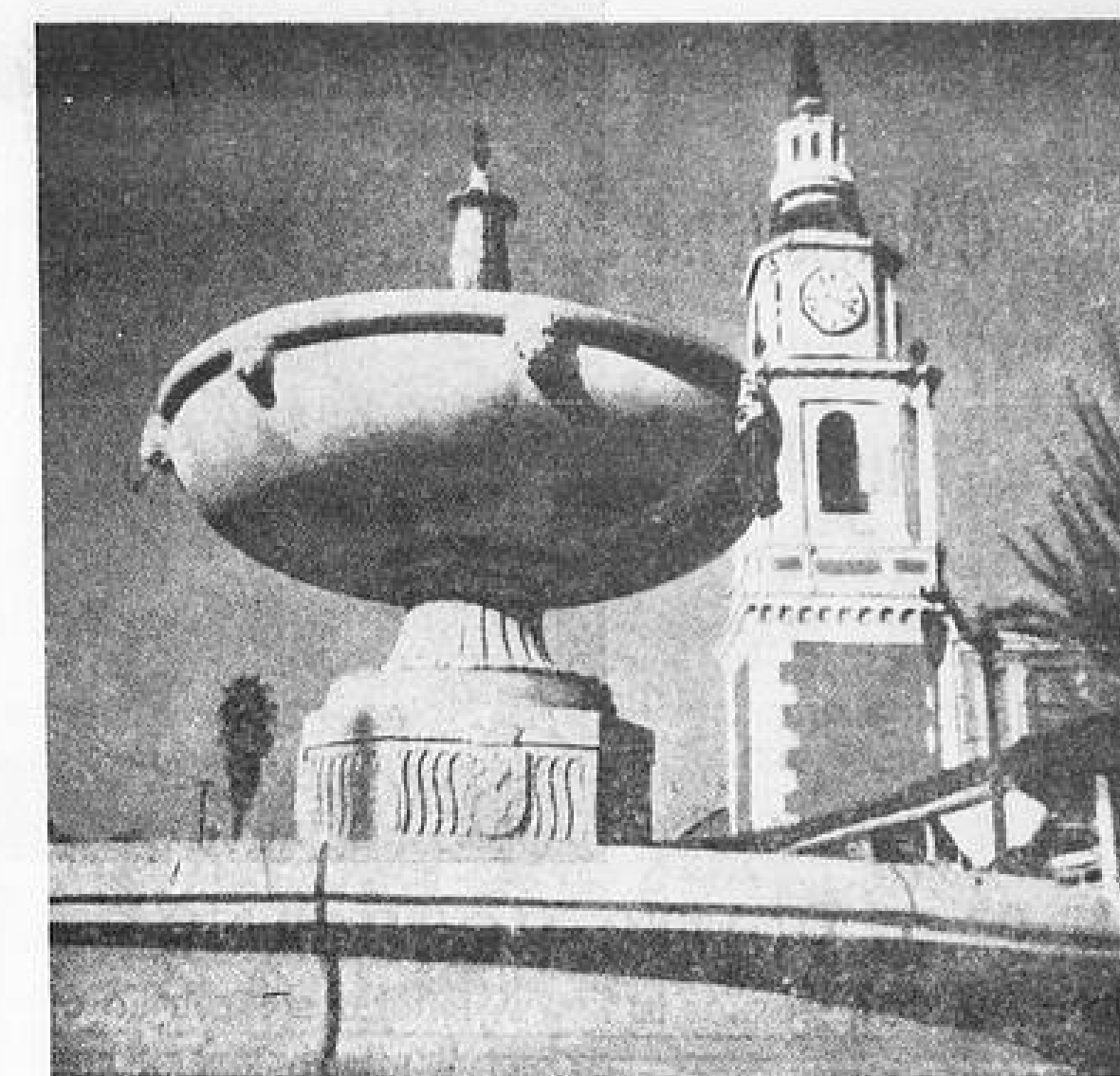
Corrêa d'Oliveira

Cantando e andando pela Vida fora,
descei abismos, dominei a altura;
alma, filha do Sonho e da Aventura,
que dos longes eternos se enamora.

Meu canto ingênuo era-me um berço; agora,
— subiu, tombou, — é quase a sepultura...
Não se tornara o dia em noite escura,
contentando-se a luz de ser aurora!

Arte que eu tenho de cantar a Vida
deixou a fonte de que foi nascida;
quis ser o mar: desfez-se em névoa e em ânsia.

Estradas de astros, quanta sombra a vossa!
Deixai-me inda volta, — deixai que possa! —
Aos caminhos e ao sol da minha infância...



Igreja de S. Francisco e fonte das pêrgulas de flores



Avenida Bernardo O'Higgins.



Bairro cívico

De um mês a outro

(Continuação da pag. 14)

organizações de ordem social, temos demonstrado que o nosso desejo tem sido sempre o bem estar de todos e rápido progresso das demais nações vizinhas e amigas, e que já mais, ao cuidarmos de nossos problemas comerciais e políticos fizemos obra contra qualquer outro povo."

Pelo "Argentina", da Frota da Boa Vizinhança, chegou do Canadá, o Exmo. Sr. Jean Desy é uma figura de destaque nos meios diplomáticos e, estamos certos, terá grande atuação no desenvolvimento cada vez maior da amizade do povo canadense ao povo brasileiro.

Do emprego de capitais canadenses nas indústrias e serviços no Brasil, muito tem concorrido para o progresso pátrio.

Apresentando as boas vindas ao ilustre diplomata, fazemos votos para que a sua permanência no nosso país seja benéfica e coroada de êxito a sua missão.

O Embaixador Geoffrey Knox vai nos deixar, depois de ter prestado relevantes serviços à Coroa inglesa.

Chegado ao nosso país em 1939, o Embaixador Knox em que se distinguiu entre nós? Além de ser um fino diplomata, é o homem amigo do Brasil que, nas horas amargas que atravessa o mundo, no silêncio do seu gabinete de trabalho, foi mais um conselheiro do que um Embaixador de S. Majestade

Eritânia. A longa experiência da vida fez-lo adaptar-se aos costumes pátrios para sair do Brasil com a aureola do homem prudente e discreto, assimilando-se à nossa vida para melhores serviços poder prestar à sua Pátria sobretudo, nesta hora em que vive a humanidade.

Retirando-se do Brasil, não é um Embaixador que parte, mas é um diplomata tão amigo do Brasil, que nós podemos considerá-lo como um brasileiro que, por determinação do Governo, retira-se do país deixando-nos saudosos, tristes por perdê-lo.

COLÉGIO PAN-AMERICANO

Diretor: Dr. NOÊMIO DE SOUZA E SILVA

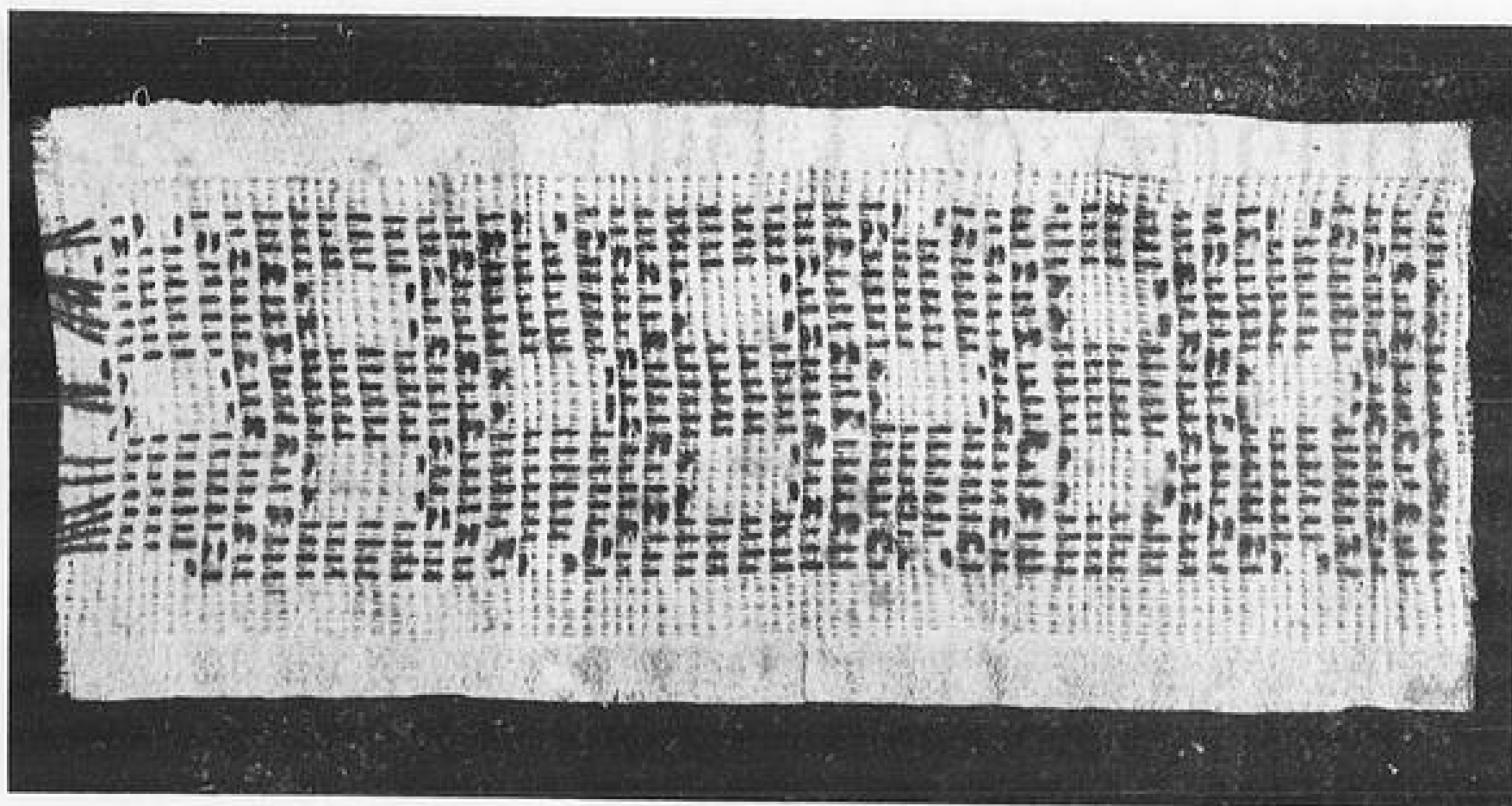
Internato e Externato
(Registrado no Departamento de Educação)

Educação e instrução esmerada
Professorado competente — Preço para todas as posses — ótimo clima.

44 - Rua Miguel Fernandes - 44
(Meyer)

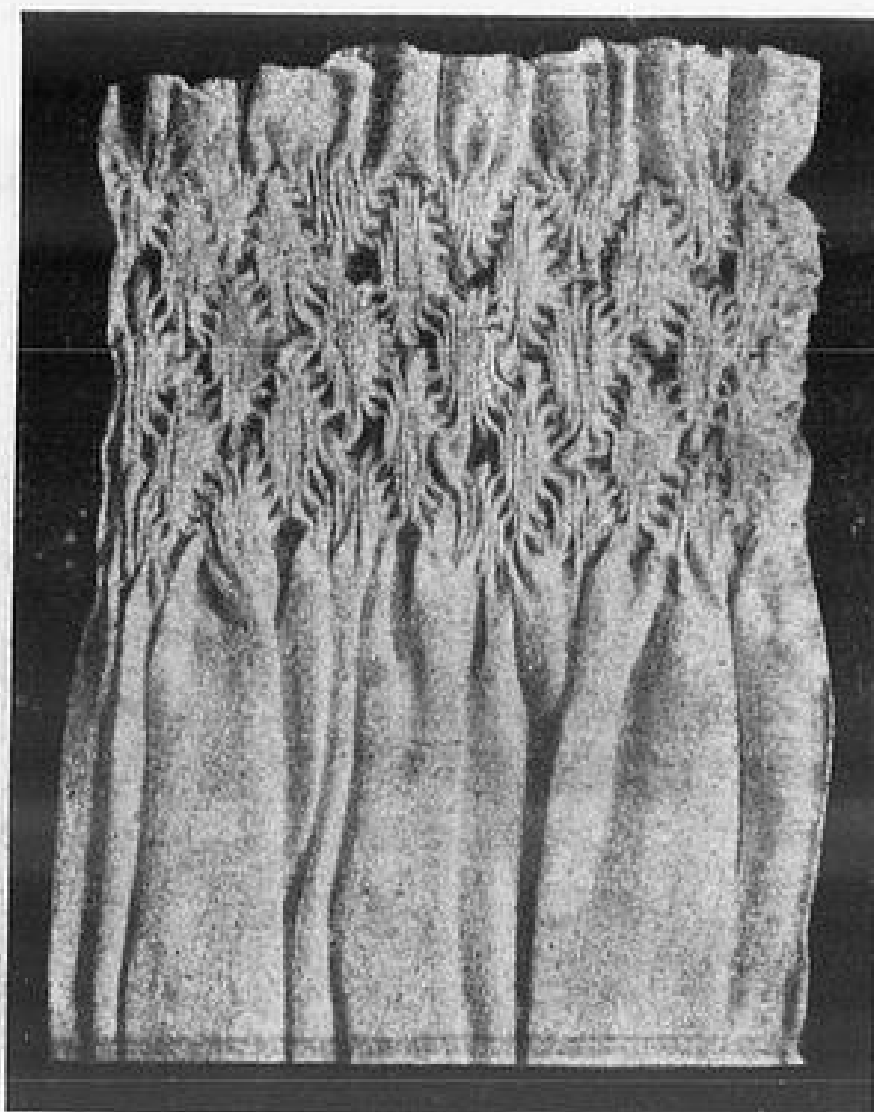
Tel. 29-1155 — RIO DE JANEIRO

O Mensageiro no Lar

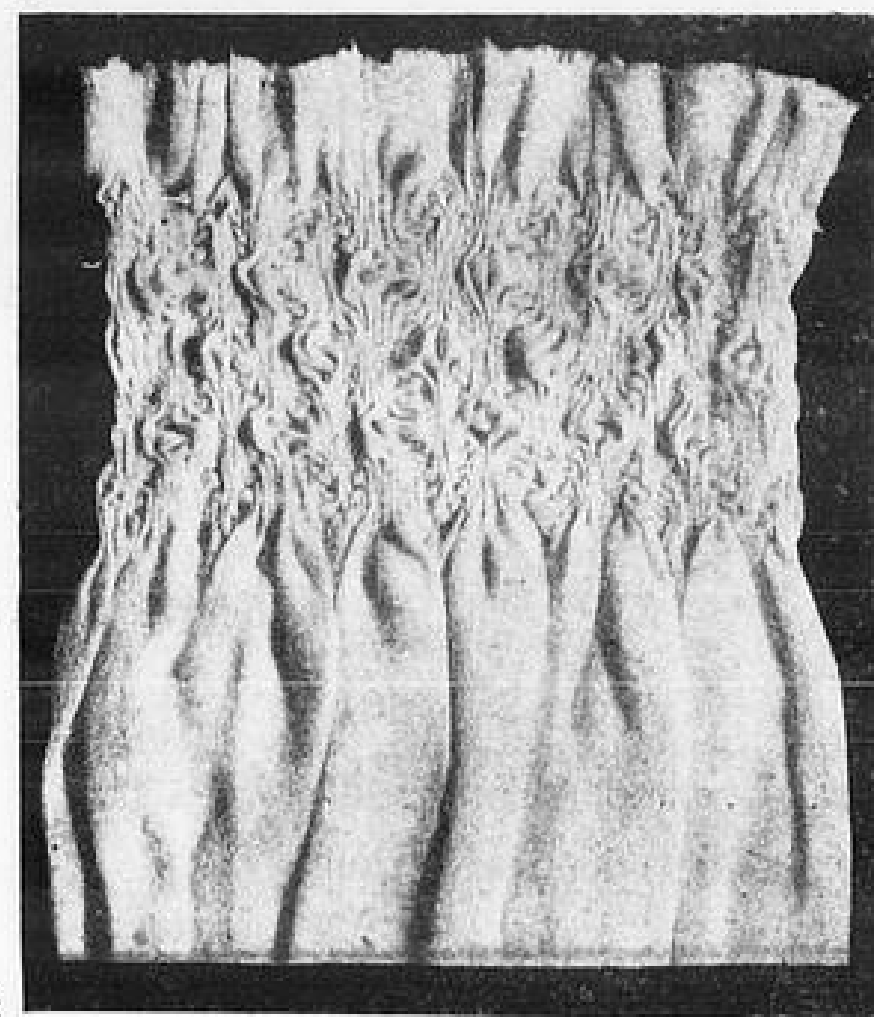


PONTO BOLIVIANO

Oferecemos às nossas leitoras a execução deste ponto. A fazenda deve ser quatro vezes a largura, assim por exemplo, para um vestidinho que mede 25 cm. de frente, o trabalho deverá ter um metro de largura. Começa-se alinhavando a beira da fazenda sobre a qual vai se fazer o ponto de talagarda, que se deseja. Quanto menores forem as quadriculas da talagarda, mais delicado será o trabalho. Depois de passar o primeiro alinhavo, fazendo os pontos, um quadro sim, um quadro não, de acordo com a figura 1, fazem-se quatro pontos horizontais, da direita para a esquerda, um para baixo, um para a direita, outro para baixo, dois para a esquerda, um para cima, um para a direita, um para cima, dez horizontais para a esquerda, repetindo-se até o fim. As outras carreiras se fazem de acordo com a figura 1, tendo cuidado para que os pontos fiquem exatamente um em baixo do outro. Terminado o trabalho, tira-se a talagarda com cuidado, puxando-se depois os fios até ficarem bem franzidos, como nas figuras 2 e 3.



2



3

CREME DE LARANJA

Caldo de duas laranjas, 4 colheres de açúcar, 3 colheres de f. de trigo ou milho e 1 colherinha de manteiga. Misture tudo; leve ao fogo brando sempre mexendo, até ficar consistente. Para maior quantidade vá dobrando ou triplicando todas as quantidades.

COLCHÕES DE GELEIA

Faça 2 colheres de manteiga com 2 de açúcar até ficar bem leve.

Junte 2 ovos, 4 colheres de leite, uma pitada de raspa de limão, misture bem e adicione meio quilo de farinha peneirada com uma colher de fermento em pó. Amasse, dislenda a massa e corte tiras de 8 cm. de largura. Nessas tiras coloque geleia de morango ou outra, enrole-as à guisa de colchões e leve-os a fritar em gordura quente até ficarem louros. Sirva-os polvilhados de açúcar e canela.

LICOR DE CACAU

Dissolva no fogo 500 g. de açúcar, 500 g. de água, junte uma fava de baunilha e, ainda quente adicione a terça parte de 1 litro de álcool de 40° e 200 g. de cacau em pó. Deixe em infusão durante 10 dias; depois filtre e engarrafe.



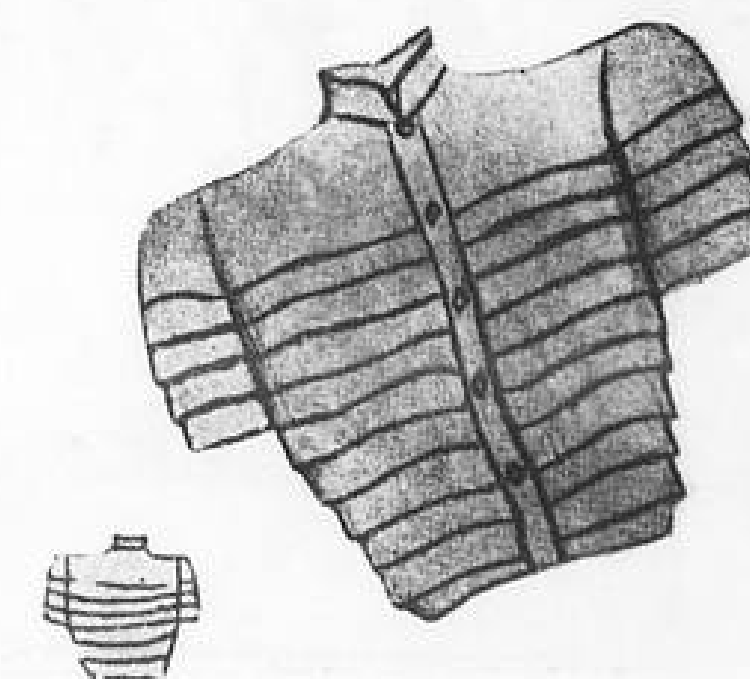
"Canotier" em palha grossa, ornado com laço em gorgurão claro; vem da cor da palha.



Em crepe azul marinho, é este bonito e moderno modelo, com fino sutache branco, abotoado com botões brancos.



Vestidinho para menina, blusa estampada e saia de linho grosso machecada. — Saia de flanela creme e blusa de listas com fecho éclair. — Saia de lã verde, com blusa de crepe listado de verde e branco, abotoada com botões de madreperla.



Blusa em ornado ornada de pregos com botões de perla.

Sociedade dos Amigos de Alberto Torres

A Exma. Sra. D. Nini Miranda, no dia 8 de Agosto, foi a conferencista da nossa Sociedade, sobre a Mulher e a Criança.

Disse ela:

"Quando me refiro á mulher, nunca penso nessas figurinhas vestidas como manequins e de cabeças ócas, gênero á margem, que muito tem concorrido, infelizmente, para a falta de consideração do homem moderno pela outra mulher "senhora".

Falo da mulher — Mulher —, capaz de todos os sacrifícios, mulher esteio da família, mulher mãe, esposa, companheira dedicada do homem.

Deus, muitas vezes, permite tenham filhos essas mulheres, que nunca deveriam ter sido mães!

Dai, vemos os dois tipos de crianças educadas diferentes e erradamente: a criança marlin e a criança rei.

Os primeiros são criados com rigor, severidade quasi cruel, privações, castigos corporais, maltratados barbaramente nos seus corpinhos tenros e indefesos. Privados de tudo, vivem como que expiando uma falta que não cometeram! Crescem, guardando em seus corações o rancor, por vezes, o ódio, a revolta, o desejo de vingança, que vai se expandir mais tarde, quando o homem é livre e pôde agir e é assim que se formam elementos nocivos á sociedade.

Quando vimos um individuo rancoroso e mau, não o culpemos diretamente; são recalques que ficaram no subconsciente, pela educação defeituosa recebida.

O outro tipo, a criança rei; são os meninos criados cheios de vontade e caprichos, que se julgam superiores a todos e vão formando no espirito uma falsa idéia da vida e do cumprimento do dever.

Por isso: não há crianças terríveis e sim pais criminosos!

E' claro que, enquanto não se organizar uma campanha metodizada e inteligente, com relação á proteção da criança e da mulher antes do parto, todas as outras reformas sociais serão inúteis.

Durante o periodo de gestação, é quando a mulher necessita de maior assistência material e, sobretudo, moral.

Não basta instituirem-se creches, criarem-se maternidades: são obras sociais feitas pela metade. O que urge é fazer a casa para proteger a mulher, desde os primeiros meses da sua gestação. Boa alimentação, boa cama, confortáveis cadeiras, limpeza, ar puro, exames constantes, distrações, música, cinema, tudo o que fôr possível fazer para que a mulher se sinta feliz e despreocupada para dar á luz um filho sadio e forte, e, o mais importante, com o sistema nervoso equilibrado.

A formação de uma criança com saúde é fácil e rápida, evitando-se dessa forma os institutos de surdos-mudos, de cegos, hospícios, casas de detenção, hospitais para tuberculosos, leprosários e todo esse aparelhamento necessário numa cidade civilizada!

Os homens de governo ainda não quiseram compreender que a base do problema social está única e exclusivamente na proteção da criança ainda no ventre materno.

A educação da criança é o mais sério motivo para a libertação de uma raça".

Não desposando todos os conceitos da conferência, em vários divergindo, todavia, somos obrigados a dar parabens á conferencista ilustre, por procurar pôr em evidência problemas, que até a presente data não foram focalizados por governos, que se têm como modelares.

Realmente, mais do que escolas, os brasileiros ilustres precisam lançar suas vistas para a assistência á mulher, no periodo que ela mais precisa, para que o Brasil cesse de ser um grande hospital.

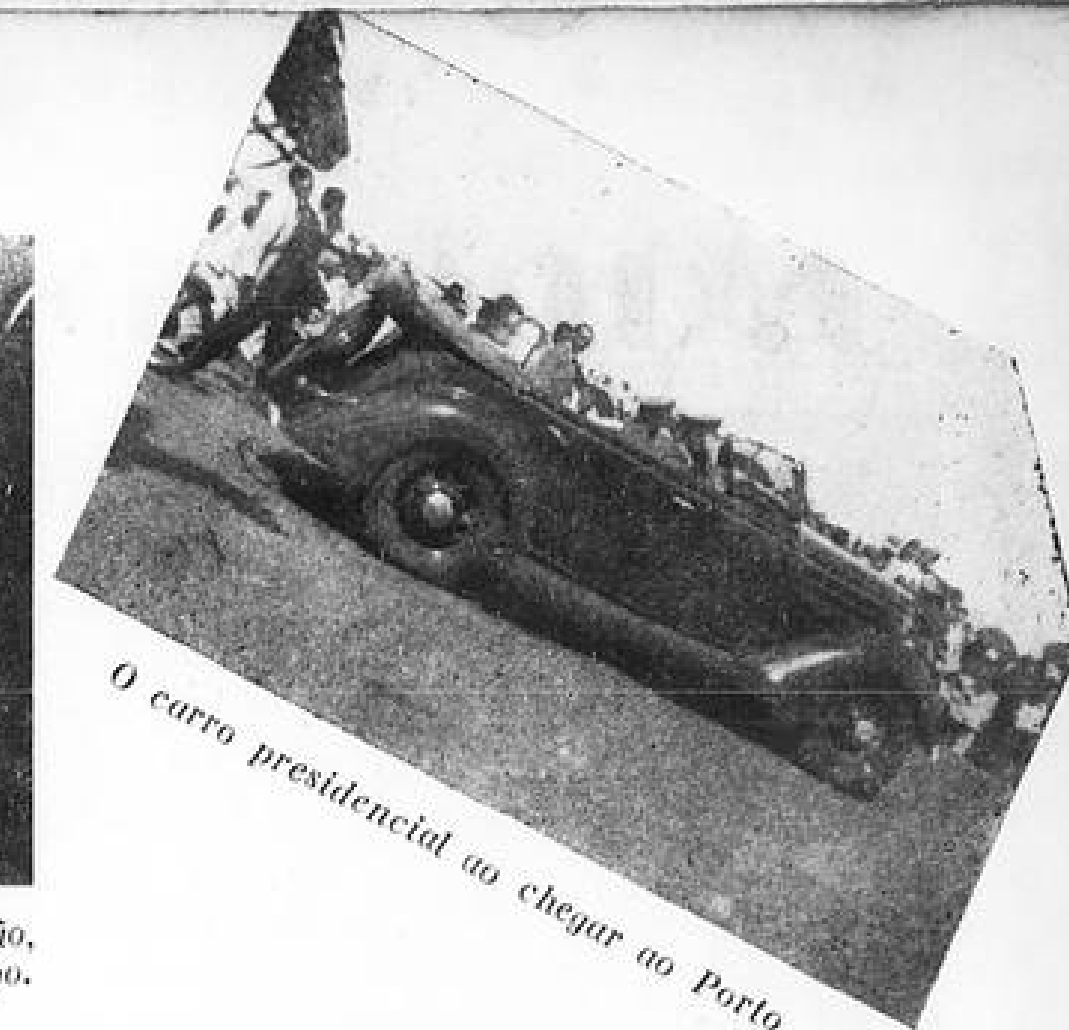


Conferência de Nini Miranda na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Preside a mesa o desembargador Carlos Xavier, tendo á esquerda a escritora Silveira Moncorvo, que saudou a conferencista.

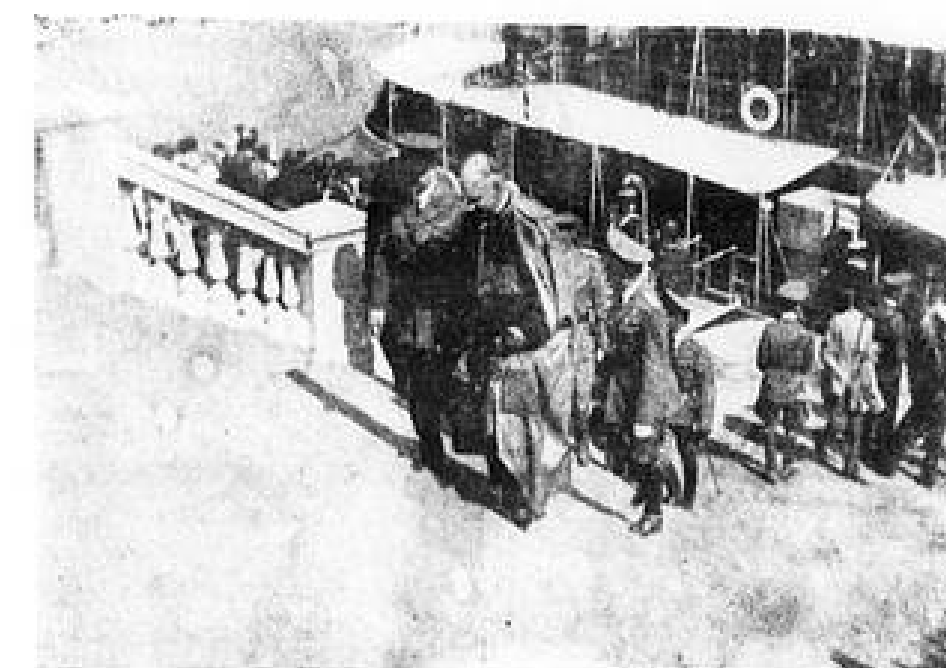
Ecos da visita do Presidente Getúlio Vargas ao Paraguai.



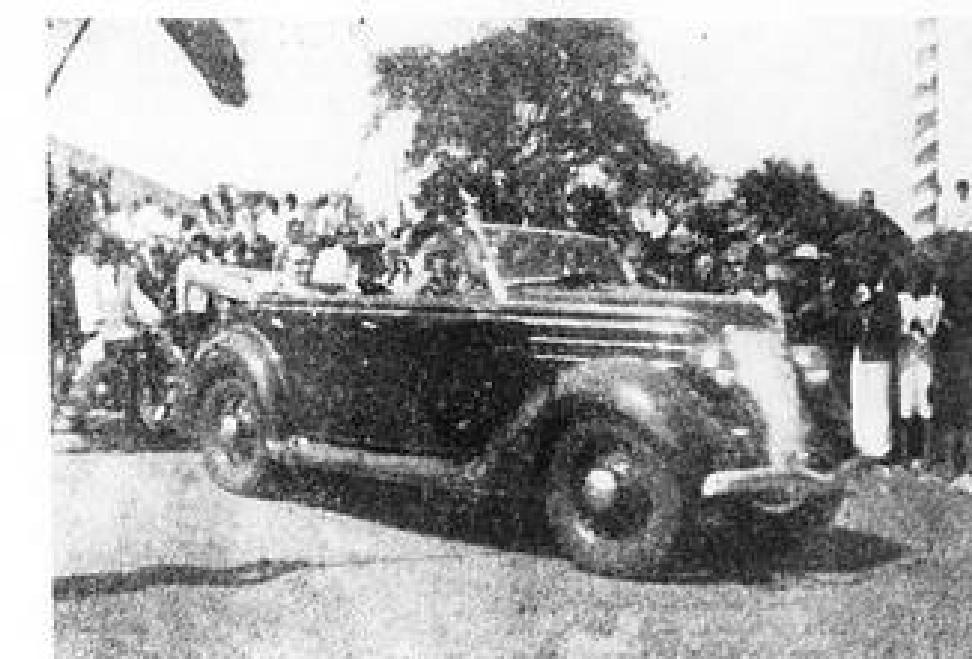
O Presidente Getúlio Vargas, ao chegar á Conceição, é saudado pelo Ministro do Interior, Luiz Santiviago.



O carro presidencial ao chegar ao Porto



O Exmo. e Revmo. Mons. Emilio Sosa Gaona, Bispo de Conceição, e o Ministro do Interior, Santiviago, retirando-se de bordo.



O Presidente Getúlio Vargas é saudado pela Cavalaria Campestre e aclamado pela multidão.

A primeira missa

Coelho Neto

A 26 de abril, domingo de páscoa, desceram todos os da frota a uma restinga onde, sob uma tenda, erigiram um altar ricamente ornamentado.

Os guerreiros, revestidos de suas brilhantes armaduras que resplandeciam ao sol, causavam admiração aos ingênuos selvagens que chegavam do coração do bosque, atraídos pelo estranho espetáculo; e, enquanto frei Henrique, seguido de acólitos, consumava o santo sacrifício, elevando aos céus a Hóstia Cristã, o povo das selvas, apinhando-se na praia, buscava os melhores sitios de onde visse a cerimônia, uns trepando aos galhos das árvores, outros acocorando-se na areia, apoiados aos arcos fortes, as mães com os filhos enganchados na cinta ou escarranchados ao flanco, todos com as suas armas e os seus ornatos vistosos de plumagens variegadas, na cabeça e na cinta, ou sarapintados da cabeça aos pés, garridamente.

As aves cruzavam os ares que o fumo dos turibulos incensava; perto do altar o pendão de Cristo jazia, e, desfraldado aos ventos brandos, o pavilhão das quinas dominava a turba.

Terminada a missa, frei Henrique, despindo os hábitos talaes, subiu a um sólio fazendo uma larga e comovedora prédica, inspirado no evangelho do dia e sugerida igual-

mente pelo sucesso venturoso do descobrimento de terras que demonstravam ser tão ricas, habitadas por gente tão hospitaleira, posto que de alma inculta. Os selvagens que não desviavam os olhos do santo homem, vendo, no final do sermão, que os guerreiros se levantavam, entraram a saltar, contentes, numa dança agitada, arrancando agudíssimos sons dos seus borés e inábias, instrumentos que usavam nas festas e guerras.

Findo o piedoso ato, tornaram os guerreiros ás chalupas, ganhando as naus, que, empavesadas arfavam sobre as águas mansas.

A 1º de maio, descendo novamente á terra, os guerreiros levantaram uma cruz, padrão religioso e de conquista, e, como fosse pesadíssimo o lenho, os indígenas correram a auxiliar os portugueses, ajudando-os a enterrar no fôssco o poste santo, que avultou numa eminência, abrindo ao sol os braços, á sombra dos quais frei Henrique rezou a segunda missa.

No dia seguinte, despachou Cabral uma das velas para Lisboa, portadora da notícia e de várias aves e objetos da terra tão afortunadamente encontrada: André Gonçalves ou Gaspar de Lemos foi o comandante. Deixando ao que julgavam apenas uma ilha, o nome de Vera Cruz, — a 2 de maio os navegadores fizeram-se de vela buscando o caminho das Índias. Na praia ficaram dois degredados, Afonso Ribeiro e outro, e, segundo o testemunho de Caminha, mais dois marinheiros que desertaram.

S. JOAQUIM



É um princípio irrecusável que a maternidade de Maria, sublimando-a sobre todas as criaturas e pondo-a em contato com a Divindade, concentra todas as profusões da munificência divina.

Os esforços do gênio, as imagens mais brilhantes, os mais atrevidos emblemas sentem desmerecer do seu valor, quando o Evangelho anuncia com essa simplicidade inimitável, que o distingue: Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo.

Não seria, pois, enfraquecer tão subida preeminência, si os Livros Santos chamassem a atenção dos vindouros sobre o Patriarca que fez sair de sua casa essa filha, que um Arcanjo saudara bendita entre todas as mulheres.

Espíritos orgulhosos ousaram desconhecer a dignidade de Maria, lembrando o opróbrio de sua geração, e a fonte, de que nascera esse rio, cujas águas impetuosas transportam júbilo para a cidade de Deus. Era por tanto muito justo cercar das mais espessas trevas o Pai desta Virgem ilustre, para nos elevar a essa gloriosa maternidade que, isentando-a das leis comuns da natureza, lhe assegurou a mais eminente jerarquia. Contentemo-nos, pois, em procurar na maternidade de Maria a origem dessas distinções, que levantaram seu trono acima de todas as inteligências criadas e acharemos ao mesmo tempo o segredo da exaltação do seu progenitor.

Que importa, que sua fé não seja preconizada com o estrondo, com que nos dois Testamentos são louvados seus heróis? Não é, porventura, Joaquim o Pai de Maria, preparada para conservar aceso o archole da revelação no momento em que suas alâmpadas a ponto de apagar-se, e suas colunas ameaçavam a queda mais desastrosa? Que importa, que sua ardente caridade não seja louvada nos Livros Santos? Não é Joaquim o Pai de Maria, a quem chamamos com toda justiça Mãe de misericórdia; a que todos os padres reconhecem por um abismo de ternura, e que devia humilhar os guerreiros de Azoth; diante de Joaquim descortinou-se essa reabilitação, que reanimou os patriarcas, e sustentou a confiança de todos os justos. Era esse candieiro de ouro, de que fala Zacarias, onde estava suspensa a alâmpada, de que saiu a luz, que devia iluminar o universo; o estrado magnífico, sobre que repousava o sólio real; o vaso inestimável, de onde o nardo exalava os aromas, que embalsamaram o leito do espóso.

A Igreja deve sem dúvida congratular-se pelos esforços, que empregamos para proclamar a exce-

lência de um herói tão assinalado; mas não devemos dissimular que o mais vivo reconhecimento está penhorado pela proteção constante de tão nobre varão junto ao trono de Deus, sobretudo, pela devoção sempre crescente no seio da Santa Igreja aos primeiros anos de vida da Virgem Santíssima, em que S. Joaquim e S. Ana desempenhavam o papel nobilíssimo da ereção da Torre de Marfim, obra de arte do Todo-Poderoso, onde param e se conservam extáticas todas as almas virtuosas até a consumação dos séculos.

S. Joaquim: varão extraordinário, aceitai o tributo de louvor de todos os devotos da Infância da Virgem Santíssima.

Em outras ocasiões a convicção do vosso poder sobrecarregou de oferendas o vosso altar. Hoje, a gratidão desperta as mais doces emoções; e os testemunhos do patrocínio mais prestante fazem arder aos pés de vossa Imagem perfumes mais suaves e de maior preço que os aromas custosos do Levante. Do céu acelerai o engrandecimento do culto da Infância da Virgem Santíssima e alargai o horizonte do fervor das virtudes que promanam do bercinho, que releve os vossos lábios presos de gratidão ao Deus de Israel, pela dádiva daquela que seria a Mãe do próprio Deus.

A Língua

José Oiticica

Língua em que falo e fala a minha gente
O' tu, formosa língua portuguesa,
Branda, sonora, enérgica, imponente,
Irmã gêmea da nossa natureza!

Patrimônio do povo que pressente
As glórias de um futuro a que estás presa,
Vais ser a língua deste continente...
Teus poetas vão cantar sua grandeza.

Sim! Não buscar, no teu vocabulário,
Todas as expressões de assombro e encanto
Que suscita este solo extraordinário.

E amplo na prosa e sem rival no verso,
Hão-de os homens sagrar-te, ó idioma santo,
Como a língua mais bela do universo!

MODA DE HOJE

COUTINHO

Aceita-se também o tecido para confecção

ALFAIATE

Uruguiana, 96 Fone: 43-6053

FOLHETIM

SANTA BERNADETTE

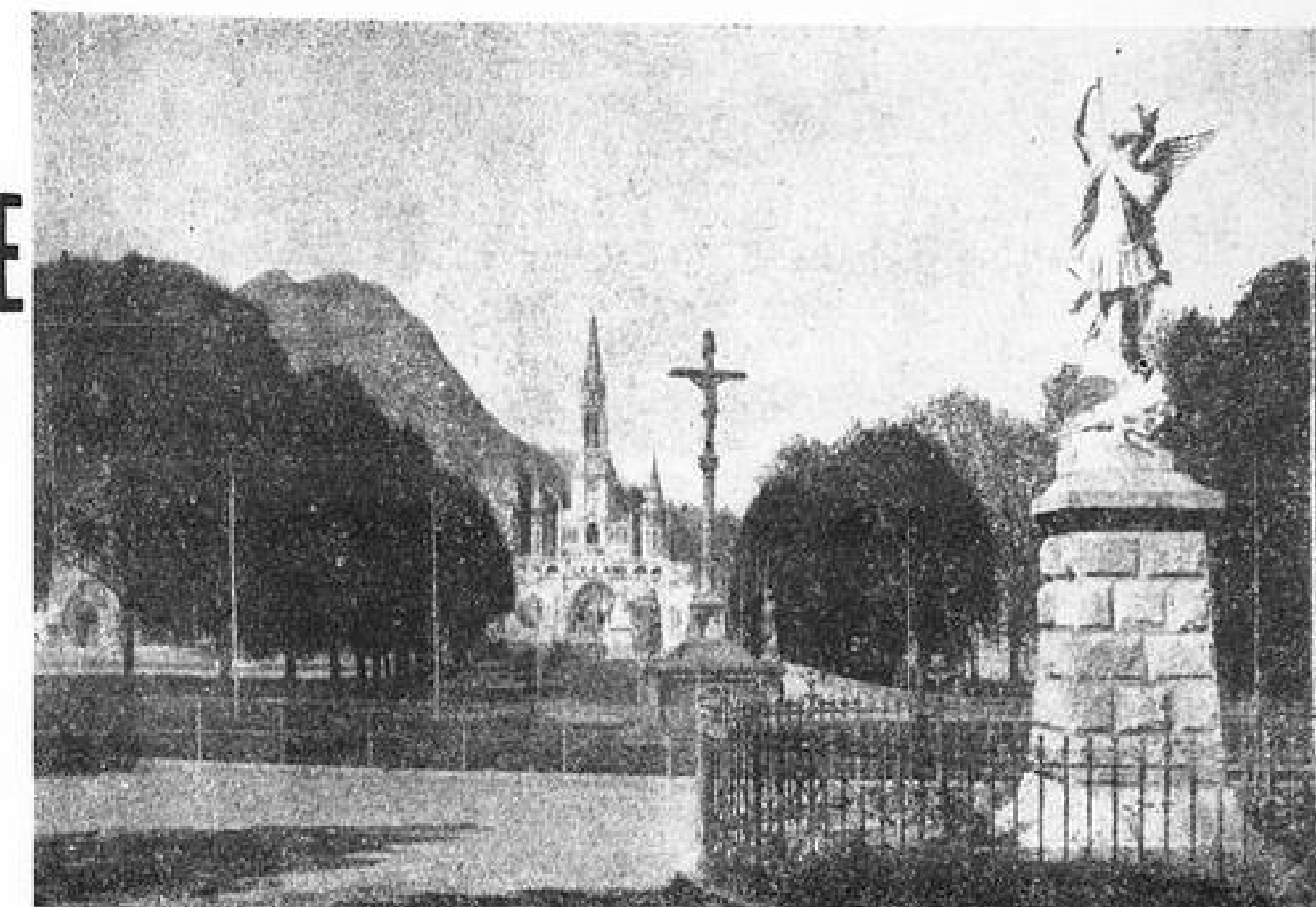
Versão de A. Peixoto do Amaral

A VIDA PÚBLICA

LIVRO I

Bernadette e as Aparições

(Continuação)



— Senhor Abade, eu venho da parte da "Senhora" que me aparece na Gruta de Massabielle...

— Sim, bem sei! — disse o Abade, interrompendo-a, — tu pretendes ter visões, e fazer andar toda a gente perdida com as tuas histórias. Que vem a ser tudo isso? Que foi que te sucedeu? Que fatos são esses que tu afirmas, sem que coisa alguma proves?

Bernadette estava triste, surpreendida mesmo, na sua inocência, pela fisionomia severa e pelo tom quasi duro, que o Abade Peyramale tinha tomado, recebendo-a ele, naturalmente tão bom, tão paternal e tão meigo com os seus paroquianos e, particularmente, com os pequenos e os humildes.

Socegada, porém, e na pacífica certeza da verdade, contou simplesmente o que o leitor já conhece.

O homem de Deus sabia ser superior às suas prevenções pessoais. Acostumado por uma longa prática a ler no fundo dos corações, admirava consigo próprio, enquanto ela falava, o caráter extraordinário e verdadeiro dessa menina do campo, expondo-lhe, na sua rústica linguagem, acontecimentos tão maravilhosos. Através desses olhos límpidos, por detrás desse cândido rosto, notava a profunda inocência dessa alma privilegiada. Era impossível à sua nobre e reta natureza ouvir um tal acento de verdade e olhar para essas feições harmoniosas e puras, em que tudo era bom, sem se sentir interiormente levado a acreditar na palavra dessa criança.

Os próprios incrédulos, como já tivemos ocasião de dizer, já não acusavam a sinceridade da Vidente. Nos seus êxtases a Verdade parecia sair da sua pessoa e irradiar, aquecendo os corações e dissipando, como ligeiras nuvens as confusas objeções do espirito. Tinha, numa palavra, essa criança extraordinária, em volta da fronte, como uma auréola de sinceridade, e a sua palavra tinha o dom de expulsar a dúvida.

Por muito inabalável e cerrado que fosse o caráter do Abade Peyramale, fosse qual fosse a sua ténpera intelectual e a sua firmeza de alma, por muito viva que fosse a sua desconfiança, sentiu o coração estranhamente abalado por uma emoção — aparentemente inexplicável — às pala-

bras dessa Bernadette, que ele ouvia pela primeira vez. Esse homem tão forte, sentia-se vencido por essa onipotente fraqueza. Todavia, tinha bastante império sobre si e muita prudência, para se deixar arrastar por uma impressão, que a pesar de tudo o podia enganar. Si fosse um simples particular, teria respondido à criança: "Creio em Ti". Mas como era Pastor de um vasto rebanho, proposto à guarda da verdade, tinha resolvido não se render, senão em face de provas palpáveis e visíveis. Nem um só músculo do rosto lhe atraíra a emoção interior.

Teve a difícil energia de conservar para com criança a sua fisionomia rude e severa.

— E tu não sabes o nome dessa Senhora?

— Não, Senhor — respondeu Bernadette. — Ela não me disse quem era.

— Os que te acreditam — replicou o Padre — imaginam que é a Santíssima Virgem. Mas sabes tu — acrescentou com voz grave e vagamente ameaçadora — que si é falso o que tu afirmas ver nessa Gruta, arriscas-te a nunca entrares no céu? Aqui só tu a pretendes ver. Lá em cima, si mentires neste mundo, os outros a verão; e tu serás, pelo teu engano, para sempre afastada dela, indo para o inferno.

— Eu não sei si é a Santíssima Virgem, Sr. Abade; mas vejo a Visão, como vos vejo a vós, e Ela fala-me, como vós me falais. E eu venho dizer-vos da sua parte, que Ela quer que lhe seja erigida uma Capela nas Rochas Massabielle, onde Ela me aparece.

O pároco olhou para esta menina, intimando-lhe com tão sincera segurança este pedido formal. E a pesar da sua emoção anterior, não ponde, perante a mesquinha aparência da mensageira do céu, deixar de sorrir-se do que ela dizia. A ideia de que esta criança estava iludida, sucedeu no seu espirito à emoção anterior e a dúvida voltou.

Mandou, pois, que Bernadette repetisse os próprios termos que tinha empregado a Senhora da Gruta.

— Depois de me ter confiado o segredo que me dizia respeito, e que eu não posso revelar, acrescentou: — "E agora, vai dizer aos Padres que Eu quero que se erija aqui uma Capela".

O deão de Lourdes conservou-se um momento silencioso. — "E afinal de contas — pensava ele — é possível!"

E esse pensamento de que a Mãe de Deus lhe enviava a ele, pobre desconhecido, uma mensagem direta, agitava-o e emocionava-o. Depois fixando os olhos de Bernadette, perguntava a si próprio: "Onde está, porém, a garantia que me oferece esta pequena? E quem me diz que tudo isto não é o ludíbrio de um engano?"

— Si a "Senhora" de que tu me falas é realmente a Rainha do Céu — respondeu ele, — serei diletoso de contribuir, na medida das minhas forças, em mandar fazer uma Capela. Mas a tua palavra não é uma certeza. Não sou obrigado a acreditar-te. Não sei quem é essa "Senhora" e por isso antes de me ocupar do que ela deseja, quero saber si ela tem direitos para isso.

Pede-lhe por conseguinte que me dê alguma prova do seu poder.

Como estivesse aberta a janela, olhou o pároco para o jardim, e viu a vegetação momentaneamente morta pela rigidez do gelo do inverno.

— Dizes-me que a Aparição fixa os pés sobre uma roseira brava, que sai das rochas. Estamos no mês de fevereiro. Dize-lhe da minha parte que, si Ela quer a Capela, faça florir a roseira.

E despediu a criança.

Rapidamente se soube em todos os seus pormenores este diálogo travado entre Bernadette, a mensageira do mundo invisível, e o Padre, venerado de todos, que era, nessa época, o Abade da cidade de Lourdes.

— Foi mal recebida, — diziam com alegria os sábios e os filósofos — há muita razão para crer nas imaginações de uma alucinada, e o bom Padre saiu-se infinitamente bem de uma situação difícil. Porque si ele caía em dar o seu assentimento a semelhante comédia, seria loucura inaceitável para um homem com tão firme razão e tão reta consciência; mas, si por outro lado opusesse ao pedido uma negação pura e simples, poderia fazer indignar toda essa multidão fanatizada. Em vez de naufragar nesse duplo escolho, em vez de se deixar prender nas pontas desse dilema, evita tranquilamente a dificuldade. E sem ir diretamente contra a crença popular, pede prova visível, palpável, certa, da Aparição, um milagre, numa palavra, isto é, o impossível. Condena a mentira ou a ilusão a refutarem-se a si próprias, e com o espinho de uma roseira brava faz rebentar esse grosso balão. E' muito bem achado!

Jacomel, Dutour e todos os seus amigos regozijavam-se dessa partida feita ao Ser invisível da Gruta.

— "A Aparição foi intimada a mostrar o seu passaporte." Era esta frase que se repelia em todos os círculos oficiais.

— A roseira florirá — diziam os mais firmes entre os crentes, os que estavam ainda sob a impressão do espetáculo de Bernadette em êxtase.

Mas um grande número, embora tivesse fé na Aparição, temia uma provação. E' assim feito o coração do homem. O centurião do Evangelho falava pela maior parte de todos nós, quando dizia: Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam — Senhor, creio, mas ajuda a minha incredulidade.

Uns e outros esperavam com impaciência o dia seguinte.

Muitos dos que por um desdém transcendente da superstição haviam até aí evitado encontrar-se junto da Gruta, para examinarem as coisas, resolveram comparecer no dia seguinte, afim de assistirem a decepção popular. Um deles foi o Sr. Estrada, esse recebedor das contribuições indiretas, de que falamos, e que tinha assistido em casa do Sr. Jacomet ao interrogatório da Vidente. Si bem se recordam tinha ele ficado então vivamente impressionado pelo estranho acento de sinceridade de Bernadette, e não podendo pôr em dúvida a boa fé da criança, havia atribuído tudo às consequências de uma alucinação. Algumas vezes, é certo, pondo de parte a sua impressão, inclinava-se para a solução de Jacomet, que continuava a não ver em tudo isso, senão uma comédia habilíssima e um milagre de impostura. A sua filosofia, firmissima além disso nos seus princípios, oscilava entre estas duas explicações, as únicas possíveis, na sua opinião. Era tal o seu desprezo por estas extravagâncias místicas, que nunca quisera assistir ao espetáculo das Rochas Massabielle. Decidiu-se todavia nesse dia a comparecer: um pouco para assistir a um espetáculo, um pouco para observar e um pouco também por comprazimento, afim de acompanhar sua irmã, muito comovida com estas narrações e algumas senhoras da vizinhança. Ele próprio nos contou as suas impressões issuspeitas.

— Cheguei, nos disse Ele, — muito disposto a examinar, e para falar toda a verdade, para me rir e regozijar esperando ver uma comédia, ou singularidades grotescas. Um povo imenso se aglomerava em torno dessas rochas selvagens. Eu me admirava da simplicidade de tantos nescios, e sorria-me à socapa da credulidade de uma multidão de mulheres que estavam beatificamente de joelhos em frente da Gruta.

"Tínhamos vindo muito cedo, e graças às minhas coloveladas, podemos, sem muita dificuldade, colocar-nos nas primeiras filas.

A hora do costume, isto é, ao nascer do sol, chegou Bernadette. Eu estava junto dela. Notei nas suas feições infantis, esse caráter de doçura, de inocência e de profunda tranquilidade, que me tinha emocionado alguns dias antes. Ajoelhou naturalmente, sem ostentação, nem embaraço, sem se preocupar com a multidão que a rodeava, como se estivesse absolutamente só, longe de toda a vista humana, numa Igreja, ou num bosque deserto. Tirou o rosário, e começou a orar. Bem depressa os olhos pareceram receber e refletir uma luz desconhecida; ficaram fixos, e detiveram-se maravilhados, encantados, radiantes de felicidade, sobre a abertura do rochedo.

"Mas, que lhe poderei eu dizer? Perante a transformação da criança caíram por terra todas as minhas prevenções anteriores, todas as minhas objeções filosóficas, todas as minhas negações preconcebidas. Tive então a certeza, a irresistível intuição de que se achava presente um Ser misterioso. Os meus olhos não o viam, mas a minha alma, e a dos inumeráveis espetadores desta hora solene, viam-no como eu, com a luz íntima da evidência. Sim, eu o atesto, um Ser divino estava presente. Súbita e completamente transfigurada, Bernadette não era já a mesma Bernadette. Era um anjo do céu abismado em inarráveis deslumbramentos.

(Continúa)

Mensageiro de N. S. Menina

Registrado no D.I.P. sob o número 10.581

Administração

CAPELA DE N. S. MENINA

Redação:

Rua Oto de Alencar, 20 — Fone 28-7823

Eseritório:

Rua da Constituição, 10 - 1. — Fone 22-7368
— Rio de Janeiro —

Sucursal-S. Paulo

Rua Libero Badaró, 314 - 3. — Sala 3

Proprietário e Diretor:

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo de Maura)
Revista Mensal Ilustrada, de caráter católico,
educativo e social, inspirada na devoção de
"NOSSA SENHORA MENINA"

ASSINATURAS:

Capital Federal (12 números)	20\$000
Nos Estados (12 números)	30\$000
Número avulso	2\$000
Número atrasado	4\$000

Da Capela de N. S. Menina

A Capela de N. S. Menina é na residência de Dom Carlos Duarte Costa, Bispo Titular de Maura.

Rua Oto de Alencar, 20. Fone: 28-7823.

Todos os dias, inclusive os domingos, Missa, às 7 horas.

Todos os sábados, terço, ladainha, bênção do Santíssimo e de Nossa Senhora, às 8 horas da noite.

Na véspera da primeira sexta-feira de cada mês, terço, ladainha, Hora Santa, terminando com a bênção do Santíssimo, às 8 horas da noite.

Nos domingos, dias santos e nas primeiras sexta-feiras de cada mês, a bênção é em seguida á Missa.

No dia 8 de cada mês, às 7 hs. — Missa pelos benfeitores vivos e defuntos, em seguida bênção do Santíssimo.

MAIS UM....

RCA Victor

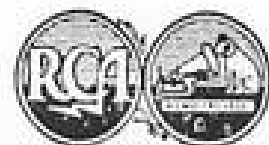
DE GRANDE VALOR!



MODELO "BROADWAY" Q 33

Este novo modelo, representa mais um triunfo da technica moderna da radio... uma obra prima de originalidade e belleza, uma criação da RCA VICTOR que todas as pessoas de fino gosto terão orgulho em possuir. 8 valvulas RCA. OLHO MAGICO. DESDOBRAMENTO DE FAIXA... facil de sintonizar em ondas curtas. Peça detalhes ao Agente RCA. VICTOR mais proximo.

• A VENDA NO RIO, NAS BÓAS CASAS DO RAMO •



Para obter uma boa recepção ... use valvulas RCA VICTOR

**Pleasant
programs!**

"ONDAS MUSICAIS"

ON THE AIR
every Tuesday, and on two Fridays each
month from 1 to 2 o'clock p. m.
55 minutes of musical entertainment
and a few words on electricity.
Complete programs are published in all
the principal morning papers
on the day of the broadcast.

LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE
"SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"

Typ. Baptista de Souza — R. da Misericórdia 51

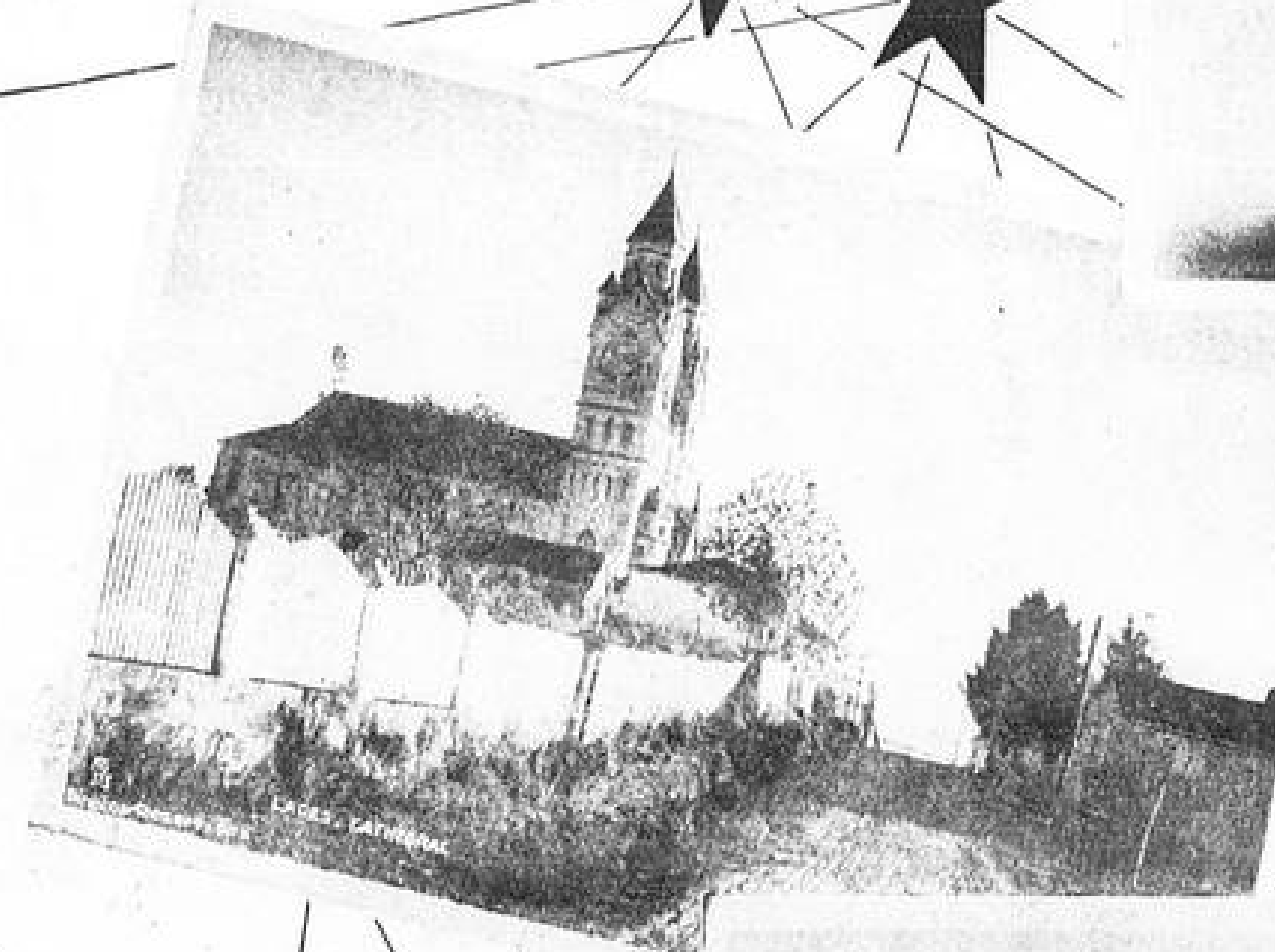
2\$ Mensageiro de N.S. Menina

Ano II

Outubro de 1941

Num. 18

IGREJAS do BRASIL



BN
3 339
20

BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL